

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REJANE KLEIN

**O DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS E A SUBJETIVAÇÃO  
DOCENTE: A DOCÊNCIA NA REDE**

CURITIBA  
2008

REJANE KLEIN

**O DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS E A SUBJETIVAÇÃO  
DOCENTE: A DOCÊNCIA NA REDE**

Tese apresentada ao Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr.  
Gilberto de Castro.

CURITIBA  
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.  
SISTEMAS DE BIBLIOTECAS. BIBLIOTECA CENTRAL  
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS.  
Ficha catalográfica

K64 Klein, Rejane  
O discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação  
docente: a docência na rede / Rejane Klein. – 2008.  
187f. : il.

Orientador: Gilberto de Castro  
Tese (doutorado)- Universidade Federal do Paraná,  
Setor de Educação, Programa de Pós -Graduação em  
Educação.  
Defesa: Curitiba, 2008.  
Inclui bibliografia e notas

1. Educação – Novas tecnologias. 2. Comunicação –  
Novas tecnologias – Teses. 3. Tecnologia educacional -  
Teses. 4. Docência – Teses. I. Castro, Gilberto de.  
II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 22.ed. 371. 334

Samira Elias Simões CRB-9 / 755

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador professor Gilberto de Castro pela presença, amizade e orientação tranqüila que trouxe muita confiança na busca de caminhos e na produção do texto.

À Capes, pelo financiamento do projeto.

Aos/as professores/professoras da linha de pesquisa Escola, Cultura e Ensino, especialmente às professoras Tânia Braga, Tânia Baibich, Maria Auxiliadora Schmidt, Gláucia Brito, Maria Rita César e Kátia Kasper e ao professor Gilberto de Castro, pelos seminários e debates entusiasmados.

Aos professores Pedro Luís Navarro, Gláucia Brito e Luís Ernesto Merkle, por aceitarem participar da banca de qualificação e pelas sugestões dadas.

À Ivete Brotto, por partilhar as angústias e alegrias durante a produção da tese.

Aos professores/as do Colegiado do Curso de Letras da Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon e aos colegas Alvorí Ahlert e Rita Melânea Webler, por me substituírem durante o período de afastamento.

À amiga de todas as horas, Rita Bottega, por compartilhar comigo de muitos momentos, principalmente deste.

Ao Capim por todos os momentos vividos. Ao Rodrigo e Giovanni, por estarem sempre presentes e darem sentido à minha vida.

Dedico este trabalho à minha mãe Clara Ana e aos meus amores: Capim,  
Giovanni e Rodrigo.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. Michel Foucault.

## Resumo

Os discursos que circularam na revista *Nova Escola* descritos nesta tese foram percebidos como material integrante de uma rede discursiva mais ampla. Procurou-se mostrar como se ensina modos de ser docente e de se exercer a docência nos artigos, nas propagandas e nas notícias veiculadas pela revista, tomando como recorte o tema sobre as novas tecnologias. Alguns enunciados propagados pela publicação podem ser observados também em outros materiais, tais como: nos textos que tratam da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, dos projetos de educação via rádio, televisão e correspondências e ainda dos programas de informatização das escolas públicas. Nos textos da revista, associam-se saberes pedagógicos e da comunicação, produzindo-se efeitos de verdade, através dos quais os/as docentes são nomeados, classificados e posicionados. Os efeitos de verdade são criados através da recorrência a outros campos do saber e, também, por meio de alguns procedimentos observados na confecção da publicação, dentre eles: a recorrência à lógica binária, representando-se um certo modo de ser docente como modelo ideal e um outro como ultrapassado. Dentre os procedimentos, utiliza-se o passo-a-passo, ativando o dispositivo da gradualidade e os relatos de experiência apresentados como exemplos de práticas bem sucedidas. A análise do discurso aqui utilizada ancorou-se na perspectiva foucaultiana, valendo-se dos estudos arqueológicos e genealógicos. Nos discursos da revista são construídos dois modos de ser docente e de exercer a docência: o/a docente da era tecnológica e o da era pré-digital. O primeiro é mostrado como um sujeito pertencente à cultura digital ou em processo de aprendizagem desta. Este é representado como um sujeito autônomo, cooperativo, democrático, esforçado e criativo. É nomeado como professor/a pontocom, plugado/a, conectado/a. Exerce a docência interagindo com seus/suas alunos/as, é aberto a críticas, troca experiências com outros/as professores/as através da internet, atualiza-se constantemente. O segundo é mostrado como autoritário, despreparado, dependente e antiquado. Na sala de aula, torna os alunos/as passivos, o conhecimento está centrado nele/a, não aceita críticas. De modo geral, é classificado como tradicional e as deficiências da escola são atribuídas aos professores/as adeptos desta prática. Os/as docentes que se negam ou rejeitam a informatização das escolas não aparecem no discurso descrito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso, tecnologias, subjetivação, mídia impressa.

## Abstract

The discourses conveyed by *Nova Escola* magazine, and described in this thesis, were perceived as a kind of material that integrates a wider discursive net. This work aimed to show how teachers and their teaching practice should be through the articles, ads and news issued by the magazine view, focusing the themes that dealt with the new technologies. Some statements published by it can be also noted in other materials, such as: the texts referring to the Ministry of Science and Technology creation, the ones referring to educational projects developed by radio, television and mail, as well as the ones referring to public schools computerization programs. In the magazine's texts, pedagogical knowledge are associated to journalistic ones, generating truthful effects, through the ones the teachers are nominated, classified and graded. The truthful effects are created by means of reference to other knowledge fields and through some proceedings noted in the framing of the publication, namely: the reference to the binary logic as representative of a certain way of being a teacher as an ideal model, compared to another considered as a surpassed one. Among the proceedings, the step-by-step one is employed in order to activate the gradability device and the experience reports are presented as patterns of well succeeded practices. The discourse analysis adopted here is based on Foucault's perspective, helped by archeological and genealogical studies. In the magazine's discourses, two distinct ways of being a teacher and the teaching practice are built: the teacher of the technological era and the pre-digital one. The former is presented as an individual who belongs to the digital culture or who is in process of learning it, represented as an autonomous, cooperative, democratic, industrious and creative fellow. Known by such adjectives like teacher.com, plugged teacher, and connected teacher, he/she teaches interacting with the students, is receptive to criticism, changes experiences with other teachers through the internet and is constantly updating himself/herself. The latter is shown as an authoritarian, disqualified, dependent and old-fashioned individual who turns the students into passive beings in his/her classroom, who centralizes and owns the knowledge and is not receptive to criticism. Generally speaking, he/she is classified as a traditional teacher and the school's deficiencies are assigned to people who adopt these practices, like them. The teachers who deny or reject the computerization in the schools do not appear in the discourses described.

Key words: discourse, technologies, subjection, printed media.



## Índice de Ilustrações

Figura 1 Revista Nova Escola, Maio de 2000.....	12
Figura 2 Imagem retirada do site <a href="http://www.proinfo.mec.gov.br">www.proinfo.mec.gov.br</a> em 24/07/2007.....	91
Figura 3 revista Nova Escola, Maio de 2000.....	125
Figura 4 revista Nova Escola, Março de 1998.....	141
Figura 5 Revista Nova Escola, dezembro de 2003.....	156
Figura 6 Revista Nova Escola, Março de 2004.....	158
Figura 7 Revista Nova escola, Jan/Fev de 2005.....	160
Figura 8 Revista Nova Escola, Dezembro de 1998.....	162
Figura 9 Revista Nova Escola, setembro de 1997.....	164

## Sumário

O Discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação docente: a docência na rede.....	2
Agradecimentos.....	4
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Índice de ilustrações.....	9
Sumário.....	10
<b>Capítulo I</b> .....	11
1.1.Introdução- sobre o tema.....	13
1.2. Foucault – três momentos.....	24
1.3. Sobre o material e o referencial teórico- metodológico.....	27
1.4. Estudos sobre formação docente.....	41
1.5. A formação docente na era das novas tecnologias.....	48
1.6. Alguns estudos sobre revistas para professores/as.....	55
<b>Capítulo II AS TECNOLOGIAS: CONSTRUINDO OUTROS SENTIDOS PARA A ESCOLA</b> .....	61
2.1. Discursos sobre desenvolvimento, educação e tecnologia.....	62
2.2. As tecnologias – outras formas de escolarização.....	75
2.3. Projetos e programas – iniciativas de informatização das escolas brasileiras.....	78
2.4.A discursivização da informatização das escolas públicas – O PROINFO.....	89
<b>Capítulo III OS DISCURSOS SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS CONSTRUINDO SIGNIFICADOS SOBRE O DOCENTE E A DOCÊNCIA</b> .....	103
3.1. Situando a revista.....	104
3.2.Editoriais de Nova Escola – ponto de encontro entre revista e leitor/a.....	113
3.3.Seção Navegar é preciso – sentidos sobre o fazer docente.....	120
3.4. Reportagens-capa.....	139
3.5. Nas propagandas – outros instrumentos para ensinar.....	156
3.6. Considerações finais.....	168
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	180
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b> .....	182
<b>REVISTA NOVA ESCOLA (SEÇÕES ANALISADAS)</b> .....	184

## **CAPÍTULO I**

### **DELIMITAÇÃO DO RECORTE TEMÁTICO – TEÓRICO E METODOLÓGICO**

Pensar e analisar as práticas significa aceitar que não destruiremos o grande mal, nem faremos irromper o grande e belo absoluto da total liberação; significa que, modestamente, podemos estar participando da reescrita de nós mesmos, do estabelecimento de uma nova prática [...]. Rosa Maria Bueno Fischer.



Figura 1 Revista Nova Escola, Maio de 2000

“Eu Guardo toda a informação do mundo em meu quarto”

## 1.1. Introdução – sobre o tema

A mulher conectada ao mundo através do *Universo On-Line* e a frase em destaque “*Eu guardo toda informação do mundo em meu quarto*” que aparece na revista *Nova Escola* remete a um tema que, contando com a mídia<sup>1</sup> impressa e televisiva, torna-se cada vez mais presente no cotidiano, modificando o modo como as pessoas vivem e pensam. Cito alguns outros exemplos: *Os filhos da Era digital*<sup>2</sup>, *domésticas higt-tech*<sup>3</sup>, *o professor brasileiro está cada dia mais plugado*<sup>4</sup>, *sala de aula do futuro – sem canetas, lápis, nem borracha*<sup>5</sup> .... Como se vê, a mídia impressa e televisiva dissemina discursos sobre as novas tecnologias, apresentando como estas vêm modificando a vida das pessoas. No entanto, a mídia é apenas um dos espaços na qual este tema é tratado. Segundo Pierre Lévy,

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como ‘novas tecnologias’ recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda sua opacidade, é a atividade dos outros, que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, da técnica<sup>6</sup>.

A imagem da mulher conectada ao mundo através do *Universo On Line* nos remete a uma outra cultura que está em construção, que possui como elementos centrais as novas tecnologias. Como diz Lévy, mundo que envolve objetos materiais construídos pelos homens através do avanço da técnica e que retroage sobre estes mesmos homens gerando outros modos de ser que

---

<sup>1</sup> Refiro-me a diversos meios, tais como: o rádio, a tevê, o cinema, as revistas e, mais recentemente, o computador e a internet. Esses meios resultaram do avanço científico e tecnológico. Nesta tese são denominados como tecnologias que possibilitam a disseminação de informações de forma cada vez mais rápida e que, no processo de escolarização, assumem funções bem específicas. O computador e a internet também são utilizados como instrumentos da mídia e serão denominados neste trabalho como novas tecnologias.

<sup>2</sup> Reportagem publicada na Revista Época – set. 2007.

<sup>3</sup> Matéria exibida no Fantástico, em 08/01/2006.

<sup>4</sup> Manchete publicada na Revista Nova Escola – novembro 2007.

<sup>5</sup> Reportagem exibida no Jornal Nacional em 13/11/2007.

<sup>6</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, 28.

causam estranheza, euforia, insegurança, pois se está diante de um “devir coletivo complexo”. É um outro modo de ser, pensar e viver que está em construção e, ao mesmo tempo, é experienciado pelas pessoas, colocando-as diante de novos desafios. Conforme o autor,

[...] Quanto mais rápida é a alteração técnica, mais nos parece vir do exterior. Além disso, o sentimento de estranheza cresce com a separação das atividades e a opacidade dos processos sociais. É aqui que intervém o papel da inteligência coletiva que é um dos principais motores da cibercultura [...]<sup>7</sup>.

Para Lévy, o sentimento de estranheza torna-se insignificante diante das possibilidades que o avanço tecnológico proporciona, pois a cibercultura resulta na construção da inteligência coletiva,<sup>8</sup> permitindo que,

Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam idéias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. Informatas de todas as partes do planeta ajudam-se mutuamente para resolver problemas de programação. O especialista de uma tecnologia ajuda um novato enquanto outro especialista o inicia, por sua vez, em um campo no qual ele tem menos conhecimentos.<sup>9</sup>

O avanço tecnológico possibilita a comunicação rápida, a troca de idéias, de experiências e de conhecimentos entre pessoas que não se conhecem fisicamente. Permite, ainda, a ajuda mútua entre iniciantes e especialistas. A inteligência coletiva pode ser construída e propagada entre pessoas de diversos lugares. Assim, tanto na propaganda quanto no texto de Lévy mostram-se as conquistas que estas novas ferramentas permitem. No entanto, quando os diversos artefatos da mídia falam de novas tecnologias, mostrando as possibilidades que estas ferramentas propiciam, estão, simultaneamente, construindo outros modos de ser e estar no mundo, por isso, deve ser estudada, debatida, interrogada. Problematizá-las não significa negar sua importância e muito menos colocar-se contra o avanço tecnológico.

<sup>7</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p.28.

<sup>8</sup> Para Lévy, a inteligência coletiva pode ser definida como a capacidade de trocar idéias, compartilhar informações e interesses comuns, criando comunidades e estimulando conexões. Assim como o cérebro humano estabelece milhares de conexões, o computador permitiria integrar uma ‘constelação de neurônios’ com milhões de outras pessoas. Entrevista concedida à Revista Nova Escola, em agosto de 2003, p. 24.

<sup>9</sup> Idem.

Contudo, quando a mídia, de modo geral, trata do tema, exerce sobre nós uma pedagogia. De acordo com a definição do Dicionário Michaelis, o termo pedagogia pode ser definido como: “*estudo teórico ou prático das questões da educação, como: arte de instruir, ensinar ou educar crianças e ainda como: conjunto de idéias de um educador prático ou teorista em educação: A pedagogia de Froebel, a pedagogia de Rui Barbosa*”<sup>10</sup>. Quando me refiro a pedagogia da mídia entendo-a na segunda acepção, como meio que instrui, ensina modos de pensar, ser e viver.

Assim, a mulher conectada ao *Universo On Line* é mostrada como alguém que está à frente de outras mulheres do seu tempo, pois domina a tecnologia do computador e da internet e, por isso, possui muitas informações, mesmo sem sair de seu quarto. Ao invés de sair em busca de informações, estas chegam até a mulher em sua casa através do computador e da internet.

Na matéria publicada na revista *Época*, em 2007, denominada “*Os filhos da Era Digital*”, mostrou-se como crianças de quatro, cinco e seis anos pensam, agem, aprendem e brincam na *Era Digital*. As crianças nascidas na era da internet são denominadas de nativas; os adultos e adolescentes que nasceram antes deste período e que se adaptaram à internet são denominados de imigrantes. O imigrante vem de uma terra distante, possui uma outra cultura e, para conviver com o novo, o diferente, precisa aprender novos hábitos, valores, formas de ser e de viver. Os imigrantes são todos/as aqueles/as que nasceram antes da disseminação da tecnologia digital. A este grupo incluem-se os professores/as. O texto sinaliza que a memória, a capacidade de adaptar-se à inovação, à sociabilidade, à leitura e a maneira de pesquisar de adultos e crianças é bem diferente entre nativos e imigrantes. Os nativos são apresentados como sujeitos que não se prendem aos textos impressos, usam da tecnologia com desenvoltura. Já os imigrantes são representados como sujeitos desconfiados em relação à internet, preferindo textos impressos, pois possuem pensamento linear. Na reportagem apresentam-se apenas dois grupos bem distintos: os nativos e os imigrantes. As pessoas que encontram dificuldades em realizar as tarefas diárias porque não dominam o computador e a internet e aquelas que não têm acesso a elas não são mostradas no texto.

---

<sup>10</sup> PEDAGOGIA In: MICHAELIS. **Moderno dicionário de língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 1577.

Na matéria exibida pelo *Fantástico*, a empregada *higt-tech* trabalha numa casa que funciona movida por botões. Isso exigiu que a mulher aprendesse a manejar controles remotos para abrir cortinas, para acender luzes e ligar a bomba da piscina. Noutra residência, outra doméstica usa celular para ler os torpedos que o namorado lhe envia em inglês. Relata-se que a moça conheceu o namorado através do computador e na reportagem faz-se uma analogia entre a empregada com a personagem *Marinete* do programa *A diarista*<sup>11</sup>, mencionando-se que *Marinete* passa o tempo todo falando ao celular. Já a revista *Nova Escola* noticia, nas primeiras páginas da edição de novembro 2007, que “o professor brasileiro está cada vez mais plugado”.

Uma das novidades mais recentes do mundo virtual diz respeito ao aspecto religioso. O jornal da tarde da Rede Globo denominado *Jornal Hoje*, noticiou no dia 11/10/2007, véspera do feriado de Nossa Senhora Aparecida, que os fiéis impossibilitados de irem ao Santuário poderiam fazer suas preces e acender velas virtualmente. Provavelmente, o Santuário criado para Frei Galvão, que foi canonizado recentemente, adotou o mesmo sistema.

O mesmo tele-jornal apresentou uma matéria sobre a infância moderna e o debate recaiu sobre o modo como as crianças brincam, segundo o jornal, grande parte do dia é consumido diante do vídeo-game, gasto nos jogos de computador e nas opções da internet. Em cada uma das reportagens e/ou propaganda a ênfase recai sobre a maneira como as tecnologias, incluindo-se o computador e a internet, modificam a vida das pessoas.

As novas tecnologias apresentadas pela mídia mostram um mundo diferente daquele que vivíamos anteriormente, sugerindo que somos imigrantes da era digital. A maneira de se relacionar com as pessoas, de pensar e de agir transforma-se a cada dia. Tais modificações perpassam as mais diversas atividades, por exemplo: no banco, efetuamos nosso auto-atendimento; compramos por meio do computador; pesquisamos, conhecemos e interagimos virtualmente com pessoas e lugares desconhecidos.

A mídia impressa e televisiva faz circular discursos e exerce sobre nós certa pedagogia,<sup>12</sup> por isso, tem despertado a atenção de muitos

<sup>11</sup> Programa humorístico exibido pela Rede Globo até o ano de 2006.

<sup>12</sup> A pedagogia da mídia se exerce através dos vários meios, tais como: revistas, jornais, programas de tevê, internet. Os textos que ali circulam nos ensinam coisas e, através de seus discursos, nos subjetivam. Nesta tese, pedagogia da mídia e pedagogia cultural serão



pesquisadores. Nilson Dinis escreve que “[...] *na modernidade, a mídia torna-se um elemento de formação cultural com igual ou maior presença do que a formação escolar, [...]*”<sup>13</sup>. De fato, podemos dizer que, enquanto a escola ocupa quatro horas na vida das crianças, jovens e adultos, a mídia está presente em todos os lugares por onde as pessoas passam. A televisão, o rádio, o computador, os jornais, a internet, as músicas e as revistas ocupam espaços cada vez maiores. Esses meios não apresentam apenas imagens, sons e textos, mas fazem circular discursos através dos quais instauram-se políticas de verdade sobre os modos de ser homem, mulher, criança, adolescente e professor/a, instaurando processos de subjetivação. Mas isso não é tudo. Conforme Douglas Kellner,

As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global.<sup>14</sup>

O autor problematiza os meios midiáticos, mostrando que eles são elementos centrais na sociedade contemporânea. O rádio, a tevê, os jornais, as revistas, o computador e a internet incorporam-se ao tempo do lazer e às atividades do dia-a-dia. Por isso, precisam ser descritas; além de estarem constantemente presentes, produzem e fazem proliferar a cultura e criam políticas de verdade, ensinando modos de ser e pensar. Tal fenômeno resulta na incorporação de uma cultura comum por pessoas que vivem distantes entre si. Pode-se dizer que, de certa forma, homogeneízam-se padrões, criando-se uma cultura globalizada.

utilizados como termos similares, pois a pedagogia da mídia se dá através dos discursos que circulam nos vários meios midiáticos, ensinam coisas, veiculam e criam cultura. A cultura é entendida aqui como “[...] Aquela dimensão que atravessa a vida contemporânea de forma central e que pode incorporar outros significados quando flexionado no plural – culturas –, distanciando-se de um padrão único e universal que tem dominado o entendimento desse conceito, na modernidade, e contribuído para a produção de uma noção hegemônica de cultura”. FABRIS, Eli T. Henn. **Em cartaz o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente**. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

<sup>13</sup> Nilson Fernandes. Apresentação. Revista EDUCAR, **Dossiê: Mídia e educação: novos sujeitos e novas pedagogias**. Curitiba, n. 26 dez/2005, p.13.

<sup>14</sup> KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001, p.09.

Por isso, muitos pesquisadores vêm se ocupando em pesquisar revistas, filmes, materiais didáticos, programas de televisão, jornais e, mais recentemente, as novas tecnologias. Fischer, por exemplo, analisa os discursos da mídia estabelecendo conexão com pesquisas educacionais.

Conforme a autora,

[...] a análise do discurso da mídia, nas pesquisas educacionais, precisa dar conta exatamente dessa complexa trama – de uma linguagem específica, [...], em correlação com os sentidos que nela circulam e são construídos, elementos que não se separam de modos de ser e estar, ensinado no interior de práticas de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos [...]<sup>15</sup>.

No âmbito da educação, as investigações da linguagem midiática, das práticas de produção, veiculação e de recepção possibilitam apreender como se constroem os sentidos sobre o modo de ser homem, mulher, criança e jovem, mas também sobre a maneira de ser professor/a, aluno/a e escola na era da tecnologia. Assim, é necessário mergulhar em sua linguagem, linguagem pedagógica e a da comunicação que se expressa nas reportagens, propagandas e notícias sobre novas tecnologias para apreender quais sentidos e significados se constroem sobre o ensinar e aprender e perceber, através deles, como e o que se quer ensinar aos professores/as.

As pesquisas sobre mídia são desenvolvidas em várias áreas do conhecimento. Abrangem diversos artefatos,<sup>16</sup> tais como as revistas elaboradas para professores. *Nova Escola*, por exemplo, vem sendo estudada por pesquisadores que atuam na área da educação sob diferentes enfoques, como veremos adiante. Trata-se de uma publicação que pode ser considerada “pedagógica de cunho comercial” e, segundo Gentil<sup>17</sup> (2006), a mais barata

<sup>15</sup> FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.20, p. 89, maio/jun/jul/ago, 2002.

<sup>16</sup> Fabris explica que “Artefato é qualquer objeto que possui um conjunto de significados construídos sobre si. Ao associarmos o objeto aos seus significados estamos em relação com um artefato cultural. É com este sentido que utilizo o termo artefato cultural em relação à revista Nova Escola. Ver FABRIS, Eli Henn. **Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante**. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Estudos culturais em educação**, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 258.

<sup>17</sup> GENTIL, Mônica Salles. **Revistas da área da educação e professores – interlocuções**. 160 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 2006. Disponível em [libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls000378392](http://libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls000378392). Acesso em 10/09/2007.

deste gênero. Pode-se dizer que o preço e o fato de a Fundação que mantém a revista possuir um convênio com o Ministério da Educação garantem-lhe grande circulação nacional. Conforme Grossi “*Todo mês, mais de 620 mil exemplares são distribuídos nas grandes cidades – e também nas escolas rurais mais remotas – com o mesmo objetivo idealizado por seu criador: ajudar a melhorar a qualidade de ensino em nossas salas de aula*” [...] <sup>18</sup>. Dirigida preferencialmente ao Magistério das primeiras séries do Ensino Fundamental, circula há 22 (vinte e dois anos) e, de acordo com as pesquisas realizadas por Marisa Vorraber Costa e Marzola (2000), Pedroso (1999) Silveira (2006) e Gentil (2006), *Nova Escola* tem grande circulação entre os/as professores/as brasileiros/as.

A revista *Nova Escola* é um artefato da mídia impressa que produz e faz circular discursos, mas de acordo com sua especificidade. A citada revista pode ser considerada uma publicação pedagógica uma vez que se dirige aos professores/as e trata de temas relativos ao trabalho em sala de aula.

Para mim, *Nova Escola* é um artefato cultural que, através de seus discursos, exerce uma pedagogia, ensinando certos modos de ser e pensar. Tal fenômeno pode ser percebido na forma como a revista é produzida, na definição do público leitor, na linguagem que utiliza e nos objetivos da publicação.

Os discursos que circulam através da mídia televisiva e impressa sobre as novas tecnologias referem-se a coisas, pessoas, modos de viver nos mais diversos espaços. A escola e o professor também são inseridos nesta ordem do discurso. No entanto, *Nova Escola* apresenta uma contribuição significativa na disseminação dos modos de pensar e agir na escola, mas agora focalizando, mais especificamente, o uso do computador e da internet. Através de reportagens, propagandas, entrevistas emergem enunciados que se materializam como verdades sobre os procedimentos e comportamentos necessários para quem quiser tornar-se escola, professor/a e o/a aluno/a da era tecnológica.

Nas matérias ali veiculadas, o computador e a internet estão chegando às escolas, isso pode ser observado também nos textos que tratam da

---

<sup>18</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro professor. **Nova Escola**. São Paulo. Ano XXII, n. 199, p.06 jan/fev, 2007.

informatização das escolas públicas no âmbito Federal, Estadual e Municipal e por meio de vivências e experiências que alunos e professores trazem do espaço extra-escolar. Enfim, o tema aparece como algo de extrema relevância nos diferentes artefatos da mídia, impulsionados e respaldados por iniciativas oriundas de outros espaços. No entanto, podemos interrogar: como tais conjuntos de enunciados puderam emergir e serem aceitos como verdadeiros?

Pode-se dizer que os enunciados propagados por *Nova Escola* estão inter-relacionados com os debates e as políticas que concebiam a tecnologia como um outro modo de ensinar. Assim, a utilização de tecnologias nas escolas não é algo novo, pois, desde a década de 60, defendia-se a tese de que os meios de comunicação fossem utilizados como ferramentas ideais para acelerar e ou aprimorar a escolarização dos brasileiros. O alto índice de analfabetismo daquele período servia como argumento para a implantação urgente de tais instrumentos no meio escolar.

As iniciativas em torno da escolarização e profissionalização da população brasileira coincidia com a defesa da criação do Ministério da Ciência Tecnologia. Para certos políticos da época, o Brasil carecia de tecnologia própria e por isso precisava investir na formação de pesquisadores. Como o país possuía uma grande carência de profissionais nos mais diversos campos e os índices de escolarização eram considerados muito baixos, pensadores como Niskier, políticos, empresários e outros intelectuais passaram a defender que os meios de comunicação<sup>19</sup> fossem utilizados na formação de profissionais, entre eles os/as professores/as. Assim, o rádio, a televisão, o vídeo, o telefone e o fax, além de estarem incorporados ao cotidiano das pessoas, passaram a ser pensados como instrumentos para ensinar e aprender, visando a uma escolarização mais rápida e menos dispendiosa. Inicialmente, os cursos de escolarização e formação profissional eram veiculados por correspondência e/ou através do rádio. Em meados do século XX, passou-se a utilizar a televisão via satélite; ainda na década de 60, realizaram-se experimentos, ainda que localizados, para a utilização do computador como máquina de ensinar.

---

<sup>19</sup> Os meios de comunicação e da informação, tais como: o rádio, a televisão via satélite e alguns cursos por correspondência que eram desenvolvidos nas décadas de 60/70.

No entanto, passaram-se quase duas décadas e meia para que se criasse um programa nacional de informatização das escolas públicas brasileiras, fato que ocorreu a partir do ano de 1997, com a criação do *Programa Nacional de Informática na Escola* - PROINFO. Além disso, foi implementada a Tevê Escola, criaram-se os Portais Educativos, disseminaram-se os cursos à distância. Todas essas iniciativas possibilitaram a discursivização em torno da utilização das novas tecnologias, especialmente, o computador e a internet na escola.

Assim, as experiências que precederam a informatização das escolas públicas, o debate em torno da Ciência e Tecnologia, a criação de tecnologia própria brasileira, visando ao desenvolvimento da nação, colocam-se como condições de possibilidade para a discursivização das novas tecnologias nos diversos artefatos da mídia, no final da década de 90 e anos 2000. Essas iniciativas serão apresentadas no segundo capítulo desta tese.

Nos discursos sobre a inserção do computador e da internet na sala de aula emergem enunciados que se materializaram nos textos mencionados anteriormente e ainda se criam e se propagam através da mídia impressa e televisiva, fazendo emergir novos objetos e discursos. A centralidade deste tema que, na atualidade, aparece como prática alicerçada em saberes que, por sua vez, engendram políticas de verdades, ativando relações de poder e processos de subjetivação, desafia-me à descrição desses enunciados. A importância deste estudo se reforça, uma vez mais, porque tal temática aparece de uma maneira contundente numa revista que possui grande circulação nas escolas e é lida por muitos professores. Além disso, trata-se de um elo pertencente a uma rede de discursos e de saberes que incluem os programas de informatização e de disseminação do uso das novas tecnologias que, na atualidade, situa-se na ordem do discurso aceito e validado. As matérias ali veiculadas exercem uma pedagogia que pretende promover modificações na cultura escolar. Assim, a revista aparece como um meio que condensou o discurso sobre novas tecnologias, especialmente a partir de 1997, portanto, um ano após o lançamento da Tevê Escola e do Programa PROINFO. Por esses motivos é que *Nova Escola* será tomada como foco central nesta pesquisa.

Deste modo, o objetivo central deste estudo é compreender como são construídos o docente e a docência nas reportagens, nas propagandas e nas notícias veiculadas pela Revista, tomando como recorte o tema sobre as novas tecnologias. Entendo que a *Nova Escola* é superfície de emergência do discurso sobre novas tecnologias na escola e tem suas condições de existência a partir de um projeto social mais amplo em que se defendia o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia visando o progresso da nação. Desse modo, alguns enunciados que emergem no discurso da Revista aparecem também no discurso em defesa da Ciência e Tecnologia, nas iniciativas em educação à distância e nos projetos que antecederam os programas de informatização das escolas públicas.

Entendo que ao discutir a importância do uso dos computadores e da internet, ao mostrar como o professor deve fazer para comprar uma máquina adequada ou ao relatar experiências de sala de aula bem sucedidas, a revista ativa enunciados que circulam em outros espaços, reforçando certos padrões e conceitos, colocando em circulação verdades sobre como ser escola, professor/a e aluno/a na era da tecnologia.

Para Marisa Vorraber Costa, “aquilo que chamamos de ‘verdade’ é produzido na forma de discursos sobre as coisas do mundo, segundo regimes regidos pelo poder”<sup>20</sup>. Assim, o *Jornal Nacional*, a revista *Época*, a *Nova Escola*, o *Fantástico* são meios midiáticos que fazem circular enunciados, colocando a temática das novas tecnologias e, através deles, criam verdades sobre como ensinar e aprender. Dos discursos construídos, pode-se extrair enunciados que aparecem nas diferentes instâncias da mídia, que reafirmam certas verdades aceitas e reconhecidas, negando e excluindo outras e criando novas. Conforme Foucault,

[...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a

---

<sup>20</sup> COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Estudos culturais em educação**, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 76.

obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro<sup>21</sup>.

No caso desta pesquisa, as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, que se materializam no discurso sobre novas tecnologias que circulam na mídia impressa e televisiva incluindo-se a Revista *Nova Escola*, aparecem ainda nas políticas públicas para a informatização da sociedade brasileira, em projetos acompanhados pelas universidades, na voz de especialistas em educação e tecnologia e nas técnicas e procedimentos que se utilizam para a confecção da Revista *Nova Escola*. Costa, M.V. menciona que,

[...] Quando freqüentam com regularidade e familiarmente as páginas da revista *Nova Escola*, interagindo com suas vinhetas, manchetes, ilustrações, textos, legendas, cartas, etc., professoras e professores vão participando de uma estratégia de governo que estrutura seu campo de ação, produzindo uma forma de sujeição e subjetivação.<sup>22</sup>

Pode-se dizer que esta estratégia de governo perpassa pela elaboração da Revista desde a escolha dos temas que circularão em cada edição até a disposição das matérias, a organização das imagens, a seleção das cartas e assim por diante. Segundo a autora,

Chamadas como '*Nova Escola* é o braço direito do professor' ou 'para você acompanhar as mudanças em todas as áreas, nada melhor do que contar com *Nova Escola*', bem como frases do tipo 'com a participação de professores de todo o país, a revista amplia os horizontes e se aproxima mais dos problemas e da realidade da educação brasileira' – vão tornando incontestáveis as 'verdades' disseminadas por suas páginas. Quem ousaria discordar dos(as) especialistas que formulam suas sábias e contenciosas explicações, a convite da revista ou por solicitação dos (as) próprios (as) leitores (as), diante do anúncio 'Elaborada e assessorada pelos profissionais mais competentes'<sup>23</sup>?

Entendo que a *Nova Escola*, ao veicular o tema novas tecnologias cria sua política geral de verdade, porque a Revista (assim como as outras) faz parte de uma rede de discursos e saberes mais amplos. Isso significa que a

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 12.

<sup>22</sup> COSTA, M. V. Ibidem, p. 80.

<sup>23</sup> COSTA. M.V. Idem.

revista participa de um “[...] conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; [...]”<sup>24</sup> ao dizer certas coisas sobre o/a docente e a docência na era da tecnologia.

Assim, nesta tese, atendendo ao objetivo geral já traçado, proponho descrever o discurso sobre novas tecnologias endereçadas a professores/as que circulam na revista *Nova Escola*, procurando perceber como neste discurso se constrói o/a docente e a docência. Para as análises utilizo a arqueo-genealogia (LIMA, 2004)<sup>25</sup> e focalizo três pontos principais: a partir dos estudos arqueológicos de Foucault, busco: descrever como o discurso sobre novas tecnologias pôde emergir, ser validado e reconhecido como verdadeiro a partir de meados da década de 90; explicitar as relações de poder e saber presentes nos enunciados que circulam no discurso da revista; evidenciar as práticas subjetivadoras, descrevendo como os sujeitos professores/as são posicionados. Desse modo, recorrerei aos estudos foucaultianos, abrangendo os três momentos de sua obra. Na seqüência, tratarei brevemente desses estudos.

## 1.2. Foucault – três momentos

A obra de Foucault passou por três momentos. Para situá-los recorro aos estudos realizados por Veiga Neto (2003) e Machado (1982). Segundo os autores, a primeira fase, denominada de Arqueológica ou “domínio ser-saber”, contempla as obras: *História da loucura*, *Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*. Em cada obra dessas Foucault respondia a interrogações específicas, mas, no conjunto da “fase arqueológica”, o objetivo foi interrogar a formação dos saberes. A fase genealógica, ou “domínio: ser-poder,” contempla as obras: *Ordem do discurso*, *Vigiar e punir* e *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Nestas, interroga as relações de poder, os

---

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. Ibidem, p. 12.

<sup>25</sup> LIMA, Homero Luís Alves. **Do corpo-máquina ao corpo-informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico**. 2004. 317 f. Tese (Doutorado) em Sociologia – Centro de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em [www.boletimef.org/?Canal=12&file=757](http://www.boletimef.org/?Canal=12&file=757). Acesso em 20/09/2006.



regimes de verdade e os efeitos do poder constituindo corpos. A terceira fase, conhecida como “Ética” ou “domínio: ser-consigo” se expressa nas obras *História da sexualidade. II: O uso dos prazeres* e *História da sexualidade. III: o cuidado de si*. Nestas, Foucault discorre sobre as tecnologias que resultaram na constituição ética do sujeito moderno.

No período em que Foucault desenvolveu estudos sobre a constituição das Ciências Humanas, interrogando a construção dos saberes, o “método<sup>26</sup>” arqueológico foi desenhado. Para Machado, se a arqueologia pode ser considerada um método é [...] “*pela variação constante de seus princípios, pela permanente redefinição de seus objetivos, pela mudança no sistema de argumentação que a justifica e legitima*”<sup>27</sup>. Neste trabalho, sempre que eu me reportar à metodologia foucaultiana terei em mente esta perspectiva de método.

Desse modo, na descrição do discurso a que me proponho, tomo como horizonte teórico a perspectiva foucaultiana, envolvendo algumas noções que aparecem no livro *Arqueologia do saber* e na *Ordem do discurso*, tais como: saber, discurso, enunciado e formação discursiva. Da fase genealógica, utilizarei as noções de poder e de regime de verdade. Estas “ferramentas” possibilitam identificar o discurso, descrever os enunciados que aparecem no corpus, articulá-los às diferentes áreas do saber a que pertencem e situá-los na formação discursiva da pedagogia. No discurso que se materializa nos textos, nas imagens e nas propagandas, apreenderei como a docência e os docentes estão sendo ditos e descritos, isto possibilitará um olhar sobre a escola do presente, auxiliando a entendê-la melhor, a entender o/a aluno/a e, principalmente, a compreender meu próprio fazer, uma vez que atuo na formação docente.

Olharei para a formação de professores tentando desfiar e, ao mesmo tempo, tecer fios que entrelaçam a Educação, a mídia e a tecnologia para mostrar que saberes sustentam tal discurso. Pretendo, ainda, explicitar como neste se criam políticas de verdade sobre o ensinar e aprender.

---

<sup>26</sup> Não há um método que possa ser apreendido no conjunto das obras de Foucault. Segundo Veiga-Neto, Machado e Gregolin o conjunto da obra de Foucault deve antes ser vista como uma “caixa de ferramentas”.

<sup>27</sup> MACHADO, Roberto. **Ciência e saber a trajetória da arqueologia de Foucault**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 57.

Para responder aos objetivos deste trabalho, na perspectiva que proponho ao longo desta pesquisa, tentarei responder as seguintes questões:

a) Como a docência adquire visibilidade no discurso sobre as Novas Tecnologias?

b) Quais posições de sujeito professor/a podem ser apreendidos?

c) Quais efeitos de verdade produzem?

d) Como saberes e poderes se entrelaçam no discurso sobre as Novas Tecnologias ativando técnicas de individualização?

O enfoque que adotarei requer a definição de alguns posicionamentos. Foucault lembra que o papel daqueles que se ocupam em pesquisar, atualmente,

[...] não é mais o de se colocar 'um pouco na frente ou um pouco de lado' para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, objeto e o instrumento: na ordem do saber, da 'verdade', da 'consciência', do discurso<sup>28</sup>.

Em primeiro lugar, a advertência foucaultiana implica que o pesquisador olhe para si mesmo, para sua constituição, como alguém que pode contribuir. Mostra, porém, que não nos cabe dizer a muda verdade de todos. Assim, não pretendo analisar o conteúdo da revista, ou, ainda, apontar o que é falso ou verdadeiro. Nem busco explicitar os não ditos nos textos, mas interrogar o discurso como prática no interior da qual se encontram regimes de verdade. Mais do que isso, prática que mostra o mundo de um determinado modo e eu, enquanto pesquisadora, ocupo a função sujeito, que neste momento está realizando uma pesquisa. Por isso, também construo discursos que negam algumas verdades e afirmam outras, enquanto interrogo o discurso de *Nova Escola*, Eli Fabris alerta que “[...] *não há como ficar fora da pesquisa – ao mesmo tempo em que problematizamos algumas verdades construídas sobre o mundo [...] contribuimos para a produção deste mundo, [...]*”<sup>29</sup>.

Deste modo, procurarei analisar o discurso da revista *Nova Escola* entendendo-o como prática que constrói os objetos de que falamos. No entanto,

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 71.

<sup>29</sup> FABRIS, Eli T. Henn. **Em cartaz o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente**. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 81.

mostrar o regime de verdade dos discursos de *Nova Escola* não significa imaginar que eu esteja isenta e/ou imune a ele. Pelo contrário, este discurso também me interpela como pesquisadora, professora, mulher e leitora. Na seqüência apresento a organização deste trabalho.

Esta tese será composta por três capítulos, sendo que na primeira parte do primeiro capítulo, discorro sobre o material selecionado e sobre o referencial teórico metodológico, explicitando alguns conceitos que utilizarei. Na segunda parte do primeiro capítulo, apresento alguns aspectos sobre a profissionalização docente e as exigências que se colocam para o profissional do ensino a partir da informatização das escolas e, na seqüência, relaciono algumas pesquisas sobre revistas. No segundo capítulo, procuro mostrar que acontecimentos serviram como condições de existência para que o discurso sobre as novas tecnologias se disseminasse na revista *Nova Escola* na segunda metade da década de 90. Para isso, descrevo alguns documentos e textos que antecederam a implantação do Programa Nacional de Informática nas Escolas - PROINFO e a constituição do próprio programa. No terceiro capítulo, descrevo o discurso que circulou na revista *Nova Escola* focalizando o tema novas tecnologias. Selecionei artigos da seção *Navegar é Preciso*, notícias e enquetes que aparecem nas seções *Mural* e *On Line*, três reportagens-capa e cinco propagandas. Ainda no mesmo capítulo, apresento as considerações finais.

### **1.3. Sobre o material e o referencial teórico metodológico**

Para descrever o discurso sobre novas tecnologias na revista *Nova Escola*, delimito o período de 1998 a 2006, porque é a partir de 1998 que se observa o maior número de artigos, notícias e propagandas sobre o tema. A temática foi adquirindo maior importância no ano 2000, quando a revista ampliou a seção *Navegar é Preciso*, criada como um espaço especial para discutir a inserção do computador e da internet na sala de aula. É a partir desse ano também que se observa um aumento no número de propagandas relacionadas a softwares educativos, vídeos, CDROMS, computadores, Cursos de Educação a Distância e divulgação de Sites para professores/as. Assim, selecionei setenta e três edições da revista que tratavam sobre o tema.

Como forma de catalogação, no primeiro momento criei um fichário descritivo de cada edição, no qual, constavam: o número da edição, síntese da capa, descrição do tema principal e dos anúncios. Em seguida, elaborei uma síntese dos editoriais e de cada artigo que se referia à temática das novas tecnologias; por fim, elegi alguns temas para serem descritos nesta tese. Da seção *Navegar é Preciso*, escolhi várias reportagens, observando-se as modificações em torno da temática no discurso da Revista. Descrevo, ainda, alguns editoriais, pois neles se percebe para quem se organiza a publicação e como o editor representa a revista para os/as leitores/as. Selecionei, ainda, três reportagens-capas: uma de 1998, uma de 2003 e outra de 2006. Elas foram escolhidas tendo em vista a modificação e permanência do discurso de *Nova Escola*. Por fim, escolhi algumas propagandas que complementam a discursivização do tema na Revista.

Com o trabalho da catalogação das edições da revista, pude perceber algumas regularidades quanto aos temas abordados durante cada ano da publicação, por exemplo: normalmente, a revista apresenta uma edição que destaca a educação especial, a alfabetização, o Prêmio Victor Civita, a educação indígena. As edições de novembro e dezembro tratam de questões sobre avaliação do ano letivo e planejamento. Entre os temas esporádicos encontram-se debates relacionados à violência na escola, às drogas e, ainda, outros relacionados a eventos esportivos, tais como: copa do mundo, olimpíadas, etc... Além destes, a revista focaliza alguns assuntos que são reiterados constantemente por dois ou três números consecutivos, como poderá ser observado em relação à temática das novas tecnologias. Como mencionei, foi a partir de 1998, que este tema apareceu de maneira recorrente, sendo que nos anos 2000, 2001 e 2002, predominou, na seção *Navegar é Preciso*. No ano de 2003, o tema aparece esporadicamente em artigos e mensalmente na seção *Mural e On Line* em forma de sugestão de Sites, enquetes e nas propagandas. No ano de 2004, o tema retorna em forma de artigos. Em 2005, aparece repetidamente na seção *Mural* que, naquele ano, foi ampliada apresentando diversas sugestões de Sites, espaços interativos e fóruns. No ano de 2006, apresentam-se alguns artigos em que se relatam experiências de escolas que possuem laboratórios de informática e que se encontram em diversos níveis de conhecimento na utilização da informática.

Na seqüência, apresento a metodologia e o referencial teórico que orientaram a descrição do discurso no material apresentado.

Segundo Gregolin,

Há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos. Por isso, aquilo que é dito tem de, necessariamente, passar por procedimentos de controle, de interdição, de segregação dos conteúdos. Por serem produtos de práticas, social e historicamente determinadas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades do discurso são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. Há, sempre, que se submeter à *ordem do discurso*<sup>30</sup> articulando aquilo que se pode e deve dizer no momento histórico da produção dos sentidos<sup>31</sup>.

Podemos dizer, então, que o discurso veiculado por *Nova Escola* não faz, simplesmente, circular informações para ajudar a/o professora/o a comprar um computador ou a conectar-se à internet. Os textos da revista, além de se submeterem à ordem do discurso que na atualidade produz sentidos sobre como ser docente na era da tecnologia recorrem ainda a alguns procedimentos que “capturam” os/as professores/as. Existem, portanto, regras que os/as colocam dentro da ordem do discurso aceito, regulamentado e validado.

O tema novas tecnologias não aparece na revista seguindo uma unidade temática e nem uma ordem cronológica. Quando o situo colocando como data inicial o ano de 1998, é porque a partir daquele período esta temática começa a aparecer de modo mais sistemático. Desta forma, a descrição dos enunciados aqui efetuada busca apreendê-los em sua dispersão e descontinuidade. O que dará unidade a eles é o fato de pertencerem à formação discursiva da pedagogia.

Foucault diz que,

No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso das escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações,) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva<sup>32</sup>.

<sup>30</sup> Grifo da autora

<sup>31</sup> GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003, p.12.

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 43.

A formação discursiva dá unidade aos enunciados em sua dispersão, no entanto, na descrição dos discursos há que se observar o que Foucault denomina como regras de formação. De acordo com o autor,

Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas), as regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva<sup>33</sup>.

Foucault explica como funcionam tais regras, utilizando como exemplo o discurso da psicopatologia situado no século XIX. Naquele momento a área apresentava uma nova forma de exclusão e inserção do louco nos hospitais psiquiátricos, além disso, permite percorrer as teorias da psiquiatria das pesquisas atuais às mais distantes. Conforme o autor “[...] *os objetos dos quais a psicopatologia se ocupou, desde essa cesura, são muito numerosos, em grande parte muito novos, mas também bastante precários, cambiantes e condenados, alguns deles a um rápido desaparecimento*: [...] As regras de formação apontam para a condição de existência de certos discursos, que afirmam certas verdades estabelecendo padrões, conceitos, concepções que podem ser aceitas, redefinidas, contestadas, suprimidas fazendo surgir uma série de objetos. Em relação ao discurso da Revista *Nova Escola*, buscar estas regras permite-me indagar as condições de existência do discurso das novas tecnologias na educação, os modos como fazem aparecer novos objetos e sujeitos. Para situar estas condições de emergência, é necessário descrevê-lo considerando-se três instâncias: as superfícies de emergência, as instâncias de delimitação e as grades de especificação. Segundo o autor,

Seria preciso demarcar as superfícies primeiras de sua emergência: mostrar onde e como podem surgir, para que possam, em seguida ser designadas e analisadas essas diferenças individuais que, segundo os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria, vão receber a qualificação de doença, alienação, anomalia, demência [...]. Essas superfícies de emergência não são as mesmas na diferentes épocas e sociedades e nas diferentes formas de discurso<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.46.

No discurso sobre as novas tecnologias, a mídia pode ser considerada como superfície de nascimento desse discurso através dos quais surgem novos objetos, saberes e práticas. É a partir deles que os/as professores/as e seu fazer são nomeados, classificados, distinguidos, situados, incluídos e excluídos. As condições de existência do discurso sobre novas tecnologias na escola, os objetos que aí emergem, a maneira como os docentes e a docência são ali classificados, nomeados, descritos apóiam-se nos discursos institucionais. Assim, é necessário ainda,

[...] Descrever, além, disso, as instâncias de delimitação: a medicina (como instituição regulamentada, como conjunto de indivíduos que constituem o corpo, como saber e prática, como competência reconhecida pela opinião pública, a justiça e a administração) tornou-se no século XIX, a instância superior que, na sociedade, distingue, designa, nomeia, e instaura a loucura como objeto: [...]<sup>35</sup>.

Pode-se dizer que o discurso sobre novas tecnologias na Revista encontra seu alicerce no discurso pedagógico e na denominada Ciência Pedagogia. É desse discurso que emergem as diversas teorias e práticas, apontando quais conhecimentos o profissional do ensino deve possuir, de quais habilidades precisa e assim por diante. Porém, a pedagogia não atua sozinha. Conta também com os discursos oriundos da estatística, do setor administrativo (representado pelos Governos: Federal, Estadual e Municipal, através dos discursos que emergem em documentos sobre políticas públicas), dados discursos proferidos por empresários e políticos, dos saberes gestados através de pesquisas, das práticas realizadas em sala de aula. Assim, se pensarmos sobre as instâncias de delimitação do discurso sobre novas tecnologias na escola, vemos abrir-se uma ampla rede através da qual o docente e a docência são construídos e novos objetos emergem, mas na revista *Nova Escola* adquirem visibilidade e se disseminam nas escolas. Por fim, Foucault menciona as grades de especificação,

[...] Trata-se dos sistemas segundo os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos umas das outras, as diferentes 'loucuras' como objetos do discurso psiquiátrico (essas

---

<sup>35</sup> Ibidem p. 47, 2007.

grades de diferenciação foram, no século XIX, a alma, como grupo de faculdades hierarquizadas, [...]³⁶.

A partir das grades de especificação, pode-se descrever como, nos enunciados do discurso sobre novas tecnologias que aparece na Revista *Nova Escola*, o/a docente e a docência são significados, emergindo diversos modos de classificação, como, por exemplo, o/a tradicional, interacionista, construtivista, internauta. Foucault alerta que as superfícies de emergência não são as mesmas nas diferentes épocas e nas diversas formas dos discursos. A descrição do discurso sobre as novas tecnologias na escola, a partir dos três elementos apresentados, pode evidenciar o modo como se pensava a tecnologia na escola e a maneira como o/a docente deveria agir nos anos 60/70 e como deve agir e pensar a partir da inserção das novas tecnologias (computador e internet nas escolas) na atualidade.

Por isso, neste trabalho considero que as condições de existência para o discurso sobre novas tecnologias na revista *Nova Escola* encontra pontos de ancoragem nos discursos de intelectuais e políticos, que podem ser localizados em parte no livro de Arnaldo Niskier. Nos textos em que se apresentam os programas de educação através do rádio, da correspondência e das tevês via-satélite e, ainda, nos materiais que relatam as primeiras iniciativas de informatização da sociedade brasileira, criando as bases para a implantação do Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO. Pode-se dizer que, nos materiais citados, condensam-se as propostas de construção de uma nação, colocando como objetivos centrais o desenvolvimento do país e, então, a necessidade de transformar a educação visando o desenvolvimento científico e tecnológico. Os discursos que circulam nesses materiais sintetizam, a meu ver, os discursos de políticos, empresários e intelectuais da segunda metade do século XX sobre educação e tecnologias. Assim, se, no final da década de 90, a revista *Nova Escola* pôde falar sistematicamente do computador e da internet na sala de aula e produzir sentidos sobre o/a docente e a docência, é porque a revista se insere numa ordem do discurso acolhido como verdadeiro.

---

³⁶ FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.47.



*Nova Escola* é uma revista que se dirige aos professores/as. O conteúdo veiculado se refere aos temas relacionados à formação profissional, ao ensino, às relações na escola e a aprendizagem. Nesse sentido, os saberes ali apresentados se ancoram no saber pedagógico, mas como a revista é elaborada por jornalistas e tem uma finalidade comercial, representa-se como um meio de informação e atualização. Nas matérias veiculadas, o saber pedagógico se junta ao saber da área da comunicação. Deste modo, duas áreas específicas articulam-se nas matérias publicadas e investigadas.

Pedagogia e área da comunicação são campos completamente diferentes, no entanto, nas matérias da revista *Nova Escola*, esses saberes se associam, ensinando coisas sobre escola, professor/a e aluno/a. Pode-se dizer que é o saber pedagógico que dá unidade aos ditos oriundos dessas duas áreas de saber. É nele que me apoiarei para identificar as regras que regem o discurso sobre novas tecnologias na revista *Nova Escola*, seu valor institucional e social e as relações que desencadeiam, a forma como posicionam os sujeitos, as relações de saber-poder que colocam em funcionamento e as transformações que sofrem. A descrição dos enunciados em sua dispersão possibilitará ver as transformações e permanências desse discurso na ordem do saber.

O discurso forma-se de enunciados e estes pertencem ao discurso. Deste modo segundo Foucault, “*chamaremos discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência*”<sup>37</sup>. Os enunciados postos em circulação por *Nova Escola* e outros documentos pertencem ao saber pedagógico. Todas as vezes que a revista se refere à atualização, à formação e qualificação para um melhor desempenho remete o/a professor/a para discursos que esse/a profissional ouve no ambiente da escola, nos cursos que freqüenta, nos textos que lê, nos Congressos dos quais participa, nas universidades e na mídia. Portanto, aquilo que a revista diz está sendo dito, também, em diferentes espaços sociais.

---

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 98.

Assim, como o discurso não é o mesmo que texto, ou fala, segundo Foucault o enunciado não se confunde com a frase, com a proposição ou com os atos de fala. Ele pertence à linguagem, mas, não se iguala à língua. *“Em seu modo singular (nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem [...]”*<sup>38</sup>. Do mesmo modo, não se trata de uma estrutura, mas de,

[...] uma função de existência que pertence exclusivamente aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] Ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com aparição, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço<sup>39</sup>.

O enunciado é uma função de existência e atua em correlação com quatro elementos: o referente, a posição sujeito, um campo associado e à materialidade.

Foucault prefere falar em referencial ao invés de referente, apresentando-o como *“[...] leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados, ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas”*<sup>40</sup>. A posição sujeito é uma função vazia e pode ser ocupada por diferentes posições sujeito num mesmo enunciado. O campo associado permite que percebamos que um enunciado se forma a partir de saberes oriundos de campos distintos no caso desta pesquisa, os saberes do discurso pedagógico, da comunicação e da tecnologia. A materialidade é o elemento que situa o enunciado no tempo e no espaço. Assim, as falas, os textos, as entrevistas e notícias sempre estão situadas num determinado tempo e espaço.

<sup>38</sup>FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 97.

<sup>39</sup>FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 98.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 103.

O tema novas tecnologias, na escola, apareceu nos textos acadêmicos e na mídia, de maneira mais sistemática, a partir de 1998. A revista dá visibilidade ao tema e, ao mesmo tempo, direciona-o para os/as professores/as e estes, por sua vez, devem aprender a utilizar as novas ferramentas se quiserem ser considerados qualificados/as e atualizados/as.

Os enunciados aparecem num tempo determinado. No caso do tema novas tecnologias na escola, os primeiros anúncios apareceram na década de 60/70. Nos anos 80, aparecem de forma mais tímida e, no final da década de 90, o tema se instala completamente, mas não surge somente na mídia impressa. Ele se faz presente em outras mídias. É discursivizado, por exemplo, nos projetos e leis governamentais, adquire visibilidade nos textos acadêmicos e na mídia televisiva. Portanto, ele emerge num dado momento da história do país atravessado por discursos de educadores, políticos e intelectuais e sua proliferação se dá procurando-se atingir os mais diversos objetivos. Em primeiro lugar, desenvolver o país; mas também transformar a educação, interferir na formação de professores/as, modernizar a sociedade e criar uma nova cultura. Outra característica dos enunciados é a dispersão. No entanto, para analisá-los é preciso efetuar sua individualização. Conforme Foucault, entre enunciado e formação discursiva há um movimento de co-relação. As formações discursivas regem os enunciados, ao mesmo tempo em que são regidas por eles. Para o autor,

[...] pode-se dizer que a demarcação das formações discursivas, independentemente dos outros princípios de possível unificação, revela o nível específico do enunciado; mas pode-se dizer, da mesma forma, que a descrição dos enunciados e da maneira pela qual se organiza o nível enunciativo, conduz à individualização das formações discursivas<sup>41</sup>.

A formação discursiva da Pedagogia<sup>42</sup> será o princípio de individualização do discurso que circula na revista *Nova Escola*, que constrói seu discurso a partir

---

<sup>41</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.132.

<sup>42</sup> Entendo, neste caso, por Pedagogia um corpo de saberes que tratam do ensino e da aprendizagem de pessoas consideradas alunos, ou aprendizes. Estou me referindo à Pedagogia enquanto saber que arroga para si o status de conhecimento científico e que é formado por saberes oriundos de outras áreas do saber, mas que compõem esta ciência chamada Pedagogia.

do saber pedagógico, do saber da área da comunicação e do saber tecnológico. No entanto, estes saberes se juntam para formar discursos que tratam de educação, de professor de sala de aula, de melhor desempenho docente, de aprendizagem e de aulas mais dinâmicas. Trata da tecnologia voltada especificamente à função pedagógica. Portanto, a formação discursiva da Pedagogia une os enunciados na junção destes três temas.

Os enunciados se compõem de vários saberes para falar de computador e de internet na sala de aula. Como já afirmado, *Nova Escola* monta seus textos recorrendo a três áreas de conhecimento distintas entre si: o saber pedagógico, o jornalístico e o tecnológico. Pode-se dizer que aparecem ainda outros discursos como aqueles oriundos da profissionalização, (ligados à idéia de especialização) e da religião, dos estudos de gênero, (professora mulher, mãe), do jurídico (leis que regulamentam a profissionalização docente) e das políticas públicas visando à distribuição e o uso das novas ferramentas na escola.

Como demonstrei acima, recorro à perspectiva foucaultiana que compreende a fase arqueológica para apreender as regras desse discurso, descrevendo os enunciados que ali aparecem, mas como pretendo também perceber seus efeitos de poder, é necessário buscar outros dois conceitos da fase genealógica.

Para Veiga-Neto e para Machado, na fase genealógica, Foucault inaugura outro modo de investigação. O foco desloca-se do estudo da construção dos saberes para a problematização das relações de poder. Em primeiro lugar, Foucault desconstrói o entendimento de que o poder se localize apenas no Estado. Enfatizam-se as micro-relações; trata-se da perspectiva microfísica de poder. Conforme Machado,

O que Foucault chama de 'microfísica do poder' significa tanto um deslocamento do espaço de análise quanto do nível em que este se efetua. Dois aspectos intimamente ligados: a consideração do poder em suas extremidades, a atenção as suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> MACHADO, Roberto. **Ciência e saber a trajetória da arqueologia de Foucault**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.189.

Numa acepção microfísica, devemos analisar as relações de poder onde elas estão produzindo efeitos, isto é, no momento em que o discurso passa a ser reconhecido como verdadeiro, conforme mencionei anteriormente a partir de Costa M.V., e de Foucault. Assim, os enunciados que circulam nos documentos descritos no segundo capítulo e os que circulam na revista *Nova Escola* fazem parte de um mesmo regime de verdade. Quando as reportagens da revista referem-se à importância do computador e da internet para um ensino mais eficaz e mencionam que, através dessas ferramentas, pode-se inovar a educação, retomam, por exemplo, enunciados presentes no discurso de Niskier e dos programas de disseminação dos meios de comunicação e informação no ensino. Para além de propor a transformação do ensino, nesses discursos está, de certo modo, a construção de verdades sobre o que seja ensinar e aprender no século XXI. Esses discursos produzem efeitos de verdade porque são institucionalmente reconhecidos, validados e aceitos. Acionam mecanismos que colocam o/a professor/a diante de si mesmo e os fazem reexaminar sua prática na sala de aula ao circularem na revista *Nova Escola*. Esses mecanismos podem ser denominados como técnicas de si, através das quais o/a professor/a se vê como sujeito que deve aprender para ensinar melhor.

Assim, quando *Nova Escola* produz as reportagens sobre o computador e a internet faz circular enunciados que apresentam quais são os saberes que o/a professor/a deve possuir, que competências e habilidades são necessárias para ensinar na era da tecnologia e, mais do que isso, como o/a professor/a deve ser, pensar e agir neste “novo tempo”. A revista ativa técnicas que colocam o docente diante si mesmo, subjetivando-o como será demonstrado no terceiro capítulo.

O poder se manifesta no discurso, modificando parâmetros, apresentando novos conceitos e formas de entender a docência e, ainda, quando nomeia, classifica, designa, fazendo emergir formas de exercer a docência, apresentadas como exemplos a serem imitados. Estas verdades materializam-se nas reportagens, nos editoriais, nas propagandas e nas sugestões de sites.

Podemos perceber, na construção dos textos aí veiculados, certos recursos e estratégias, tais como: imagens, legendas, explicações detalhadas

na forma de receitas, intermediação do repórter nos depoimentos dos professores e vozes de especialistas sobre o assunto. Das reportagens, podem ser extraídas prescrições que ditam como o/a professor/a deve pensar suas aulas, como deve agir diante de dificuldades, e como pode “enxergar” a si mesmo diante do computador. Nos textos, o/a professor/a para quem a revista escreve pertence a um segmento profissional bem específico, ou seja, o/a docente que atua nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Para explicitar melhor as representações que circulam sobre esse segmento profissional, cito dois exemplos. O primeiro foi retirado de um artigo escrito por Norma Marzola. A autora menciona uma entrevista que foi realizada com o editor de *Nova Escola*. Nesta entrevista percebe-se claramente como a publicação define o/a professor/a possível leitor/a da revista,

[...] O professor sabia muito pouco da profissão. [...] No início essa era a grande linha que a gente tinha para poder determinar a maneira de fazer a revista. A gente recebia carta de professor dizendo que o maior sonho dele era se formar no primeiro grau, principalmente no Nordeste, que tem muito professor leigo. Então achávamos que era um horror, que o professor era quase tábua rasa. E a gente sentiu muita vontade de escrever numa linguagem que qualquer pessoa entendesse. A gente escreve para professores de primeiro grau [...]<sup>44</sup>.

O editor de *Nova Escola* apresenta o/a docente como um sujeito que sabe muito pouco sobre sua profissão. É um sujeito que ensina, mas que diante do saber acadêmico é considerado como leigo. Esse mesmo enunciado pode ser extraído do livro de Arnaldo Niskier. O autor menciona os problemas pelos quais passa a educação brasileira, dentre eles estão os “[...] *professores que, na sua imensa maioria, não possuem a menor preparação para o magistério (81% de leigos)* [...]”<sup>45</sup>.

Nos dois textos, o/a professor/a que atua nas primeiras séries do Ensino Fundamental é um sujeito despreparado para ensinar. Nesses enunciados, é posicionado como um sujeito que não está devidamente habilitado para exercer a profissão, pois é leigo.

<sup>44</sup> MARZOLA, Norma. Os sentidos da alfabetização na revista nova escola. In COSTA, Marisa Vorraber. (Org). **Estudos culturais em educação**, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2000, p.p. 95-96.

<sup>45</sup> NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 15.

O livro de Niskier foi publicado no ano de 1971 e a revista *Nova Escola* começou a circular no ano de 1986, praticamente 15 anos depois. A revista reativa o enunciado propagado pelo livro, retomando a maneira de classificar este profissional que está presente nos diversos discursos. Nesse sentido, posso afirmar que *Nova Escola* produz efeitos de verdade porque, ao falar como os/as professores/as são ou deveriam ser, está alicerçando seus ditos naquilo que foi dito em outros textos, como este expresso no livro de Niskier, em artigos que problematizam a escola e a formação de professores, na mídia impressa e televisiva e nos espaços acadêmicos.

*Nova Escola*, quando se dirige ao segmento profissional, como por exemplo, o professor das séries iniciais, está reiterando enunciados sobre o que significa pertencer a este grupo. As regras do discurso podem ser apreendidas neste conjunto de práticas que estão normatizando, prescrevendo, classificando, nomeando, reiterando e suprimindo enunciados alicerçados em saberes e práticas já validadas anteriormente pela instituição acadêmica ou científica. Algumas são contestadas ou suprimidas, outras retornam noutra viés. Cabe ao analista identificar e descrever estas normas, prescrições e ações apontando os saberes que emanam delas.

Para Foucault, existe uma 'economia política' da verdade que se constrói amparando-se no discurso científico e nas instituições. O autor lhe atribui as seguintes características,

[...] A 'verdade' é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica quanto para o poder político); é objeto, de várias formas de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é o objeto de debate político e de confronto social<sup>46</sup>.

Pode-se dizer que os discursos considerados verdadeiros estão localizados nas instâncias de delimitação; no caso da revista *Nova Escola*, a instituição que garante seu valor de verdade é a Ciência Pedagogia, através do discurso pedagógico. Os pesquisadores desta área e os/as professores/as,

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 13.

através do reconhecimento institucional e reconhecimento público, dão suporte a tudo o que é dito sobre escola, aluno/a e professor/a na revista. Esses discursos circulam na sociedade, tendo a escola e os meios de comunicação como espaços privilegiados para a sua disseminação. Em primeira instância, os textos que circulam na revista *Nova Escola* não são produzidos em instituições científicas, no entanto, nos textos, sempre aparecem vozes de especialistas, educadores consagrados e pessoas que de fato vivenciaram a atividade “X” ou “Y”. Tais vozes autorizadas permitem o efeito de verdade do discurso da revista, pois se ancoram no saber pedagógico.

Assim, o estudo dos textos da revista *Nova Escola* e de outros documentos implicará mostrar quais são estas regras e como estão funcionando nos textos e de que modo produzem efeitos sobre o/a docente e a docência. Portanto, tomo emprestado de Lima (2004)<sup>47</sup> o termo que definirá a metodologia adotada nesta tese: a descrição do discurso numa orientação arqueo-genealógica. A arqueologia permitir-me-á descrever as regras do discurso sobre novas tecnologias na revista *Nova Escola* e perceber ainda em que medida os documentos trazidos para o texto (no segundo capítulo) possibilitam perceber a condição de existência deste discurso e quais as permanências, as rupturas, e transformações podem ser apreendidas nos enunciados. Pretendo, ainda, mostrar quais novos objetos emergiram no discurso sobre novas tecnologias e apontar como o/a docente é classificado/a, nomeado/a, designado/a e excluído/a. A descrição dos enunciados, na perspectiva genealógica, possibilita-me perceber as relações de poder, a força normativa do discurso, o regime de verdade e as técnicas de si que possibilitarão perceber os efeitos de poder desse discurso e os modos como subjetivam os/as docentes.

Como se vê, o discurso sobre novas tecnologias na revista *Nova Escola* são reconhecidos, aceitos e validados porque estão no regime de verdade sobre o que se pensa e diz a respeito da educação, nos diferentes espaços ancorados nos saberes institucionalmente reconhecidos. O que se diz sobre

---

<sup>47</sup> LIMA, Homero Luís Alves. **Do corpo-máquina ao corpo-informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico**. 2004. 317 f. Tese (Doutorado) em Sociologia – Centro de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em [www.boletimef.org/?Canal=12&file=757](http://www.boletimef.org/?Canal=12&file=757). Acesso em 20/09/2006.



o/a professor/a, frente às novas tecnologias na escola, traz as marcas de discursos que passam pelo debate sobre a formação de professores/as.

#### 1.4. Estudos sobre formação docente

O tema desta pesquisa é amplo e complexo e dele se extraem múltiplas relações, pois, de um lado, remete à formação de professores/as, de outro, ao tema das novas tecnologias presente num artefato da mídia. Cada uma destas áreas conta com pesquisas específicas e aqui seria impossível rever os estudos em cada um dos campos citados. Entretanto, como a revista *Nova escola* se dirige a professores que atuam nas primeiras séries do Ensino Fundamental, representando-os de um determinado modo, na seqüência, abro um parêntese para discorrer sobre a formação docente, especialmente no que se refere à profissionalização desses sujeitos. Os autores selecionados me permitem “mapear” aspectos importantes que configuram identidades docentes. Para mostrar como estas identidades docentes se constituíram, recorro a alguns pesquisadores que se ocuparam dessa temática, dentre eles: Garcia e Hypolito 2005, Lelis 2001, Pereira 2000, Accácio 2000, Nóvoa 1995, Brzezinski e Garrido 2001 e Valle 2002.

Conforme os primeiros,

Tratar da identidade docente é estar atento para a política de representação que instituem os discursos veiculados por grupos e indivíduos que disputam o espaço acadêmico ou que estão na gestão do Estado. É considerar também os efeitos práticos e as políticas de verdade que discursos veiculados pela mídia impressa, televisiva e cinematográfica estão ajudando a configurar. A identidade docente é negociada entre essas múltiplas representações, entre as quais, e de modo relevante, as políticas de identidade estabelecidas pelo discurso educacional oficial. Esse discurso fala da gestão dos docentes e da organização dos sistemas escolares, dos objetivos e das metas do trabalho de ensino e dos docentes; fala também dos modos pelos quais são vistos ou falados, dos discursos que os vêem, produzindo uma ética e uma determinada relação com eles mesmos, que constituem, (sic) a experiência que podem ter de si próprios.<sup>48</sup>

Acredito que, na problematização da formação docente, criam-se representações que nos permitem visualizar como esses/as docentes são

<sup>48</sup> GARCIA, Maria M. A. HYPOLITO, Jarbas S. V. **As identidades docentes como fabricação da docência.** Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_artex&pid=s151797022005000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artex&pid=s151797022005000100004). Acesso em 13/02/2008.

discursivizados. A partir destes discursos, pode-se tecer um quadro, destacando-se algumas características que são atribuídas ao professor/a. Noutras palavras, a partir desses discursos é possível estabelecer um “perfil” do profissional do ensino que vem sendo construído desde o século XIX. Ressalto que todos os autores lidos e mencionados anteriormente referem-se aos professores que atuam na Educação Básica, especialmente nas primeiras séries do Ensino Fundamental e que atuam na rede pública de ensino.

A formação de professores/as no Brasil, conforme os autores citados, iniciou ainda no período do Império, porém não havia um sistema nacional de ensino e as iniciativas em estabelecer os Cursos ficavam a cargo de cada Estado. Os primeiros cursos datam do século XIX, mas somente na década de 30, quando se criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, houve iniciativas em âmbito nacional. A formação de professores/as ocorria nas Escolas que ofereciam o Curso Normal e, desde o início, contou com a presença de um público maciçamente feminino. Embora houvesse escolas que formavam professores/as, o debate sobre a profissionalização somente ocorreu a partir da intervenção do Estado.

Segundo Nóvoa, a profissionalização docente se deu através da intervenção do Estado que substituiu a Igreja. A partir de então, o Estado via na expansão da rede escolar a possibilidade de progresso e uma forma de manter o poder estatal sobre a população, por isso, era necessário investir na formação docente. A profissionalização emerge neste duplo viés: o do controle e um certo prestígio, pois os/as professores/as teriam nas mãos a formação dos futuros cidadãos. O caráter religioso dado durante a formação e a forma de concebê-lo/la como vocacionado, a organização curricular que incluía puericultura, aulas de boas maneiras, trabalhos manuais e, ainda, o rigor disciplinar e a valorização da tradição criaram representações sobre o/a profissional do ensino. Conforme o autor,

Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem de professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa humana. Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre-dois, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber de mais, nem de menos; não devem se

misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais, etc.<sup>49</sup>

A profissionalização docente é construída no “entre lugar”, ou num “não lugar”, pois, como demonstra o autor, não há uma definição clara quanto ao o que o/a professor/a deve saber para ensinar. Ele não deve identificar-se nem com o povo e nem com a burguesia. Por fim, não sabe a qual categoria profissional pertence, se é funcionário público ou profissional liberal.

Este não pertencimento resulta em diversas indefinições, pois, do ponto de vista acadêmico, reflete-se na estruturação do currículo e dos saberes próprios para o exercício do magistério, debate que permanece atual. Do ponto de vista profissional, impede a organização porque não há uma definição clara em relação a qual categoria funcional pertence.

Outro aspecto que permeia a identidade do docente é a feminização do magistério. Accácio menciona que *“em 1901 caracteriza-se o magistério primário como uma profissão feminina, por meio da restrição da matrícula na Escola Normal do Distrito Federal exclusivamente às moças”*<sup>50</sup>. Neste mesmo sentido, Valle aponta que,

Marcada desde sua origem por uma formação destinada às mulheres, as Escolas Normais associam a atividade de ensinar a concepção de dom e de vocação tipicamente feminina e, em consequência, engendram uma relação fortemente missionária com o magistério. Os fundamentos deste tipo de relação estão associados a uma orientação religiosa, de predominância católica. Estas escolas constroem um perfil de professor baseado em virtudes espirituais e, morais, e estimulam uma prática pedagógica pautada em valores humanísticos e cívicos<sup>51</sup>.

Em relação aos saberes, o profissional não deve saber “de mais” e “nem de menos”. Em relação às qualidades pessoais, é necessário ser virtuoso/a e

<sup>49</sup> NÓVOA, António. (Org). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 16.

<sup>50</sup> ACCÁCIO, Liette Oliveira. **Formando o professor primário: A escola normal e o instituto de educação do Rio de Janeiro**. Disponível em [www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_055.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_055.html). Acesso em 12/02/2008.

<sup>51</sup> VALLE, Ione Ribeiro. **Da ‘identidade vocacional’ à ‘identidade profissional’**: a constituição de um corpo docente unificado. Disponível em [www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2002\\_especial/12\\_valle.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/12_valle.pdf). Acesso em 13/02/08.

moralmente correto. Dando especial destaque às virtudes espirituais e morais, as mulheres nasceriam com algumas características que seriam inerentes à personalidade feminina, tais como: delicadeza, autocontrole, afetividade, vulnerabilidade, obediência, meiguice. Por isso, são vistas como potencialmente dotadas para atuar com crianças pequenas. Assim, vai se construindo um/a docente vocacionado/a, obediente, submisso/a portador de virtudes e moralmente correto/a.

Conforme Pereira “*A professora surge nos textos lidos como modelo de bondade e delicadeza e é descrita, no cumprimento da ‘nobre missão’ que desempenha, como ‘segunda mãe’, ‘irmã mais velha’, defensora da moral e dos bons costumes’*”<sup>52</sup>. Cabia aos/as professores/as transmitir conhecimentos e formar o bom cidadão através do próprio exemplo. Assim, até meados dos anos 60-70 do século XX, tivemos as escolas normais como espaços privilegiados para formação de professores/as, houve a feminização do magistério e, como consequência, as professoras deviam formar bons cidadãos. O fato de as mulheres trabalharem no magistério e receberem um salário deu-lhes a possibilidade de abrir alguns espaços rumo à profissionalização. Apesar disso, as representações que associam a atividade pedagógica ao trabalho doméstico e à vocação ainda está bem presente e é reiterado em outros enunciados inclusive nos da revista *Nova Escola*, como veremos adiante.

Na década de 70, ocorreu a intensificação da industrialização e a expansão do mercado de trabalho. As relações familiares se modificaram e as mulheres adquiriram certa independência financeira. No âmbito educacional, houve a expansão da rede escolar e as crianças das classes populares tiveram acesso às escolas. Estas modificações colocaram-se como exigências que acabaram forjando a construção de outra identidade para os/as professores. A profissionalização docente se desenha no período da ditadura militar convivendo ainda com discursos que objetivavam o desenvolvimento e a propagação das tecnologias nas mais diversas esferas da sociedade. Para Valle,

---

<sup>52</sup> PEREIRA, Maria José de Morais. **A escola normal e a formação da professora primária em Minas Gerais:** de normalista linda e guardiã dos princípios morais e dos bons costumes. Disponível em [www.anped.org.br/reuniões/28textos/gt08/gt08126int.rtf](http://www.anped.org.br/reuniões/28textos/gt08/gt08126int.rtf). Acesso em 12/02/2008.

Analisando-se o sistema de ensino brasileiro, observa-se que a construção de uma 'identidade profissional' está ligada ao fenômeno de profissionalização, implementado pelas reformas educacionais do regime autoritário. Este fenômeno abrange fundamentalmente duas dimensões: a organização burocrática (e hierárquica) da administração educacional e a elevação de níveis de formação do corpo docente.<sup>53</sup>

Percebe-se que durante o regime autoritário houve uma tentativa de controlar as atividades nas escolas, ao mesmo tempo em que se almejava a elevação da formação docente. Nóvoa relata que em Portugal houve um movimento um pouco diferente, pois o regime autoritário denominado como Estado Novo criou uma política que desvalorizava o estatuto da profissão docente e, ao mesmo tempo, promovia a valorização da imagem social do/a professor/a.

Por um lado, o Estado exerce um controlo autoritário dos professores, inviabilizando qualquer veleidade de autonomia profissional: a degradação do estatuto e do nível científico inserem-se nesta estratégia de imposição de um perfil baixo da profissão docente. Por outro lado, o investimento missionário (e ideológico) obriga o estado a criar as condições de dignidade social que salvaguardem a imagem e o prestígio dos professores, nomeadamente junto das populações<sup>54</sup>.

Novamente se percebe uma espécie de “não lugar” que os/as professores/as ocupam pois, de um lado, há o controle do Estado sobre a ação docente; de outro procura-se criar uma imagem de prestígio junto às populações. Nóvoa menciona, ainda, que neste período os/as professores/as assistiram à degradação socioeconômica, consagrando-se uma visão “funcionarizada” do professorado. Isto gerou movimentos políticos buscando-se recuperar a condição socioeconômica. O mesmo não foi observado em relação à autonomia docente, pois “*A formação de professores tem sido coerente no aceitar (implícito) desta evidência, não sublinhando a dimensão do professor como um profissional autónomo e reflexivo*”<sup>55</sup>. Se compararmos a construção

<sup>53</sup> VALLE, Ione Ribeiro. **Da 'identidade vocacional' à 'identidade profissional'**: a constituição de um corpo docente unificado. Disponível em [www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2002\\_especial/12\\_valle.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/12_valle.pdf). Acesso em 13/02/08

<sup>54</sup> NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 18.

<sup>55</sup> VALLE, Ione Ribeiro. **Da 'identidade vocacional' à 'identidade profissional'**: a constituição de um corpo docente unificado. Disponível em [www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2002\\_especial/12\\_valle.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/12_valle.pdf). Acesso em 13/02/08. Ibidem.

do profissional do ensino em Portugal e no Brasil, vemos que em Portugal houve um controle maior por parte do Estado, ao mesmo tempo em que se disseminavam discursos para manter o prestígio dos/as docentes. No Brasil, parece ter havido um movimento semelhante, pois também existe o controle, mas o nível de exigência para atuar no magistério aumentou.

Para atuar nas primeiras séries do Ensino Fundamental e na educação infantil, exigia-se a formação no Curso de Magistério Nível Médio ou o Curso de Pedagogia Habilitação Séries Iniciais. Há que se ressaltar, contudo, que naquele período implantaram-se os Cursos de Graduação denominados Licenciaturas Curtas, assim, o/a futuro professor/a estudava por menos tempo. Para Valle,

Ainda que estes cursos tenham estabelecido uma nova filosofia educacional e introduzido uma nova prática pedagógica, preservam os fundamentos gerais das tradicionais Escolas Normais, onde a 'missão de ensinar' está associada à esfera doméstica e reservada aos portadores de dons especiais e de uma vocação particular <sup>56</sup>.

Observa-se a nova concepção de formação aliada a uma exigência maior quanto ao grau de instrução, provocando algumas modificações em relação à profissionalização contudo, eram retomados padrões, conceitos e estereótipos já estabelecidos, pois o discurso sobre o dom, a vocação e a feminização do magistério prevaleciam.

Em Portugal e no Brasil, na década de 70, surgiram vários debates sobre novas questões a respeito da formação docente e influenciariam na construção da identidade destes/as profissionais. No Brasil, houve a criação de várias entidades representativas do magistério e, no início da década de 80, foram organizadas as *Conferências Brasileiras de Educação*, que contaram com número expressivo de educadores participantes. Os movimentos dos docentes no Brasil e no exterior colocaram novos debates sobre a profissionalização do/a professor/a. Conforme Nóvoa (1995), a década de 70 condensou os debates sobre a formação inicial; a de 80, da profissionalização em serviço; e a de 90, sobre formação continuada. Em nosso país, pode-se observar um movimento semelhante. Na atualidade, novas exigências são colocadas. De acordo com Valle,

---

<sup>56</sup> VALLE. Ibidem.

Para integrar o corpo docente, os professores devem comprovar o domínio de certos saberes através de diplomas legalmente reconhecidos e obter a aprovação nas diversas modalidades de recrutamento aplicadas pelo sistema de ensino. Cada professor conquista, assim, uma posição profissional que o distancia do exercício de uma ocupação qualquer e passa a exercer uma atividade que traz consigo certo prestígio social<sup>57</sup>.

As exigências colocadas para atuar no magistério contribuem para que a docência se torne reconhecida como uma profissão. Entretanto, ainda, há muitos debates em torno deste aspecto. Quanto à qualificação, embora houvesse vários programas de formação em serviço, segundo Valle menos de 50% dos docentes brasileiros possuem formação de nível superior, mas esses dados demonstram que o número de docentes leigos/as reduziu significativamente.

A partir da promulgação da Nova LDB, lei 9496/96, colocou-se como exigência mínima para a atuação nas séries iniciais a formação de nível superior, gerando uma série de debates entre os/as docentes. No âmbito das políticas públicas fez proliferar os Cursos a Distância.

A partir da segunda metade da década de 90, observa-se a disseminação dos meios de comunicação ocupando cada vez mais espaços nas escolas. Além da formação acadêmica exige-se que o/a professor/a se adapte à televisão, ao vídeo, ao computador e à internet como novos instrumentos para ensinar. Neste novo viés, a formação de professores se deslocou dos Cursos Presenciais para os Cursos a Distância.

Pelo exposto, se, até mais ou menos 1970, predominou o/a profissional vocacionada/o, a partir daquele período vemos surgir a profissionalização do/a docente. Na atualidade, o/a professor/a é convocada/o a tornar-se apta/o a operar as novas tecnologias, seja no espaço privado, seja na sala de aula e na escola. Pode-se dizer que emerge o/a professor/a “pontocom”, ou “plugado/a”. No perfil que tentamos desenhar vemos que nos diferentes períodos se colocam novas exigências para aqueles/as que ensinam. Na medida em que essas aparecem, configuram-se outras identidades para o profissional. Assim,

---

<sup>57</sup> VALLE, Ione Ribeiro. **Da ‘identidade vocacional’ à ‘identidade profissional’**: a constituição de um corpo docente unificado. Disponível em [www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2002\\_especial/12\\_valle.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/12_valle.pdf). Acesso em 13/02/08.

não se pode afirmar que exista **a ou uma identidade docente**,<sup>58</sup> pois observa-se que, nos diferentes textos que tratam sobre a formação docente, aparecem diversas representações. Assim, temos o/a vocacionado/a, o/a profissional do ensino que na atualidade se encaminha para tornar-se “pontocom”, “internauta”, “plugado/a”. Não estou julgando se é melhor ser professor vocacionado/a ou “pontocom”, também não professo uma defesa em favor deste ou daquele perfil ao apontar estes aspectos. Pretendo mostrar a existência de certas exigências que se explicitam na construção do/a profissional professor/a, constituindo para ele diversas identidades. Nos discursos veiculados, em livros, artigos, Encontros Científicos e em artefatos da mídia, como revistas para professores, percebe-se a criação de novos enunciados e a retomada de certas concepções e padrões estabelecidos. Pode-se dizer que, a partir de então, estão configurando-se novas identidades docentes.

### **1.5. A formação docente na era das novas tecnologias**

Na atualidade, além da formação acadêmica exige-se que o/a professor/a se capacite em informática, pois os computadores e a internet estão chegando às escolas. O/a docente necessita desenvolver novas habilidades, dentre elas, aprender a manipular aparelhos de vídeo, utilizar o computador e navegar na internet. Na seqüência, apresento alguns estudos que tratam da formação docente relacionadas às novas tecnologias da informação e comunicação (TICs)<sup>59</sup>. Os textos selecionados me permitiram perceber como se constrói outras identidades para os/as docentes aprendizes da informática na escola.

Natal Lânia R. Fernandes (2004) desenvolveu uma investigação sobre o modo pelo qual os/as professores/as constroem os saberes docentes num curso de informática da educação. Para a autora, a informática exige habilidades e conhecimentos específicos, assim cabe ao docente “[...] *dominar as funções básicas da microinformática, planejar e organizar aulas utilizando*

<sup>58</sup> Grifo meu.

<sup>59</sup> Muitos pesquisadores das novas tecnologias utilizam esta denominação para designar o uso da televisão, computador, filmes, documentários, internet e outros meios na sala de aula.



*recursos da informática e realizar a transposição didática dos conteúdos a serem ensinados por meio do computador*<sup>60</sup>. Para isso, precisa desenvolver algumas competências. Torres (1999, apud Fernandes) elenca as seguintes,

Abrir-se à incorporação e ao manejo das novas tecnologias tanto para fins de ensino em aula ou fora dela como para sua própria aprendizagem; Informar-se regularmente através dos meios de comunicação e outras fontes de conhecimento a fim de compreender os grandes temas e problemas que se estabelecem no mundo contemporâneo; preparar seus alunos para selecionar e utilizar criticamente a informação proporcionada pelos meios de comunicação de massa; desenvolver e ajudar os alunos a desenvolver qualidades consideradas indispensáveis para o futuro, tais como criatividade, receptividade a mudança e a inovação, versatilidade no conhecimento, antecipação e adaptabilidade a situações, capacidade de discernimento, atitude crítica, identificação e solução de problemas<sup>61</sup>.

Como se vê, o/a professor/a desejável é aquele/a que se propõe a aprender sempre, possui muitas qualidades e deve desenvolvê-las nos/as alunos/as. Fernandes, N.L.R. (2004) diz que, embora se desenhe esse perfil para o/a professor/a, nos diversos textos e políticas públicas não se diz como e com qual currículo é possível desenvolvê-lo.

No perfil desenhado acima, são colocadas as qualidades para tornar-se o/a profissional do século XXI. Contudo, durante os cursos de informática os/as cursistas experimentam diversos sentimentos e dificuldades diante das novas ferramentas. Segundo a autora,

A aprendizagem em informática, por ser algo novo, que não faz parte usualmente dos conhecimentos profissionais docentes adquiridos na formação inicial e que não é algo com o qual todos os professores se identifiquem aparentemente num primeiro contato, parece requerer um esforço maior de sua parte. É como se o professor estivesse reiniciando o aprender a ensinar com um novo recurso, que não fazia parte de seu fazer pedagógico<sup>62</sup>.

A informática é um conhecimento que não fazia parte do repertório de conhecimentos dos/as profissionais investigados pela autora. Assim, durante os cursos os/as docentes-aprendizes são colocados diante de si mesmos e

<sup>60</sup> FERNANDES, Natal Lânia Roque. **Professores e computadores navegar é preciso!** Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 18.

<sup>61</sup> FERNANDES, Natal Lânia Roque. **Professores e computadores navegar é preciso!** Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 19.

<sup>62</sup> FERNANDES, N.L.R. *Ibidem*, p.66.

percebem os conhecimentos que lhes faltam, apresentando sentimentos de insegurança, desorientação e agitação. O processo vivenciado é muito semelhante aos dos experimentados pelos/as alunos/as e nesta situação os/as professores/as sentem-se como alunos/as e “*o sentir-se aluno parece suscitar uma reflexão sobre a relação dos professores com os alunos, uma vez que o comportamento apresentado pelos docentes, no momento da aprendizagem, assemelha-se ao dos alunos, quando estes se apresentam ‘meio agitados’ e precisam de orientação dos professores*”<sup>63</sup>. Diante da nova ferramenta, o/a professor/a experimenta sentimentos que são comuns aos de seus alunos/as. Além disso, aprende por tentativas, com a intervenção dos professores orientadores, com seus colegas e com a própria ferramenta. Fernandes N.L.R. menciona ainda que eles se mostram mais seguros quando sabem que podem aprender com a prática na sala de aula.

Embora os cursos de informática estejam ocorrendo em vários Estados do país, um número expressivo de professores/as ainda não possui esta formação. A autora menciona que dos 60 entrevistados, 48 nunca haviam manuseado o computador, o que corrobora outras pesquisas, as quais apontam que boa parte dos docentes ainda não estão familiarizados com estas ferramentas.

Além de experimentar diversos sentimentos e dificuldades diante do computador, no exercício do magistério, os/as docentes se deparam ainda com questões relacionadas à profissionalização, dentre elas a desvalorização salarial. Os baixos salários e a sobrecarga de trabalho implicam menos tempo para capacitar-se. Conforme Fernandes, N.L.R.,

A falta de tempo do professor para a capacitação – devido à sobrecarga de atividades – como expressou a professora, relaciona-se num sentido à desvalorização salarial do profissional docente, [...] que o obriga muitas vezes a exercer seu ofício em diversas escolas e/ou com diversas turmas. Dificulta-se assim o seu desenvolvimento profissional, no sentido de continuar a sua aprendizagem a partir de outros cursos<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> FERNANDES, Natal Lânia Roque. **Professores e computadores navegar é preciso!** Porto Alegre: Mediação, 2004, p.p.64-65.

<sup>64</sup> FERNANDES. N.L.R. Ibidem, p. 87.

Na constituição da identidade do profissional que precisa saber usar as novas ferramentas, o/a professor/a convive com questões pessoais (medo, resistência, falta de oportunidade, angústia), problemas relacionados à falta de infra-estrutura nas escolas, que se estende aos laboratórios de informática, pois falta investimento, atualização e manutenção dos mesmos, carência de apoio técnico, ausência de programas e softwares educativos, entre outros fatores. Assim, na era da cultura digital ainda se convive com problemas muito antigos, como a falta de infra-estrutura, a desvalorização docente, a sobrecarga de trabalho. Pode-se dizer que a informatização das escolas traz novos problemas, pois além daqueles que existiam, surgem outros como a manutenção das máquinas, a capacitação docente em informática, a disponibilidade de um técnico para acompanhar professores/as e alunos/a. Na construção da identidade do/a docente na era da tecnologia, novas exigências se apresentam, somando-se aos problemas e dificuldades já existentes.

Olívia Paiva Fernandes (2005), no artigo “*O computador/internet na formação de pedagogos: um diálogo possível?*” investigou como estudantes do Curso de Pedagogia utilizam o computador e a internet em sua formação inicial. Relatou ainda o que os/as futuros/as pedagogos/as dizem destas ferramentas. “[...] *as alunas do Curso de Pedagogia, ao falarem sobre suas relações com o computador, construíram sentidos para uso (não-uso) desta ferramenta. Do ‘bicho de sete cabeças’ ao ‘tudo de bom!’*, elas percebem a influência que o instrumento exerce sobre sua vida e formação inicial”<sup>65</sup>. De acordo com a autora, o computador faz parte da vida de 98% das entrevistadas, mas está chegando à universidade por meio dos/as alunos/as. Além disso, sobre a possibilidade que esta ferramenta pode trazer para a Educação Básica a autora constatou que,

[...] as alunas denunciaram a ausência de preocupação do curso em relação ao trabalho com este instrumento e ressaltaram que é urgente que os docentes e a coordenação se voltem para este fato. Entretanto ao discutirmos acerca dos seus possíveis usos na Educação Básica, as alunas demonstram uma resistência no trabalho com o computador/Internet, salientando que ele pode inibir o raciocínio infantil. A necessidade do computador se faz urgente para elas, alunas

---

<sup>65</sup> FERNANDES, Olívia Paiva. **O computador na formação de pedagogos: um diálogo possível?** Disponível em [www.anped.org.br/anpedgt16/16640int.rtf](http://www.anped.org.br/anpedgt16/16640int.rtf). Acesso em 15/02/2008.

de uma graduação, mas é 'perigoso' para as crianças, indicando a necessidade de uma série de cuidados.<sup>66</sup>

O/a futuro/a pedagogo/a vê o computador, segundo a autora, como uma ferramenta importante na formação individual, mas não atribuem a mesma importância ao instrumento quando se estabelece a relação com a sala de aula. Embora Fernandes, O. P. não se refira aos professores/as formados, já estão sendo construídas representações sobre como estes profissionais poderão agir num futuro próximo, quando estiverem em sala de aula.

Gilvan Luiz Machado Costa (2005) realizou uma pesquisa sobre a interferência que o uso do computador e da internet tem sobre a cultura e profissionalização de professores/as de matemática que atuam numa escola municipal de Tubarão, S.C. No texto, aparece uma preocupação diferente em relação aos anteriores, pois o autor procura mostrar as transformações pelas quais os/as professores/as passam quando começam a utilizar o computador. Para ele *“A criação de redes colaborativas comunicacionais de autoformação compartilhada pode permitir que o professor se identifique com o sujeito global que assume sua formação como um processo interativo e dinâmico”*<sup>67</sup>. O sujeito global aproxima-se do perfil profissional apresentado por Fernandes, N.L.R. (2004) como o/a professor/a apresentado como receptivo para aprender, procurando informar-se constantemente. Isso pode ser observado na descrição que Costa, G. L. M, (2005) faz de uma das professoras. Conforme o autor *“a Internet contribuiu para que Cida participasse de um movimento de formação com pesquisadores e professores escolares de Portugal. Teve acesso a textos e experiências de professores portugueses que vivem problemas semelhantes aos seus.”*<sup>68</sup>. A experiência vivenciada teve reflexos na vida pessoal e profissional, pois *“[...] ao longo do caminho vivido no grupo, a professora escolar estabeleceu maiores e melhores interações visando potencializar sua prática pedagógica”*<sup>69</sup>. A prática modificou-se, pois a professora, mesmo não

<sup>66</sup> FERNANDES, O. P. Idem.

<sup>67</sup> COSTA, Gilvan Luiz Machado. **A mudança da cultura docente em um contexto de trabalho colaborativo de introdução das tecnologias de informação e comunicação na prática escolar.** Disponível em [www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt08/gt091260int.rtf](http://www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt08/gt091260int.rtf). Acesso em 15/02/2008.

<sup>68</sup> COSTA, G.L.M. Ibidem.

<sup>69</sup> Idem.

dominando completamente o *Cabri Géomètre*, utilizou-o para ensinar geometria. “*Mesmo não conhecendo todos os recursos desse software, Cida ousou em utilizá-lo com os estudantes e se surpreendeu com performance destes*” [...] <sup>70</sup>.

Para o autor, a professora modificou sua prática e a cultura em que vivia, rompeu com a maneira como lecionava anteriormente e passou a “ousar” mais, pois “*Cida audaciosa em utilizar o Cabri Géomètre II, quando ainda, não o conhecia bem, aposta nos alunos, não os subestimando. Ao fazê-lo, aprendeu ao ensinar, inclusive com os alunos [...]*” <sup>71</sup>.

Nos textos dos autores apresentados, observam-se enunciados que acabam constituindo identidades docentes diversas. Na pesquisa de Fernandes, N. L. R apresenta-se o perfil do docente desejado para a sociedade do século XXI. Este perfil é construído nos documentos que tratam das políticas públicas. A autora tece um olhar crítico, apontando que os/as professores/as apresentam suas fragilidades e limites e estão cientes das dificuldades relativas à profissão e aos investimentos públicos na escola ao construírem seus saberes nas aulas de informática. Contudo, a autora defende que os profissionais do ensino necessitam de conhecimentos e habilidades específicas para utilizarem a informática na sala de aula. As identidades que se constituem no texto de Fernandes, N. L. R. são as dos sujeitos que procuram enfrentar suas deficiências e limites apesar da desvalorização docente e da falta de investimentos na escola pública, colocando-se como alunos/as diante das novas ferramentas.

Na pesquisa de Fernandes, O. P. (2005), desenha-se um/a futuro professor/a e/ou pedagogo/a que sabe da importância das novas tecnologias para seu desenvolvimento próprio, mas mesmo freqüentando um curso universitário, não vê o computador como uma ferramenta que possa transformar a prática na sala de aula. No discurso da autora Fernandes, O. P. é

---

<sup>70</sup> COSTA. G. L. M. Ibidem.

<sup>71</sup> COSTA, Gilvan Luiz Machado. **A mudança da cultura docente em um contexto de trabalho colaborativo de introdução das tecnologias de informação e comunicação na prática escolar.** Disponível em [www. anped.org.br/reuniões/28/textos/gt08/gt091260int.rtf](http://www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt08/gt091260int.rtf). Acesso em 15/02/2008.

apresentado um/a docente que resiste à utilização desses instrumentos na sala de aula.

No texto de Costa, G. L. M. está exposta uma narrativa de como o curso de informática modificou a prática e a cultura de uma docente. A professora, sujeito da pesquisa, mesmo sem conhecer profundamente alguns programas, rompeu com a maneira como ensinava e passou a utilizar o computador e a internet nas aulas e na própria casa. Aqui pode se retomar o enunciado do início desta tese: A professora Cida, assim como a mulher conectada ao *Universo On-Line*, tem toda a informação do mundo em seu quarto. Essa mulher-docente é apresentada como um sujeito aberto para a aprendizagem, não se intimida com as novas tecnologias e se coloca como aprendiz juntamente com seus/suas alunos/as. Cida é apresentada como um sujeito ousado que vê a informática como uma ferramenta potencializadora da prática pedagógica.

A formação docente e os debates em torno da profissionalização, além de apresentarem as exigências que são postas para os/as profissionais do ensino, criam representações sobre os/as professores/as, posicionando-os de diversos modos. Assim, observa-se que a identidade docente é construída, criando-se diversas representações, dentre elas ser: vocacionado/a, virtuoso/a, moralmente correto/a. Outro aspecto relevante é a feminização do magistério. A essas questões somam-se ainda os aspectos profissionais, como a interferência do Estado na organização desse grupo como categoria autônoma. A tudo isso, agregam-se novas demandas, como as exigências postas pela proliferação das novas tecnologias.

Na era das novas tecnologias, é colocada para a escola e para o/a professora/o a demanda de difundir a nova cultura, mas, para isso, é necessário que ele/a se capacite, aprenda a dominar as novas ferramentas, utilizando-as nas aulas e em casa, transforme a máquina num instrumento de trabalho, inove a prática pedagógica. Para difundir a cultura das novas tecnologias, o/a professor/a é mostrado/a na posição de aluno/a, como vimos com Fernandes, N. L.R. (2004); de inovador/a, audacioso/a e aberto/a para aprender como aparece no estudo de Costa, G. L. M. (2005); e de atrasado/a ou talvez reacionário/a, como aponta o estudo de Fernandes, O. P. (2005).

Nesses textos emergem enunciados constituindo um discurso que gera outras identidades as quais convivem com as anteriores.

A desvalorização profissional, a sobrecarga de trabalho, os recursos limitados são dificuldades que na atualidade, convivem com as novas exigências colocadas pela inserção do computador e da internet nas escolas. Pode-se dizer que a construção de uma sociedade tecnologizada passa pela formação do/a professor/a também tecnologizado/a.

Nos discursos sobre a formação docente que apresentei, percebe-se a proliferação de enunciados sobre os/as profissionais que os posicionam de um determinado modo. No entanto, esses não se restringem aos textos oriundos das instituições educativas. A mídia impressa atua reforçando representações existentes e, assim, exerce sobre nós uma pedagogia. Dentre os diversos artefatos da mídia, está a revista *Nova Escola* que será entendida aqui como superfície de emergência que faz circular enunciados, criando representações sobre os/as docentes. Na seqüência, elenco alguns estudos que se ocuparam em investigar a mídia, especificamente revistas de cunho pedagógico.

### **1.6. Alguns estudos sobre revistas para professores/as**

No primeiro momento, apontarei alguns estudos que se ocuparam em investigar revistas diversas e, no segundo foco, minha revisão em pesquisas que se ocuparam em estudar revistas dirigidas a professores, especialmente a revista *Nova Escola*.

As revistas dedicadas ao público feminino também foram pesquisadas. A seguir elenco alguns destes estudos. Andrade (2002)<sup>72</sup>, analisou as representações do corpo da mulher na revista *Boa forma*. Braga<sup>73</sup>, por sua vez, discute a imprensa feminina no Brasil, mostrando como a mídia interfere na

---

<sup>72</sup> ANDRADE, Sandra Santos dos. **“Uma boa forma de ser feliz”**: Representações do corpo feminino na revista *Boa Forma*. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

<sup>73</sup> BRAGA, Adriana. **Corpo e mídia: fragmentos históricos da imprensa feminina no Brasil**. Disponível em <http://www.jornalismo.ufsc.br.redealcar/anais/gt1imprensa/corpo%20e%20midia%>. Acesso em 10/04/2007.

construção do corpo feminino. Soares<sup>74</sup> analisa como a imprensa no início do século XX veiculou representações, estabelecendo um novo código civil. Fischer<sup>75</sup> vem pesquisando e discutindo como a mídia televisiva constrói a adolescência e certo modo de ser adolescente.

As revistas dedicadas a professores/as também foram objeto de várias pesquisas. *Nova Escola* foi analisada por Fernanda Silveira (2006)<sup>76</sup>, a autora realizou uma investigação entre os anos de 1986 e 2004 para identificar no ciclo de vida da revista, as continuidades, rupturas, mudanças significativas que pudessem ser apreendidas através da análise das capas.

A autora indica que, no ciclo de vida da revista, a organização das capas passou por três fases: de 1986 a 1994, final de 1994 a 2002 e a terceira fase a partir de 2003. Constatou que as configurações gráficas modificaram-se em cada período e indaga se estas transformações permitiriam identificar o leitor a quem a publicação se dirigia, mas diz tratar-se de uma questão muito difícil de ser respondida. O estudo da autora permite perceber que *Nova Escola* procurou adaptar-se às modificações que o mercado editorial impunha, ao mesmo tempo, mostrou ainda as transformações que a educação foi sofrendo na passagem de um ciclo para outro. Para a autora, através das capas, pode-se apreender como *Nova Escola* foi narrando histórias sobre a educação, os professores e os alunos.

---

<sup>74</sup> SOARES, Ana Carolina E.C. **Femininos regulados, masculinos veiculados um estudo histórico do código civil e da imprensa no século XX**. Disponível em [www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos). Acesso em 10/04/007.

<sup>75</sup> FISCHER, Rosa Bueno. **Adolescência em discurso. Mídia e produção de subjetividade**. 297 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996. Disponível em [www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000188015&doc=2007&!c6aa88775056c559](http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000188015&doc=2007&!c6aa88775056c559). Acesso em 17/07/2008. Outros textos da autora sobre o tema estão disponíveis em [www.ufrgs.br/nemes/pesquisas.html](http://www.ufrgs.br/nemes/pesquisas.html).

<sup>76</sup> SILVEIRA, Fernanda, R. da. **Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004**. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 2006. Disponível em [libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls00189649](http://libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls00189649). Acesso em 08/09/2007.



Mônica Salles Gentil (2006)<sup>77</sup> analisou três publicações: *Nova Escola*, *Revista Educação* e *Revista do Professor*. A autora baseou-se nos estudos de Bakhtin e de Maingueneau para identificar os gêneros de discurso presentes nas reportagens e ainda analisou alguns dizeres de professores sobre as revistas. Concluiu que as três se utilizam de gêneros híbridos e que nas três publicações aparece o gênero jornalístico e o discurso pedagógico. A autora escolheu uma reportagem de cada revista para a análise. Para ela, na revista *Nova Escola* e *Educação* aparecem o discurso pedagógico não diretivo, enquanto que na *Revista do professor* emerge o discurso diretivo, prescritivo. A autora aponta que, das reportagens, é possível se apreender imagens de professor/a. Na *Revista do Professor* fica bem claro a qual tipo de leitor a publicação se dirige. *Nova Escola* é identificada por algumas professoras como uma revista que apresenta reportagens simplistas, mas que, por ser a mais barata, é lida por um número maior de docentes.

Leda Aparecida Pedroso (1999)<sup>78</sup> também estudou *Nova Escola*, mostrando que a revista serviu como meio de divulgação da política educacional na Nova República.

No livro organizado por Marisa Vorraber Costa (2000)<sup>79</sup>, encontram-se três estudos sobre a revista *Nova Escola*. A pesquisa realizada por Norma Marzola ocupa-se em analisar a publicação entre os anos de 1986/96, tomando como foco os discursos sobre alfabetização. A autora analisou o discurso da revista para mostrar quais os sentidos e significados que se criaram sobre a alfabetização, entendendo-os como práticas subjetivadoras. Para isso, tomou como referencial de análise os estudos culturais e aponta que a construção dos sentidos e significados se constroem a partir da publicação número 01 (um) em 1986. Assim, no primeiro ano da publicação a revista apresenta um

---

<sup>77</sup> GENTIL, Mônica Salles. **Revistas da área da educação e professores – interlocuções**. 160 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 2006. Disponível em [libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls000378392](http://libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls000378392). Acesso em 10/09/2007.

<sup>78</sup> PEDROSO, Leda Aparecida. **A revista Nova Escola: Política educacional na 'nova república'**. 277 f. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 1999. Disponível em [libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000189649](http://libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000189649)

<sup>79</sup> COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Estudos culturais em educação mídia**, arquitetura, brinquedo, biologia literatura, cinema. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

posicionamento “neuro”, apresentando três concepções de alfabetização, mas a partir de 1987 há uma mudança no discurso que se centra, a partir de então, na proposta construtivista. Conclui que nesse período constitui-se o alfabetizador e alfabetizadora construtivista. Relata que a força do discurso se dá devido a uma estratégia da publicação em utilizar a lógica binária, opondo as práticas tradicional/construtivista e o professor tradicional/construtivista. Para melhor perceber as práticas de subjetivação, a autora analisou também a seção *Cartas*. A autora concluiu que, no período de 1988 a 1995 houve a prevalência do discurso construtivista e que este coexistiu com outro discurso do mesmo período, no qual se dizia que o domínio da leitura e da escrita, pela população em geral, geraria o desenvolvimento do país.

Cristianne Famer Rocha (2000) realizou uma pesquisa na mesma revista no período de 1986/96, analisando como a *Nova Escola* representou o espaço escolar. Para ela, este espaço é parte importante e invisível do currículo, no qual se determinam as atitudes, resistências e convivências com o mundo. Divide o estudo em duas partes: na primeira, faz um histórico de como o espaço escolar se constituiu tal como é apresentado hoje; na segunda, analisou como este aparece em várias publicações da revista *Nova Escola*. O referencial utilizado foram os estudos de Foucault, principalmente baseando-se na obra *Vigiar e Punir*. Rocha mostra que, no período estudado, houve uma significativa transformação na representação do espaço escolar, pois nas primeiras publicações observou a reprodução do espaço tradicionalmente conhecido com os alunos enfileirados, professora à frente ao lado do quadro-negro. Somente em algumas poucas reportagens aparecem aulas no espaço externo à sala de aula. Isso ocorre inclusive quando a revista anunciou a chegada de computadores na escola.

No entanto, a partir de 1996, observou significativa mudança nesta representação, apresentando aulas no espaço externo, alunos mais livres. Concluiu que a representação do espaço escolar mostrado pela revista se modificou, passando de um espaço fechado, alunos enfileirados demonstrando uma disciplina e controles mais visíveis para uma organização mais aberta, dinâmica, alegre, evidenciando-se uma modificação no modo de organizá-lo, o que, segundo a autora, pode ser compreendido como uma outra forma de disciplinar os escolares. Nesta nova representação, a maneira de disciplinar

torna-se mais tênue, sutil, quase imperceptível. Para Rocha, esta modificação possibilitaria disciplinar sem que as crianças percebessem, resultando numa forma de controle mais eficaz.

Marisa Vorraber Costa (2000) investigou a revista, mostrando como esse artefato constituiu o discurso sobre a profissão docente, reafirmando padrões que apontam para o Magistério do Ensino Fundamental como pertencente ao gênero feminino. Nas reportagens, os homens são apresentados em espaços externos ou em lugares como bibliotecas, relacionando-se a eles instrumentos da tecnologia. A maneira como são representados remete à idéia de objetividade, ordem e diretividade, vinculados ao espaço público. As mulheres aparecem sempre próximas aos alunos/as e no espaço interior da sala de aula. Os professores evocam idéias de racionalidade e objetividade, enquanto que, nas imagens e reportagens dirigidas às professoras, ressaltam-se idéias de déficit de raciocínio, destacando-se aspectos como afetividade, dependência e feminilidade.

Nas pesquisas percebe-se que *Nova Escola* pode ser percebida como um meio disseminador da ideologia dominante, (estudo de Pedroso - 1999)<sup>80</sup>, ou como um material que, através de suas capas, narra histórias sobre professores, escola e alunos, (estudo de Silveira - 2006). Ainda pode ser tomado como artefato que utiliza o gênero do discurso pedagógico e da comunicação e, através deles, faz circular imagens de professores/as, ou ainda a revista pode ser analisada como um artefato da mídia que, através de seus enunciados, cria sentidos e significados sobre alfabetização, subjetivando alfabetizadoras e alfabetizadores, (estudo de Marzola - 2000), representações do espaço escolar nos quais se observam diferentes modos de se exercer a disciplinarização dos escolares, (pesquisa de Rocha - 2000) e ainda a construção de identidades profissionais em torno da docência como gênero feminino, (investigação de Costa, M.V.- 2000). As três últimas pesquisas fundamentaram-se nos Estudos Culturais e na perspectiva pós-estruturalista e no referencial foucaultiano. Observa-se que *Nova Escola* pode ser analisada

---

<sup>80</sup> PEDROSO, Leda Aparecida. **A revista Nova Escola: Política educacional na 'nova república'**. 277 f. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 1999. Disponível em [libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls000189649](http://libdig.unicamp.br/documents/?code=vtls000189649). Acesso em 10/09/2007.

focalizando-se diversos temas a partir de vários enfoques. Nota-se, também, que o estudo desta revista traz contribuições importantes no que se refere às temáticas que envolvem a escola, a/o professor/a e o exercício da docência.

Contudo, a revista *Nova Escola* pode ser estudada como artefato cultural que, ao tratar do tema novas tecnologias, faz circular verdades constituidoras do/a docente e da docência. No entanto, esse discurso têm suas condições de existência em outros discursos oriundos principalmente de programas e projetos que visavam ao desenvolvimento da nação brasileira através da tecnologização da sociedade. Para isso, era necessário criar uma nova cultura nacional e a escola era vista como elemento central neste processo. Esses discursos podem ser encontrados no livro de Arnaldo Niskier que trata da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, em artigos de autores que relataram iniciativas que visavam ao uso dos meios de comunicação na escolarização dos brasileiros, nos projetos que antecederam o Programa Nacional de Informática na escola – PROINFO e no próprio programa PROINFO. Na seqüência, apresento alguns desses textos para mostrar como eles dão sustentação ao discurso veiculado por *Nova Escola*, assegurando-lhes seu valor de verdade. Dos textos elencados extrairei alguns enunciados sobre o/a docente e a docência, que serão confrontados com os enunciados extraídos do discurso veiculado pela revista *Nova Escola*. A revista *Nova Escola* e outros meios da mídia impressa e televisiva podem ser tomados aqui como superfície de emergência que disseminam esses discursos.

## **CAPÍTULO II**

### **AS TECNOLOGIAS: CONSTRUINDO OUTROS SENTIDOS PARA A ESCOLA**

Como na origem, mas numa escala totalmente diferente, a humanidade não forma novamente mais que uma única sociedade. Esse acontecimento, em uma escala antropológica, é tão recente que a maior parte de nossos conhecimentos, de nossas formas culturais, de nossas instituições políticas – herdadas de períodos antecedentes – não está adaptada a ele. Pierre Lévy.

## 2.1. Discursos sobre desenvolvimento, educação e tecnologia.

Tomo como ponto de partida o livro de Arnaldo Niskier, no qual o autor trata sobre a importância de se investir maciçamente na Ciência e Tecnologia, visando ao desenvolvimento da nação e à criação de uma outra cultura nacional em torno do desenvolvimento tecnológico. Esse texto foi selecionado porque representa grupos e instituições num determinado momento da tecnologização do país. O texto de Niskier encontra-se no verdadeiro de uma época. Foucault explica que biólogos e botânicos do século XIX não conseguiram perceber que o que Mendel dizia era verdade. Segundo Foucault,

[...] Mendel dizia a verdade, mas não estava 'no verdadeiro' do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas<sup>81</sup>.

Embora Mendel estivesse dizendo a verdade, o que dizia não era reconhecido, aceito e validado. De acordo com o autor *“É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘política’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”*<sup>82</sup>.

Assim, o discurso propagado por Niskier encontra-se no verdadeiro do que se planejava para a nação brasileira no início dos anos 70. O que o autor apresenta é validado e institucionalmente reconhecido. Os outros textos que também serão discutidos no segundo capítulo seguem as mesmas regras dessa política discursiva. Assim, na primeira parte discorro sobre o livro de Niskier. Num segundo momento, situo a Educação a Distância no país e, em seguida, discorro sobre as primeiras iniciativas de tecnologização da educação. No terceiro momento, trato do programa PROINFO destacando algumas de suas finalidades. O objetivo central deste capítulo é perceber como as iniciativas em favor do desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, do projeto Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares - SACI, da educação

<sup>81</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p.35.

<sup>82</sup> FOUCAULT. Idem, p. 35.

através do rádio, das Tevês Educativas, da criação da Secretaria de Educação a Distância e do Programa Nacional de Informática nas Escolas - PROINFO criaram as condições de existência para que a mídia, de modo geral, incluindo-se aí a revista *Nova Escola*, aparecesse como superfície de emergência desses discursos.

O livro *Ciência e tecnologia para o desenvolvimento*, de Arnaldo Niskier, publicado no ano de 1971, ilustra o modo como se pensava a tecnologização da sociedade naquele período. Ressalto que esse texto será analisado como uma fonte onde se encontram enunciados sobre as novas tecnologias.

No escrito de Niskier, a sociedade do futuro seria caracterizada como o espaço da ciência e da tecnologia bem desenvolvidas. Para isso, seria fundamental o investimento na formação de pesquisadores, tecnólogos e especialistas para construí-la. No texto, a educação aparece como uma área que deve ser transformada pela ciência e pela tecnologia, ao mesmo tempo em que deve auxiliar a impulsionar o desenvolvimento tecnológico.

Niskier era professor universitário e ocupava a Secretaria de Ciência e Tecnologia no Estado da Guanabara, no ano de 1968. Naquele período, vivíamos sob o regime militar, a preocupação do autor talvez fosse mostrar que um país empenhado em se desenvolver economicamente necessitasse investir em pesquisa; assim surgia a proposta da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, pautado na argumentação de que sem pesquisa não haveria desenvolvimento científico ou tecnológico e, por conseqüência, também não haveria desenvolvimento econômico e social.

O autor defendia a tese de que a industrialização, o progresso e a aproximação do Brasil aos países considerados como bem desenvolvidos dependiam do investimento em Ciência e Tecnologia.

Para Niskier, a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, a formação de pesquisadores e tecnólogos e o estabelecimento de uma política global para a Ciência e a Tecnologia eram passos fundamentais para a modernização do país e isso dependia da educação. O autor teceu sérias críticas à educação brasileira, taxando-a de ineficiente, afirmando que o grande problema estaria na evasão, na repetência, no analfabetismo e na má formação dos/as professores/as, especialmente aqueles/as que atuavam com as primeiras séries do Ensino Fundamental. Para ele, a deficiência encontrava-

se na atuação dos/as docentes que fundamentavam sua prática na pedagogia tradicional, limitando-se a recitar conteúdos. Defendia a formação técnico-científica e, principalmente, a possibilidade de aliar educação e meios de comunicação avançados, tais como: o rádio, a televisão, o computador e a instrução programada, como possíveis soluções. Deste modo, nota-se que, no início dos anos 70, já se apontava para uso de meios tecnológicos no ensino. Pode-se dizer que, de certo modo, já naquela época, defendia-se uma proposta de Educação a Distância.

Para que o rádio, as tevês educativas e até mesmo o computador pudessem ser pensados como meios de aperfeiçoamento da educação brasileira e através dela conseguir o tão sonhado desenvolvimento social e econômico, necessitava-se de que a Ciência e a Tecnologia no Brasil se desenvolvessem. O investimento em Ciência e em Tecnologia deveria gerar a criação de tecnologia própria e isso auxiliaria nesta área no avanço econômico e social. Para o autor, esse desenvolvimento deveria levar o país aos patamares de países industrializados, como: a Alemanha, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Este último país é citado várias vezes no texto e o autor o utiliza como parâmetro de comparação, mencionando avanços, principalmente, em relação a iniciativas consideradas inovadoras no ensino.

Assim, apontava-se que somente a criação de uma área específica como o Ministério da Ciência e Tecnologia poderia fazer frente às novas exigências. Este Ministério foi criado no ano de 1968, mas as discussões considerando-se a sua implantação iniciaram em 1963. Conforme Niskier,

É preciso dar vida ao sonhado *Ministério da Ciência e Tecnologia*<sup>83</sup> [...]. A ciência e a tecnologia não podem mais ser palavras mágicas de afirmações enfáticas; precisam-se constituir em alavancas poderosas de nossa expansão social e econômica, o que se tornará mais fácil no dia em que elas derem nome ao Ministério do ano 2000<sup>84</sup>.

O referido Ministério seria a alavanca para a expansão econômica e social e, ao mesmo tempo, projetava-se através dele a sociedade do futuro. A nova sociedade, segundo o autor, estava sendo delineada pelas iniciativas dos governos Norte Americano e Russo, pois ambos se lançavam na conquista do

---

<sup>83</sup> Grifo do autor.

<sup>84</sup> NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 15.



espaço sideral. Além disso, nos Estados Unidos, apareceram novas áreas do conhecimento, tais como: a biônica, a biogenética, a cibernética. O computador seria uma máquina fundamental para a conquista do espaço sideral e para o desenvolvimento dessas novas áreas do saber.

Segundo esta perspectiva, a ciência e a tecnologia caminhavam lado a lado; portanto, caso o Brasil quisesse fazer parte da sociedade do futuro, precisaria investir nessas duas áreas. O autor sinaliza que as bases desse processo estavam sendo plantadas, pois “[...] se a década de 1940 marcou a entrada do Brasil na era do aço, se a de 50 representou o nosso ingresso no mundo do petróleo e a de 60 foi a do automóvel, a de 1970 será a década da tecnologia<sup>85</sup>”. O Ministério da Ciência e Tecnologia e a Secretaria da mesma pasta seriam os gestores das políticas para o desenvolvimento tecnológico do Brasil. Niskier menciona as invenções que os Estados Unidos criaram envolvendo tecnologia avançada. Dentre elas celebrava-se a criação do computador. Para ele, essa máquina deveria ser considerada como verdadeiro herói. O autor relatou algumas descobertas dos norte-americanos utilizando a nova ferramenta na década de 60/70. Assim, munia-se de argumentos mostrando como o computador auxiliaria na conquista do espaço sideral. A viagem ao espaço sideral seria acompanhada por “*minúsculos aparelhos heróis autênticos da conquista espacial*”<sup>86</sup>.

No entanto, estes heróis poderiam, ainda, auxiliar na cura de doenças, na produção de órgãos artificiais e na genética. A articulação entre tecnologia e ciência possibilitaria a melhoria da vida, inclusive a cura do câncer. Além disso, seria possível superar doenças que provocam desgaste físico-mental e a velhice. A biônica permitiria a produção de órgãos artificiais para transplantes prolongando-se, assim, a vida de muitos doentes. A biogenética possibilitaria a fertilização artificial e modificações nos cromossomos das células.

De tudo, o que mais chama atenção quanto ao otimismo em relação ao futuro científico e tecnológico, era a interferência direta sobre a vida, pois “*Apesar das controvérsias com que está sendo recebida a possibilidade de os pais (ou o Estado) escolherem o tipo de cor do cabelo, da pele e olhos dos*

---

<sup>85</sup> Grifo do autor. NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 15.

<sup>86</sup> Ibidem, p.19.

*filhos, além da cultura, traços fisionômicos e até a capacidade mental, as pesquisas sobre o assunto não são recentes [...]*<sup>87</sup>. As possibilidades do futuro com a intervenção humano-tecnológica são vistas com muito otimismo por Niskier, e estas se materializam nas máquinas que a tecnologia possibilitava construir. No discurso do autor, não se encontra nenhuma crítica ou questionamento sobre as interferências decorrentes do avanço científico sobre a própria vida. Ao contrário, argumenta-se que, se o Brasil não se inserisse nesse processo, não poderia acompanhar os outros países considerados desenvolvidos.

Pode-se dizer que o surgimento do computador, o planejamento de viagens para explorar o espaço sideral, as pesquisas no campo da biônica, da cibernética e da biogenética nos Estados e Unidos e alguns países da Europa instauram modificações na ordem do saber e do poder. Em que medida estas transformações podem se relacionar ao desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil? De que modo a educação entra neste processo? Como relacionar iniciativas em áreas tão diversas à informatização das escolas brasileiras?

No discurso que emerge do texto de Niskier, as conquistas dos Estados Unidos e da Europa servem como argumento em defesa do avanço tecnológico no Brasil. O autor se vale de comparações para mostrar o quanto as nações estrangeiras já haviam avançado, enquanto o Brasil era representado como sinônimo de atraso, que se devia, em grande parte, à escola, pois, segundo ele, faltavam profissionais qualificados. Portanto, aparece a necessidade de reformular a educação brasileira,

O Brasil precisará engajar-se com decisão na pesquisa científica e tecnológica, a fim de superar rapidamente (sic) os seus grandes déficits. Precisamos imediatamente de mais de 100 mil médicos e temos apenas 40 mil [...]; precisamos de pelo menos 90 mil cientistas e dispomos de pouco mais de sete mil; precisamos de 360 mil engenheiros e temos cerca de 100 mil; necessitamos formar mais de 50 mil agrônomos e 25 mil químicos, sendo totalmente insuficientes as nossas escolas para atingir estas metas. O que falta é uma política global de desenvolvimento científico e tecnológico, que se estabeleça desde o nível primário até chegar as necessidades da pós-graduação [...]

---

<sup>87</sup>NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971 p. 22.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p.25.

A criação do Ministério da Ciência e Tecnologia aliada à educação seriam os meios para superar os déficits do país em relação à produção de conhecimentos, por isso, seria preciso investir em ambas as áreas. Niskier aciona um enunciado que circulava desde o Brasil colônia: a educação como alavanca para o desenvolvimento, o progresso e o fortalecimento do país. Quando o autor sugere que o desenvolvimento científico e tecnológico deve ser incorporado à formação da população brasileira desde o nível primário, aciona outro enunciado que circula há muito tempo. A escola aparece nos discursos de pesquisadores, políticos e até de professores/as como um lugar que não acompanha seu tempo e é responsabilizada pelo sub-desenvolvimento do país.

Diante do progresso observado nos países considerados como desenvolvidos, a escola no Brasil era representada como atrasada, ineficiente e, na melhor das hipóteses, como um lugar que passa por crises. Vemos isto em outros textos e também no discurso de Niskier. Neste há, porém, uma novidade: os avanços tecnológicos precisam interferir e “transformar” a educação, o espaço onde os grandes projetos de desenvolvimento e progresso poderiam ser alavancados. Assim, a criação do Ministério que impulsionasse a Ciência e a Tecnologia teria que, necessariamente, contar com o sistema educacional. O discurso de Niskier produz efeitos de verdade porque aquilo que enuncia já foi dito por outros em outros lugares e de diferentes modos; por encontrar-se no verdadeiro de sua época, Niskier reatualiza dois enunciados que estão em circulação.

Como vimos, na perspectiva do autor, o Brasil carecia de muitos profissionais que deveriam ser formados pelas escolas nos três níveis de ensino. Percebe-se, ainda, que Niskier afirma serem as escolas brasileiras insuficientes para o projeto de modernização que estava sendo desenhado. Por isso, dentre algumas das metas para a educação, estavam a criação das chamadas tevês educativas. Tal criação dependia de alguns empreendimentos na área da ciência e da tecnologia que auxiliariam no aperfeiçoamento e na expansão dos meios de comunicação. Aqui se percebe outra atribuição para a ciência e a tecnologia: criar condições para implantar as tevês educativas.

---

As tevês educativas ganharam impulso com a implantação do projeto Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares (Projeto Saci). Este “[...] *colocará o país definitivamente na era da televisão educativa global, podendo entrar em funcionamento já a partir de 1975*”<sup>89</sup>. Com o “SACI”, previa-se a instalação de três canais de tevês que veiculariam programas de formação para alunos/as e professores/as atingindo todo o território nacional<sup>90</sup>.

Como vimos acima, Niskier apontava que o sistema educacional existente no final dos anos 60 estava em crise e não conseguiria formar todos/as os/as profissionais que a nação estava necessitando. No entanto, isto poderia se modificar caso fossem utilizadas as tevês educativas. Elas eram vistas como meios que poderiam resolver em parte os problemas educacionais. Portanto, a sociedade do ano 2000 seria uma sociedade com meios de comunicação avançados, contando com máquinas para ensinar, com indústrias bem desenvolvidas e com ciência e tecnologias de ponta.

Em relação à educação, havia uma clara defesa do Ensino Técnico e Científico contrapondo-se ao ensino humanístico. Niskier, para justificar sua posição aponta que o ensino passava por uma séria crise e, ao mesmo tempo, destacava que o desenvolvimento tecnológico provocaria muito desemprego no Brasil, uma vez que o número de analfabetos só crescia. “*Será que os **homens da educação***<sup>91</sup> *no Brasil, não acreditam na Tecnologia? Ou serão tão **cegos**, a ponto de não perceber que ela é uma **fôrça***<sup>92</sup> *indispensável*”<sup>93</sup>? Em seguida, o autor explica, como a Ciência e a Tecnologia estavam alterando a educação em países como os Estados Unidos, Grã Bretanha, França e União Soviética. Naqueles países, nasceram a Tecnologia da Educação, a Engenharia da Educação, a Instrução Programada e a Pedagogia Cibernética. No Brasil, a Tecnologia da Educação fez parte do currículo do Curso de Pedagogia e a

<sup>89</sup>NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 32.

<sup>90</sup> Ver SANTOS, Laymert Garcia dos. **Desregulagens educação, planejamento e tecnologia como ferramenta social**. São Paulo: Brasiliense, 1981. Neste livro, o autor apresenta um estudo minucioso do projeto SACI.

<sup>91</sup> Grifo do autor.

<sup>92</sup> O livro de Niskier foi publicado na década de 70 e na época havia uma grafia diferente. Esta será preservada nesta tese tal como foi escrita.

<sup>93</sup>NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p.60.

Instrução Programada apareceu nos materiais didáticos após a promulgação da lei 5692/71. Observa-se que o discurso emergiu agregando novos elementos. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia exigia, de acordo com Niskier, de formação ampla para vários profissionais, trazendo a educação para o centro do debate; mas, como as escolas eram consideradas insuficientes para uma escolarização em massa, desenvolveram-se projetos visando à utilização dos meios de comunicação, principalmente do rádio e da televisão para ensinar e formar.

Além da utilização do rádio e das Tevês Educativas, aponta-se para as possibilidades decorrentes do uso do computador na área da educação. Contudo, a disseminação desta ferramenta nas escolas ainda era uma realidade distante. Na década de 70, por exemplo, o custo de um computador era muito elevado mas, mesmo assim, esta tecnologia poderia significar uma revolução no ensino.

A crise educacional do Brasil se devia, conforme Niskier, a uma prática tradicional calcada na verbalização dos conteúdos. O autor comparava o ensino tradicional e o ensino auxiliado pelos computadores. O primeiro centrava-se apenas na repetição e na verbalização das matérias, por isso, baseando-se no *“hábito [...] da aprendizagem auditiva, que poderia ser substituída, então, tranqüilamente, por um gravador de fita magnética, com a voz agradável de um grande artista brasileiro, a interpretar o que fosse desejado. Ou mesmo a utilização de um vasto circuito de televisão, que atingisse uma vasta rede de escolas [...]*”<sup>94</sup>.

Os/as professores/as brasileiros/as valiam-se da prática tradicional e Niskier prognosticava que seria muito mais agradável para o/a aluno/a ouvir uma fita gravada ou ainda assistir as aulas através da tevê. A defesa do ensino através dos meios de comunicação tornou-se explícita quando o autor dizia que *“em matéria de aprendizado de línguas vivas, um centro de estudos, com o uso de recursos audiovisuais, realiza em 100 horas o que os professores não conseguem em sete anos de **escolaridade**”*<sup>95</sup>. *A televisão educativa reduziria,*

---

<sup>94</sup> NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 62, 1971.

<sup>95</sup> Grifo do autor.

*drásticamente, o corpo docente dos vários níveis de ensino*<sup>96</sup>. Os meios audiovisuais eram considerados como muito mais eficientes do que os/as professores/as e o uso de uma rede de tevê significaria menor investimento no ensino. Diminuiria o número de profissionais em sala de aula, reduzindo-se, ainda, o tempo de escolarização, fazendo emergir a questão dos custos com a educação. Por um lado, critica-se a escola porque é ineficiente e deficiente, mesmo assim, pretende-se expandi-la, diminuindo os investimentos.

Percebe-se um movimento, no texto, partindo da questão do desenvolvimento da nação, passando pela criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, pela implantação de uma tecnologia própria e pela valorização do uso do computador na construção de novas áreas do saber científico e tecnológico. Volta-se para a problematização da educação brasileira e, por fim, aponta-se para novos caminhos, como o ensino através de recursos audiovisuais e de redes de tevês. Segundo o autor, tal projeto poderia gerar economia para o país. Pode-se dizer que são campos distintos colocando as esperanças de desenvolvimento, progresso e modernização do país na educação.

Para Niskier, um dos grandes problemas que podem ser identificados na educação brasileira é a maneira como o docente atua, o professor tradicional pode ser denominando de “*professor-papagaio*” que apenas recita conteúdos e, por isso, não há muita diferença entre ele e uma fita gravada. Contrapondo-se ao *professor-papagaio*, nos Estados Unidos, surgia o *professor-computador*<sup>97</sup> O primeiro é uma pessoa e o segundo, uma máquina. De acordo com o autor,

Entre o *professor-papagaio*<sup>98</sup>, mantido pelo sistema de ensino brasileiro, e o *professor-computador*, em experiência nos Estados Unidos, há uma distância grande demais, [...] Em Stony Brook, Universidade de Nova Iorque, um computador eletrônico ensina Inglês, Alemão, e Física. O computador da Universidade de Palo Alto está ligado a 30 escolas secundárias, desde Michigan até a Flórida<sup>99</sup>.

---

<sup>96</sup> Idem, p. 62.

<sup>97</sup> Grifos do autor.

<sup>98</sup> Grifo do autor.

<sup>99</sup> NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 63.

Novamente, agrega-se outro elemento ao discurso, a atuação docente. Observam-se dois modos de caracterizar o/a professor/a e sua prática. O primeiro, apesar de humano, é comparado a uma ave que apenas assimila e repete aquilo que ouve, com pouca capacidade de raciocínio. O segundo é uma máquina que é mostrada como um instrumento que pode superar o profissional do ensino de modo mais eficiente e produtivo. O/a professor/a papagaio/a representa o atraso, a desatualização e é, segundo o texto, “mantido pelo sistema de ensino brasileiro”. O segundo é associado ao novo, ao inusitado e está nos Estados Unidos, país que no discurso do autor aparece como desenvolvido e digno de ser tomado como exemplo.

Niskier indica a existência de defensores do uso do computador no ensino e daqueles que criticavam a iniciativa. Mesmo assim, eles foram implantados em alguns cursos de pós-graduação, principalmente aqueles relacionados ao ensino da física e da química, também foram citados alguns setores, como a Secretaria da Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara. No início dos anos 70, não se cogitava a disseminação dos computadores para todas as escolas de primeiro e segundo graus, pois *“os que defendem o uso do computador, nas escolas (e é lógico que não se pensa em termos de computador para todo o ensino no Brasil<sup>100</sup>, agora, mas como uma experiência rica, motivadora de discussão) enumeram as características do novo ‘professor’<sup>101</sup>*. Embora o governo Federal não tivesse, ainda, criado projetos visando à informatização das escolas, a mídia antecipa quais seriam as características do professor do futuro explicitado na matéria publicada na revista *Elle* de julho de 1968. O texto é montado utilizando-se a estratégia da comparação. Dentre os principais aspectos, aponta-se a eficácia, o papel do/a professor/a, o respeito ao ritmo dos/as alunos/as e a frieza. Em relação à eficácia, diz-se que, [...] *“é certo que o aluno médio não aprende mais rápido, através do computador, do que em sua classe. Mas o computador tem duas vantagens indiscutíveis: a criança segue seu próprio ritmo e não há ‘abismos’ em seus conhecimentos, pois o computador não passa, jamais, à questão*

---

<sup>100</sup> Grifo meu.

<sup>101</sup> NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 63.

*seguinte, sem ter obtido resposta correta*<sup>102</sup>. A máquina é representada como mais eficaz porque não vai adiante sem que o/a estudante dê a resposta correta. Depreendem-se do texto as diferenças no modo como o/a professor/a e o computador interpretam o ritmo do/a aluno/a. Parece que o primeiro nem sempre respeita o desenvolvimento da criança gerando lacunas na aprendizagem. Já a máquina não incorreria nesse erro, pois o computador não vai adiante sem a anuência de quem aprende. Pode-se dizer que, na comparação entre professor/a e máquina, parece haver maior eficiência no segundo.

Quanto à função docente menciona-se que “[...] *é fora de dúvida que o uso do computador não significa o afastamento do professor. Os professores devem estar sempre presentes, para seguir os alunos, encorajá-los, explicar os pontos difíceis.* [...]”<sup>103</sup>. O/a docente aqui muda de função, ele/a programa a máquina, interage encorajando os/as alunos/as e sana dúvidas, aparecendo, assim, como coadjuvante do computador, tendo papel secundário.

O discurso é formado acionando-se três enunciados principais: a educação descrita como possibilidade de impulsionar a modernização do país; a educação retratada como sinônimo do atraso e a ineficiência dos profissionais do ensino. Parece que o/a docente, por não ser um computador, é culpabilizado/a pelas deficiências do sistema de ensino. As descobertas feitas nos países desenvolvidos servem como argumento em defesa do uso do computador no ensino. Isso se explicita na comparação feita pelo autor entre professor computador e professor/a papagaio/a. Aos argumentos de Niskier, alia-se o texto de uma reportagem publicada na mídia impressa, a Revista *ELLE*.

Niskier menciona que, na época, criticava-se a relação estabelecida entre alunos e computadores, conforme o texto,

[...] Toda aprendizagem comporta uma interação de professor e aluno. Daí os especialistas terem desejado ‘fazer falar’ o computador. Em lugar de dizer, simplesmente, ‘está certo’, o computador exclama: ‘Bravo!’, ou ‘muito bem’, ou ‘excelente!’, ‘você está fazendo muitos

---

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971, p. 63.



progressos'. Em lugar de dizer, sêcamente, 'errado!', êle diz: 'Ainda um pequeno êrro', [...] 'veja, pense melhor na questão'. Experiências detalhadas mostram que os alunos reagem muito bem a êsse estilo de computador, quando sabemos que as observações do professor fazem nascer hostilidades (é grande o número de professores que aterrorizam, principalmente em matéria de provas, ou na hora de chamar um aluno ao quadro-negro)<sup>104</sup>.

A máquina "que fala" é apresentada como um objeto que pode ensinar sem criar constrangimentos e nem aterrorizar. Nota-se que o computador é representado como um/a professor/a que possui o perfil mais adequado do que o/a professor/a humano/a, pois este/a pode errar ao interpretar o ritmo da aprendizagem, criar traumas no/a aluno/a e, ainda, seguir adiante com os conteúdos, sem que tenha ocorrido aprendizagem. É apresentado/a como aquele/a que constrange e aterroriza os/as alunos/as, enquanto que a máquina jamais apresentaria tal comportamento. No perfil apresentado, ressaltam-se aspectos negativos do/a professor/a, e valoriza-se a máquina de ensinar. As qualidades do/a docente humano aparecem numa única referência quando menciona que a função seria a de sanar dúvidas e explicar o que é difícil.

O/a professor/a, portanto, é posicionado como um sujeito despreparado para ensinar com eficiência. Pode-se dizer que, na perspectiva de Niskier, a máquina de ensinar proporcionaria um ensino muito mais "humanizado".

Niskier sugere que se deve programar o computador de modo diferente. Para as crianças pequenas "*o caminho a seguir é a do computador amigo*" para os adolescentes [...] "*as pesquisas revelam sua preferência pelo computador-computador: a máquina que seja máquina, mesmo*"<sup>105</sup>. E completa,

*A pedagogia do computador*<sup>106</sup> ainda está na infância. O mesmo acontece com sua programação. A máquina está pronta, mas a ela falta o alimento adequado. Ela parece um telefone ultra-aperfeiçoado, que não tem (ainda) mensagens a transmitir. O computador-professor só será uma grande realidade no dia em que os professores e pedagogos se juntarem para pensar e refazer todos os cursos existentes. [...] <sup>107</sup>.

---

<sup>104</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>105</sup> NISKIER. Idem, p. 64.

<sup>106</sup> Grifo do autor.

<sup>107</sup> Idem, p. 64, 1971.

Como podemos ver, aliado à ciência e tecnologia está o computador e uma presumível “revolução” que a máquina ensinante provocaria na educação. Emergem, assim, dois novos objetos: a pedagogia do computador e o professor-computador. Contrapondo-se ao segundo, está o professor-papagaio, identificado como sujeito da prática tradicional. No entanto, percebemos que boa parte da argumentação de Niskier a favor da ciência e tecnologia tem como alvo a modernização do país que, segundo ele, depende da inovação do sistema educacional. Quando trata da educação que estava sendo desenvolvida na década de 70, o autor aponta a ineficiência do sistema educacional, recorrendo ao número de repetentes, à evasão e à existência de um grande número de analfabetos. De acordo com o texto, o resultado era uma massa de cidadãos despreparados para a vida e para o mercado de trabalho, vivendo num país atrasado do ponto de vista econômico, social e político. Para ele, a inovação do sistema escolar implicaria na substituição do ensino humanístico pelo técnico-científico. A utilização dos meios de comunicação resolveria o déficit educacional, uma vez que,

[...] os recursos técnicos de massa que hoje são colocados a seu serviço, como a televisão, o rádio, a máquina de ensinar e o computador eletrônico não chega a ser novidade, pois há muito são utilizados em Universidades como Harvard, Austin, Stanford, Michigan, Oklahoma, nos Estados Unidos. Um país como o nosso – com 30 milhões de analfabetos – não pode prescindir de instrumentos como a televisão educativa, ainda muito tímida entre nós<sup>108</sup>.

Niskier apresenta a educação nos Estados Unidos como um modelo a ser seguido. Lá os meios de comunicação de massa já estavam incorporados ao sistema educacional. Para reforçar seu argumento, menciona que temos 30 milhões de analfabetos. Novamente, reitera que a tecnologia pode ser a solução para o déficit educacional.

No texto de Niskier, vê-se delinear, aos poucos, o que se tem chamado de educação a distância. Esta forma de ensino implantou-se no Brasil, na segunda metade do século XX. As relações que podem ser estabelecidas entre o desenvolvimento da ciência e tecnologia e a educação a distância serão tratadas a seguir.

---

<sup>108</sup> NISKIER. *Ibidem*, p. 25.

## 2.2. As tecnologias - outras formas de escolarização

De acordo com Saraiva (1996), a Educação a Distância evoluiu e desenvolveu-se devido ao “*surgimento e disseminação dos meios de comunicação*”<sup>109</sup>. Esta modalidade educativa passou pela fase do ensino por correspondência, expandiu-se para a radiofônica e a televisiva e, atualmente, alastrou-se para a informática, a telemática e a multimídia. O marco inicial da Educação a Distância se deu com a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Roquete-Pinto. Objetivava-se utilizar a radiofusão para ampliar o acesso à educação. Conforme a autora, o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), deveria coordenar e apoiar a teleducação no Brasil.

Nos anos 60, durante o regime militar, a radiodifusão propagou um projeto de alcance nacional. Trata-se do *Projeto Minerva*, o Governo Federal, por meio de um Decreto, exigiu que emissoras comerciais de rádio e televisão transmitissem programas de formação ao longo de sua programação, assim, as emissoras veiculariam gratuitamente cinco programas semanais de 30 minutos diários, de segunda a sexta-feira. Naquele período, irradiavam-se os cursos de Capacitação Ginásial e Madureza, e, em 1973, criou-se o Curso Supletivo “*João da Silva*”, sob o formato de telenovela.

O projeto Minerva iniciou em primeiro de setembro de 1970 e contou com o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura. “*A meta a atingir pretendia utilizar o rádio para atingir o homem, onde ele estivesse, ajudando-o a desenvolver suas potencialidades, tanto como ser humano, quanto como cidadão participativo e integrante de uma sociedade*”<sup>110</sup>. O rádio foi escolhido para difundir o projeto Minerva porque o custo para a aquisição e manutenção dos aparelhos era baixo. Além disso, havia muita familiaridade das pessoas com este meio. A ênfase principal do projeto era a alfabetização de adultos. Os alunos ouviam as aulas e, uma vez por mês,

---

<sup>109</sup> SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições da história**. In: Em Aberto, ano 16, n.70. abr./jun. Brasília, p. 16, 1996. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br). Acesso em 17/07/2007.

<sup>110</sup> Disponível em [www.vdl.ufc.br/catedra/telematica/cronologiahtm#-toc457632061](http://www.vdl.ufc.br/catedra/telematica/cronologiahtm#-toc457632061), acesso 03/2007.

reuniam-se em telepostos para sanar suas dúvidas. Percebe-se que o projeto Minerva apareceu como solução barata para resolver o problema do analfabetismo no Brasil.

Além do rádio, ainda na década de 70, projetou-se a televisão educativa que funcionaria via satélite. Isto se tornou possível com a criação do Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares (Projeto Saci), que tinha por finalidade desenvolver um sistema nacional de teleducação via satélite. Este mesmo projeto foi mencionado por Niskier, como vimos anteriormente. De acordo com Saraiva,

[...] Em sua primeira versão, de 1968, o projeto discutia as vantagens de um satélite de alta potência que alocaria três canais de TV para fins educativos. Isto permitiria atingir escolas em todo o país, com programas de rádio, televisão e material impresso. A programação seria voltada para as quatro primeiras séries do ensino primário e habilitação de leigos<sup>111</sup>.

O Projeto SACI poderia fazer com que os meios de comunicação como o rádio e a televisão chegassem às escolas. Normalmente, os alunos iam até as escolas, mas com o projeto a escola iria até o aluno, ou até o profissional a ser formado. A educação escolarizada deixou de funcionar predominantemente em locais denominados como escolas. O uso do rádio e da televisão para ensinar demandou a criação de telepostos, que eram espaços equipados com telefone, computador, internet e fax. A aprendizagem e a relação professor-aluno são intermediadas por novos instrumentos. O/a professor/a adquiria outras feições: é uma voz, quando veiculada pelo rádio; é uma imagem, quando televisionada, a docência é exercida através de aparelhos de ensinar. Da mesma forma que anteriormente, no discurso de Niskier, a aprendizagem é exercida através das máquinas.

A relação do aluno com a aprendizagem também se modificou, pois no lugar daquele que avalia se o conhecimento foi ou não assimilado, aparece a auto-instrução. Os alunos assistiam a programas educativos e poderiam avaliar seu próprio rendimento. Para isso, indicava-se “[...] a utilização constante de feedback dos alunos, através de textos de instrução programada

---

<sup>111</sup> SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições da história**. In: Em Aberto, ano 16, n.70. abr./jun. Brasília, p. 20, 1996. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br). Acesso em 17/07/2007.

e um sistema de correção de testes por computador”<sup>112</sup>. A educação a distância emerge como meio para resolver o déficit educacional mencionado por Niskier. Pode-se dizer que o avanço tecnológico e o aperfeiçoamento dos meios de comunicação criaram as condições para que outras formas de ensinar e aprender aparecessem.

Saraiva destaca ainda dois projetos que, segundo ela são referência para a história da Educação a Distância no Brasil: o programa “*Um salto para o futuro*” e a criação da *Teve Escola*. O primeiro surgiu em 1991, produzido e veiculado pela Fundação Roquete Pinto, a partir do ano de 1995, foi incorporado à programação da *Teve Escola*. O programa *Um Salto para o Futuro* é destinado à atualização de professores/as e serve ainda como apoio aos cursos de formação dos/as docentes que irão atuar nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Utiliza-se o sistema via satélite, o que permite a interação entre cursistas e especialistas. É veiculado pela *teve* e os/as professores/as participantes reúnem-se em telepostos, formulam questões, relatam experiências, ao vivo ou via telefone e fax. Os especialistas que se encontram nos estúdios, comentam e respondem as questões.

A *Teve Escola* criada e idealizada pelo MEC, foi ao ar em 1995, seu objetivo principal era propiciar o “[...] *aperfeiçoamento e a valorização dos professores da rede pública e a melhoria da qualidade de ensino, por meio de um canal de televisão dedicado exclusivamente à educação*”<sup>113</sup>. Os programas veiculados eram complementados por materiais impressos, como: a revista da *TV Escola*, os Cadernos do Professor, a Revista Especial com o Guia de Programas, os cartazes com a grade de programação bimestral e o catálogo. Até aqui, tínhamos os programas de educação a distância voltados para a alfabetização de adultos e para a formação de profissionais leigos. Com a *Teve Escola*, o foco recai sobre as escolas e sobre o/a profissional que atua nela.

---

<sup>112</sup>SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições da história**. In: Em Aberto, ano 16, n.70. abr./jun. Brasília, p. 20, 1996. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br). Acesso em 17/07/2007.

<sup>113</sup> SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições da história**. In: Em Aberto, ano 16, n.70. abr./jun. Brasília, p. 26, 1996. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br). Acesso em 17/07/2007.

Pode-se dizer que enquanto os meios de comunicação e a tecnologia foram se desenvolvendo, surgiram outros modos de ensinar e de aprender e, com eles, outros saberes e novos objetos. No lugar do/a professor/a, surge o especialista. O/a aluno/a pode estudar sozinho e ele/a mesmo/a avalia seus conhecimentos com auxílio de uma máquina. Pode estudar em qualquer horário, ou dirigir-se a um teleposto. Em certa medida pode-se dizer que o aperfeiçoamento dos meios de comunicação se deve ao desenvolvimento da ciência e tecnologia que, por sua vez, se reflete em outras formas de se ensinar aprender. De acordo com Saraiva e outros estudiosos da Educação a Distância, foi graças aos meios de comunicação que a EAD difundiu-se e lançou programas que formam alunos/as e professores/as em todo o território nacional. A Educação a Distância é coordenada pelo MEC, possui uma Secretaria específica que, a partir do ano de 1996, abrigou também o Programa Nacional de Informática nas Escolas - PROINFO.

Este programa foi criado no ano de 1997 e, através dele, os Governos Federal, Estadual e Municipal estão desenvolvendo uma série de programas regionais visando à informatização das escolas públicas brasileiras. Na seqüência, descrevo como este programa se estruturou e as modificações que se sugerem para as escolas e para a formação de professores. Inicialmente, baseando-me no texto de Maria Cândida Moraes, farei um breve resumo das primeiras iniciativas nesta área; em seguida, procurarei caracterizar o programa PROINFO e seus objetivos.

### **2.3. Projetos e programas – iniciativas de informatização das escolas brasileiras**

Moraes (1997) apresenta as primeiras iniciativas de uso da informática educativa no Brasil, mencionando que essas datam da década de 70. Segundo ela, em 1971 discutiu-se o uso de computadores no ensino de Física, em parceria com a Universidade de Dartmouth/USA. No entanto, o Brasil pretendia desenvolver caminhos próprios para a informatização da sociedade brasileira. *“buscava-se construir uma base que garantisse uma real capacitação nacional nas atividades de informática, em benefício do desenvolvimento social, político,*

*tecnológico e econômico [...] Uma capacitação que garantisse autonomia tecnológica, tendo como base a preservação da soberania nacional*<sup>114</sup>.

No texto de Moraes, apreendemos alguns ditos que se assemelham aos de Niskier, pois a autora destaca que havia uma preocupação com a capacitação em informática para se desenvolver tecnologia própria, gerar autonomia e, conseqüentemente, garantir o desenvolvimento social, político e econômico; por fim, garantir a soberania nacional. Nota-se uma sintonia entre os dois discursos. Para Niskier deveria se investir em ciência e tecnologia de modo mais amplo, enquanto que Moraes menciona somente as atividades relacionadas à informática.

Dentre as primeiras iniciativas está a criação da Secretaria Especial de Informática SEI. Conforme Moraes, a SEI procurava,

[...] fomentar e estimular a informatização da sociedade brasileira, voltada para a capacitação científica e tecnológica capaz de promover autonomia nacional, baseada em princípios e diretrizes fundamentados na realidade brasileira e decorrentes das atividades de pesquisas e da consolidação da indústria nacional<sup>115</sup>.

A autora apresenta um dado novo: emerge em seu discurso a questão da soberania nacional. Niskier tratou da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia e ressaltava que o órgão poderia levar o país a aproximar-se dos países desenvolvidos. Moraes menciona a Secretaria Especial de Informática defendendo, também, o desenvolvimento mas agora noutra ótica, para gerar tecnologia própria e consolidar a indústria nacional. [ ] Ressalta ainda que [ ] *“Naquela época, já havia um consenso no âmbito da SEI/CSN/PR de que a **educação**<sup>116</sup> seria o setor mais importante para a construção de uma modernidade aceitável e própria, capaz de articular o avanço científico e tecnológico com o patrimônio cultural da sociedade e promover as interações necessárias*<sup>117</sup>.

<sup>114</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

<sup>115</sup> Idem.

<sup>116</sup> Grifo meu.

<sup>117</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

Moraes reatualiza o enunciado de que educação é sinônimo de progresso, de desenvolvimento e de modernização. Com outros argumentos, reforça as teses de Niskier. A educação modernizaria a sociedade brasileira, inter-relacionando avanço científico e tecnológico e patrimônio cultural, garantindo a soberania nacional. A modernização passa pela informatização da sociedade brasileira por meio das escolas e da interferência do/a professor/a.

As primeiras universidades a desenvolverem estudos para a implantação do computador nas escolas foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Estadual de Campinas e a Federal do Rio Grande do Sul. Naquelas instituições, os computadores eram utilizados em cursos de graduação e pós-graduação, especialmente nas disciplinas de Física e Química. Assim, até 1980 “[...] *O computador era visto como recurso auxiliar do professor no ensino e na avaliação, enfocando a dimensão cognitiva e afetiva ao analisar atitudes e diferentes graus de ansiedade dos alunos em processos interativos com o computador*”<sup>118</sup>.

Nessas primeiras experiências, a máquina tornou-se um instrumento que ajuda o/a docente a avaliar e a analisar os conhecimentos apreendidos em relação aos aspectos cognitivos e afetivos. Com o auxílio da máquina, gera-se um banco de dados sobre o que foi aprendido e ainda era possível avaliar as emoções do/a aluno/a que estava em contato com esta ferramenta. O computador apareceu com uma outra função: a de gerar saberes sobre os/as estudantes na forma de banco de dados.

Os primeiros estudos sobre o uso dos computadores na educação aconteceram em meados da década de 70. Conforme Moraes, no ano de 1975, alguns pesquisadores da UNICAMP produziram o documento *Introdução de Computadores nas Escolas de 2º Grau*, financiado pelo Acordo MEC-BIRD. No mesmo ano, Seymour Papert e Marvin Minski visitaram a UNICAMP para propor “[...] *ações de cooperação técnica* [...]”<sup>119</sup>.

O intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e norte-americanos resultou “[...] *na criação de um grupo interdisciplinar envolvendo especialistas*

---

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.



das áreas de computação, lingüística e psicologia educacional, utilizando a linguagem Logo” [...] <sup>120</sup>. A linguagem Logo vem sendo divulgada e utilizada, a partir de então, em cursos e projetos educacionais. As experiências com a ferramenta/computador ampliam-se, envolvendo especialistas de várias áreas que atuam em projetos interdisciplinares. Nos enunciados dos textos apresentados, a educação figura como uma das áreas fundamentais para que a tecnologização e informatização da sociedade brasileira ocorra.

A escola aparece nos textos de Niskier e de Moraes como o lugar onde esta novidade deve ser testada, experimentada e utilizada a fim de se criar uma nova cultura nacional. A informatização mescla-se a teorias como as de Piaget, então utilizadas por alguns educadores e escolas. Conforme Moraes,

Ainda no final de 70 e princípios de 80, novas experiências surgiram na UFRGS apoiadas nas teorias de Jean Piaget e nos estudos de Papert, [...] que explorava a potencialidade do computador usando a Linguagem Logo. Esses trabalhos foram desenvolvidos, prioritariamente, com crianças da escola pública que apresentavam dificuldades de aprendizagem de leitura, escrita e cálculo, procurando compreender o raciocínio lógico-matemático dessas crianças e as possibilidades de intervenção como forma de promover a aprendizagem autônoma dessas crianças <sup>121</sup>.

No âmbito dos cursos de graduação e pós-graduação, os computadores foram inseridos em projetos bem específicos, pois se voltavam para experiências com crianças de escolas públicas que apresentavam dificuldade de aprendizagem. A máquina auxiliaria, agora, a identificar como a criança usava seu raciocínio lógico-matemático e, ainda, ajudaria numa aprendizagem autônoma. Observa-se a junção de três áreas do saber: o saber pedagógico, o tecnológico e o da epistemologia piagetiana.

Nos discursos, as finalidades da informatização modificam-se, pois do uso do computador para auxiliar o/a professor/a da pós-graduação e graduação, passa-se a experiências na escola pública, embora, ainda, com um grupo específico, mas estendia-se para o trabalho com crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Assim, na graduação e na pós-graduação servia como instrumento de avaliação e, para gerar um banco de

---

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> Idem.

dados, nas experiências das escolas públicas, era utilizado como meio para promover a aprendizagem.

Segundo Moraes, havia uma preocupação em se desenvolver certo tipo de projeto que “[...] *tivesse como princípio fundamental o respeito à cultura, aos valores e interesses da comunidade brasileira, [...]*”<sup>122</sup>. Constituiu-se, então, uma equipe que realizava freqüentes consultas à comunidade técnico-científica nacional, para elaborar projetos que considerassem tais questões. No que se refere ao uso do computador como uma ferramenta auxiliar na docência realizou-se em, 1981, o *I Seminário Nacional de Informática na Educação* na Universidade de Brasília. “*Foi nesse seminário que surgiu a primeira idéia de implantação de projetos-piloto em universidades, cujas investigações ocorreriam em caráter experimental e deveriam servir de subsídios à uma futura Política Nacional de Informatização da Educação*”<sup>123</sup>.

Nesse mesmo ano formou-se uma equipe de trabalho com representantes do MEC, da SEI, do CNPQ e da FINEP para juntos elaborarem subsídios a uma política nacional de informatização, assim configurou-se o projeto EDUCOM que consistia numa “[...] *proposta interdisciplinar voltada para a implantação experimental de centros-piloto com infra-estruturas relevantes para o desenvolvimento de pesquisas, objetivando a capacitação nacional e coleta de subsídios para uma futura política setorial*”<sup>124</sup>.

Observa-se que houve várias experiências isoladas, porém a partir do Seminário e da criação do grupo interdisciplinar iniciaram-se pesquisas visando à capacitação em grande escala. Nota-se, então, uma modificação que provoca certo impacto no processo de informatização das escolas. Ressalte-se que as iniciativas para a implantação da informática na educação brasileira “[...] *deveriam estar centradas nas universidades e não diretamente nas secretarias de educação, pois era necessário construir conhecimentos técnico-científicos para depois discuti-los com a comunidade nacional [...]*”<sup>125</sup>. Pode-se dizer que a

<sup>122</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

política de informatização escolar foi um projeto elaborado por especialistas das universidades, isto é, pessoas com atuação distante da realidade do Ensino Médio e Fundamental. Embora Moraes mencione haver a preocupação em se elaborar projetos que respeitassem a cultura, os valores e os interesses nacionais, os sujeitos consultados eram especialistas, pesquisadores e cientistas e nunca a população. Do mesmo modo, a política de informatização das escolas não foi discutida com os/as professores/as, os/as diretores/as e os/as alunos/as das escolas, mas foram elaborados em gabinetes e experimentados em centros-piloto.

Até 1982/83, as discussões em torno da informatização das escolas estava a cargo de uma equipe intersetorial com representantes do MEC, da SEI, do CNPQ e da FINEP, no entanto, devido à criação do Centro de Informática do MEC – CENIFOR subordinado à Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa – FUNTEVÊ, no ano de 1984, o CENIFOR assumiu a coordenação e supervisão do Projeto EDUCOM. A partir de então, o MEC passou a cuidar sozinho desta área. Assim,

[...] Um dos argumentos utilizados para a transferência do Projeto EDUCOM para o MEC, era o de que a informática na educação tratava de questões de natureza **pedagógica**<sup>126</sup> relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, envolvendo escolas públicas brasileiras e universidades, na busca de subsídios para uma futura política setorial<sup>127</sup>.

No âmbito dessa transferência, a informatização adquire outra especificidade, pois fazia-se necessário informatizar as escolas e o Brasil. Pode-se dizer que o MEC coloca novas regras ao discurso que vinha sendo efetivado. O computador passa a ser visto como uma ferramenta que, a partir de então, fará parte do processo ensino-aprendizagem e isso é um acontecimento na ordem do saber pedagógico. Pode-se dizer que tal acontecimento provocou modificações nas práticas que eram desenvolvidas, colocando-se outras exigências para o exercício da docência. O ato de ensinar e aprender assume novas conotações e a função professor/a passa a ser ocupada de outro modo. Trata-se de uma mudança drástica, inusitada e sem

---

<sup>126</sup> Grifo meu.

<sup>127</sup> Idem.

precedentes: o/a professor/a perante à máquina torna-se aprendiz, e esta posição é reiterada em vários textos, aparecendo, inclusive, no discurso da revista *Nova Escola*.

Nesse sentido, o discurso pedagógico é redirecionado e o discurso sobre as novas tecnologias encontra seu princípio de unidade no saber pedagógico. Foucault explica que a unidade do discurso pode ser apreendida no,

[...] conjunto de regras que, simultânea e sucessivamente, tornou possível não somente descrições puramente perceptivas, mas também observações mediatizadas por instrumentos, protocolos de experiências de laboratórios, cálculos estatísticos, constatações epidemiológicas ou demográficas, regulamentos institucionais, decisões políticas. Todo esse conjunto não pode obedecer a um modelo de encadeamento linear: trata-se de um grupo de diversas enunciações que estão longe de obedecer às mesmas regras formais, de ter as mesmas exigências de validação, de manter uma relação constante com a verdade, de ter a mesma função operatória [...] <sup>128</sup>.

O conjunto de regras que Foucault menciona pode ser observada nos diversos discursos que tratam da informatização das escolas, nos discursos que se criaram em defesa da disseminação da ciência e tecnologia, da criação de tecnologia própria para garantir a soberania nacional, da finalidade de se instaurar a nova cultura nacional que teria na informatização da sociedade um dos seus princípios fundamentais. Trata-se de práticas institucionais relacionadas ao campo político. No entanto, tais mudanças ocorreram, também, no nível das práticas locais, quando se desenvolveram, por exemplo, projetos piloto nas universidades, quando se propôs a criação de Centros de Informática e a montagem de laboratórios de informática nas escolas. Dessa rede, surgiu um conjunto de práticas que envolvem desde políticas institucionais até a prática de cada centro específico: da escola, da sala de aula do grupo de alunos/as. Todas elas visavam finalidades diversas, mas em muitos textos, coloca-se a necessidade de aprimorar a educação e assim superar as suas deficiências. Pode-se dizer, então, que a Pedagogia é o saber que dá especificidade a estes discursos, uma vez que a informatização, neste caso, relaciona-se diretamente com estes processos.

---

<sup>128</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005, p.p. 100-101. Col. Ditos e Escritos vol II.

No ano de 1984, efetivaram-se os primeiros convênios entre a FUNTEVÊ/MEC e as Universidades Federais do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Estadual de Campinas. Implantaram-se também os centros-piloto, porém essas atividades foram paralisadas em 1985, quando terminou o regime militar.

Apesar de todas estas iniciativas, o programa de informatização das escolas públicas de primeiro e segundo graus ainda não era uma realidade. Todos os projetos desenvolvidos até o início de 1997 resumiam-se à implantação dos centros-piloto nas universidades e à execução de projetos isolados.

Houve, segundo Moraes, o desmonte dos projetos anteriores e a formação de novas comissões no movimento de redemocratização do país.

O novo período para a informatização das escolas iniciou no ano de 1986, quando se criou o Comitê Assessor de Informática na Educação – CAIE/MEC. O órgão estava sob a coordenação do MEC. O referido Comitê apresentou o Programa de Ação Imediata em Informática na Educação de 1º e 2º graus, e visava “[...] a criação de uma infra-estrutura de suporte junto às secretarias estaduais de educação, a capacitação de professores, o incentivo à produção descentralizada de softwares educativos, bem como a integração de pesquisas que vinham sendo desenvolvidas pelas diversas universidades brasileiras”<sup>129</sup>. Novas regras do discurso se delineiam. Importa, agora, promover a informatização do ensino de primeiro e segundo graus, estruturar as secretarias estaduais e capacitar professores/as.

Em 1986, houve o lançamento do *Primeiro Concurso Nacional de Software Educativo* e a implementação do Projeto FORMAR, visando à capacitação docente em cursos de especialização *lato sensu*, para os profissionais das Secretarias Estaduais de Educação e das Escolas Técnicas Federais. Os/as docentes capacitados deveriam projetar e implantar Centros de Informática Educativa nas escolas. Forma-se uma nova rede, pois os/as professores/as tornaram-se os/as novos/as agentes da informatização das escolas. No discurso sobre as novas tecnologias agregam-se novos elementos,

---

<sup>129</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

como os Centros de Informática, surgem, assim, novos sujeitos: os/as professores/as capacitados/as em informática.

Para a autora, as iniciativas anteriores resultaram em bases para que, no ano de 1989, se criasse o Programa Nacional de Informática Educativa – PRONINFE. A este programa coube *“Desenvolver a informática educativa no Brasil, através de projetos e atividades, articulados e convergentes, apoiados em fundamentação pedagógica sólida e atualizada, de modo a assegurar a unidade política, técnica e científica imprescindível ao êxito dos esforços e investimentos envolvidos”*<sup>130</sup>. O PRONINFE, além das ações acima, defendia também a criação dos centros distribuídos em várias regiões do país.

Assim, constituíram-se centros conforme o nível de ensino. Para o ensino de terceiro grau, formou-se o Centro de Informática para a Educação Superior – CIES. Era vinculado a uma universidade e teria as funções de desenvolver pesquisa científica de caráter interdisciplinar, de formar recursos humanos e dar suporte aos Centros de Informática na Educação de primeiro e segundo graus – CIEDs e aos Centros de Informática na Educação Técnica – CIETs. O CIED estava vinculado a uma secretaria estadual ou municipal de educação e deveria assessorar professores de primeiro e segundo graus, crianças da educação especial e outros interessados em informática. Os Centros de Informática na Educação Técnica – CIETs, inseriam-se numa escola técnica e deveriam formar recursos humanos, realizar experiências técnicas e científicas e atender alunos e professores no local onde estavam<sup>131</sup>.

A partir da formação desses centros objetivava-se promover a informatização das escolas em diferentes regiões do país. Dos três tipos de centros, os CIEDs tiveram maior abrangência, pois *“[...] constituíram-se em centros irradiadores e multiplicadores da tecnologia da informática para as escolas públicas brasileiras, os principais responsáveis pela preparação de uma significativa parcela da sociedade brasileira rumo a uma sociedade informatizada”*<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup>MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil**: Uma história vivida, algumas lições aprendidas, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

<sup>131</sup>Idem.

<sup>132</sup> Idem.

Além do PRONINFE, que era um programa subordinado ao MEC, criou-se o Plano Nacional de Informática e Automação – PLANIN. Este plano foi aprovado por Ministros e por representantes da indústria nacional e sua incorporação ocorreu no final de 1990. Para Moraes, esta junção se deu porque,

[...] acreditava-se que a política de informática na educação deveria também estar em consonância com os objetivos e diretrizes da política educacional da área de Ciência e Tecnologia – SEI/MCT, visando a inclusão de metas e objetivos do Programa como parte integrante do II PLANIN, Plano Nacional de informática e Automação, para o período de 1991 a 1993<sup>133</sup>.

O PRONINFE estava em consonância com o PLANIN. Deste, foi criado ainda o Primeiro Plano de Ação Integrada – PLANINFE. Os coordenadores do PLANINFE e do PRONINFE defendiam um intensivo programa de capacitação de docente.

Acreditava-se que, para implantar a nova cultura (informatização da sociedade brasileira), seria imprescindível a formação de recursos humanos. O envolvimento das universidades, das secretarias de ensino, das escolas técnicas e das empresas por meio do SENAC e do SENAI, era considerado como essencial para tal fim.

O projeto FORMAR, criado em 1987, sob a coordenação do NIED/UNICAMP, foi pioneiro na capacitação de professores. Os profissionais formados deveriam atuar em centros de informática educativa, localizados nas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Segundo Moraes,

A formação de profissionais propiciada por este projeto foi realizada através de três cursos e atingiu cerca de 150 educadores provenientes das secretarias estaduais e municipais de educação, escolas técnicas, profissionais da área de educação especial, bem como professores de universidades interessadas na implantação de outros centros<sup>134</sup>.

Foi a partir desta capacitação que os CIEDs foram criados e cada um deles poderia criar subcentros e laboratórios.

---

<sup>133</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

<sup>134</sup> Idem.

[...] De um centro inicialmente voltado para o atendimento aos alunos, à comunidade em geral e à formação de professores, o CIEd passou, na maioria dos estados, a ser também um núcleo central de coordenação pedagógica das atividades desenvolvidas, a partir da criação de subcentros e laboratórios [...] <sup>135</sup>.

Como se vê, tais centros estabeleceram uma espécie de rede através da qual se disseminava a nova cultura. Cada centro ou núcleo apresentava-se como,

[...] novos ambientes que possibilitassem novas dinâmicas sociais de aprendizagem, no sentido de resgatar algo que a educação se propunha há muito tempo e pouco vinha realizando, ou seja, os atos de pensar, aprender, conhecer e compreender, a partir do uso de novos instrumentos. Planejou-se então a criação de ambientes que, por um lado, possibilitassem o uso de recursos tecnológicos, usufruindo da interatividade e interconectividade que a máquina faculty, mas, ao mesmo tempo, associados a processos de desenvolvimento humano, que estimulassem autonomia, cooperação, criticidade, criatividade e capacidade decisória, possibilitando, assim, mudanças no paradigma educacional vigente <sup>136</sup>.

De acordo com Moraes, dentre os vários programas desenvolvidos no país para a informatização das escolas e para a criação de uma cultura nacional sobre o uso do computador na educação, os projetos EDUCOM, FORMAR e CIED foram os mais importantes. Os Planos, os Projetos e os Programas geraram experiências que foram teorizadas em: dissertações, teses, livros e artigos publicados, conferências, palestras, cursos de extensão, especialização e treinamento de professores.

Nota-se, aí, a formação de uma rede discursiva que envolvia políticos, estudantes, professores e especialistas da área da informática e da educação. Além disso, estendia-se para uma rede de saberes das quais participavam: universidades, empresas, o Ministério da Ciência e Tecnologia o Ministério da Educação, as Secretarias Estaduais e Municipais de Ensino e as Escolas Técnicas. Os projetos e programas de ação constituíram-se em práticas que, ao mesmo tempo, foram gerando conhecimentos úteis para rever e gestar novas ações. A informatização da sociedade brasileira é percebida por

---

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida**, algumas lições aprendidas, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.



autoridades, políticos e especialistas como função da escola. Para eles, o sistema de ensino teria uma contribuição fundamental neste sentido.

Como vimos, muitos programas, projetos e planos antecederam o Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO. Moraes sintetiza esta trajetória afirmando que,

[...] a década de 80 caracterizou-se pela produção de um conhecimento técnico científico na área, mediante o desenvolvimento de experimentos-piloto em universidades brasileiras e implantação de centros de informática educativa junto aos diversos sistemas de educação do país, o que permitiu a criação de uma sólida base teórica nacional fundamentada na realidade da escola pública brasileira. Esta fase experimental, desenvolvida por mais de 10 anos, gerou a cultura nacional de uso de computadores na educação brasileira oferecendo as condições necessárias para que a gestão atual do Ministério da Educação promova ações de maior envergadura nesta área<sup>137</sup>.

Pode-se dizer que a discursivização das novas tecnologias fundamentou-se em diferentes projetos desenvolvidos a nível nacional, em teorias e práticas gestadas nas universidades e em práticas locais. Os programas de informatização das escolas, no entanto, não seguiam uma linha do tempo com acontecimentos que se sucedem linearmente até os projetos atuais. Existiram iniciativas em diversos setores que visavam o desenvolvimento do Brasil, informatização da sociedade, criação da cultura da pesquisa, formação de pesquisadores e tecnólogos e também o ensino da leitura e da escrita. Estas iniciativas não possuem necessariamente ligações entre si, mas criaram as condições para o aparecimento do atual programa de informatização. Na seqüência, descrevo como o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) se estruturou e quais foram seus objetivos principais.

#### **2.4. A discursivização da informatização das escolas públicas - O PROINFO**

O Programa Nacional de Informática na Educação foi lançado através da Portaria 522 em 05/04/1997 e contou com financiamento do Fundo Nacional de

---

<sup>137</sup> MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

Desenvolvimento da Educação (FNDE), do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da UNESCO. Estes dois últimos órgãos financiavam principalmente as atividades internacionais e são coordenados pelo Governo Federal, através da Secretaria de Educação a Distância e sua operacionalização é feita pelos Estados e Municípios. Portanto, existem algumas ações centralizadas no MEC e outras desenvolvidas pelos estados e municípios, caracterizando-se como organização em parte centralizada e em parte descentralizada.

O Departamento de informática na Educação (DIED) foi criado para seu gerenciamento. Esta Secretaria conduziu os trabalhos até o ano de 2002, quando foi extinta e, em seu lugar, surgiu o Departamento de infra-estrutura tecnológica (DITEC).

De acordo com o relatório<sup>138</sup> elaborado pela DIED (período 1996-2002) os principais interlocutores da referida Secretaria eram o Conselho dos Secretários Estaduais de Educação – CONSED.

Este programa funcionou com a seguinte estrutura

---

<sup>138</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC, **Relatório de atividades 1996-2002**. Secretaria de Educação a Distância – SEED Departamento de Informática na Educação a Distância – DIED, Brasília dezembro, 2002. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br). Acesso em novembro 2006.

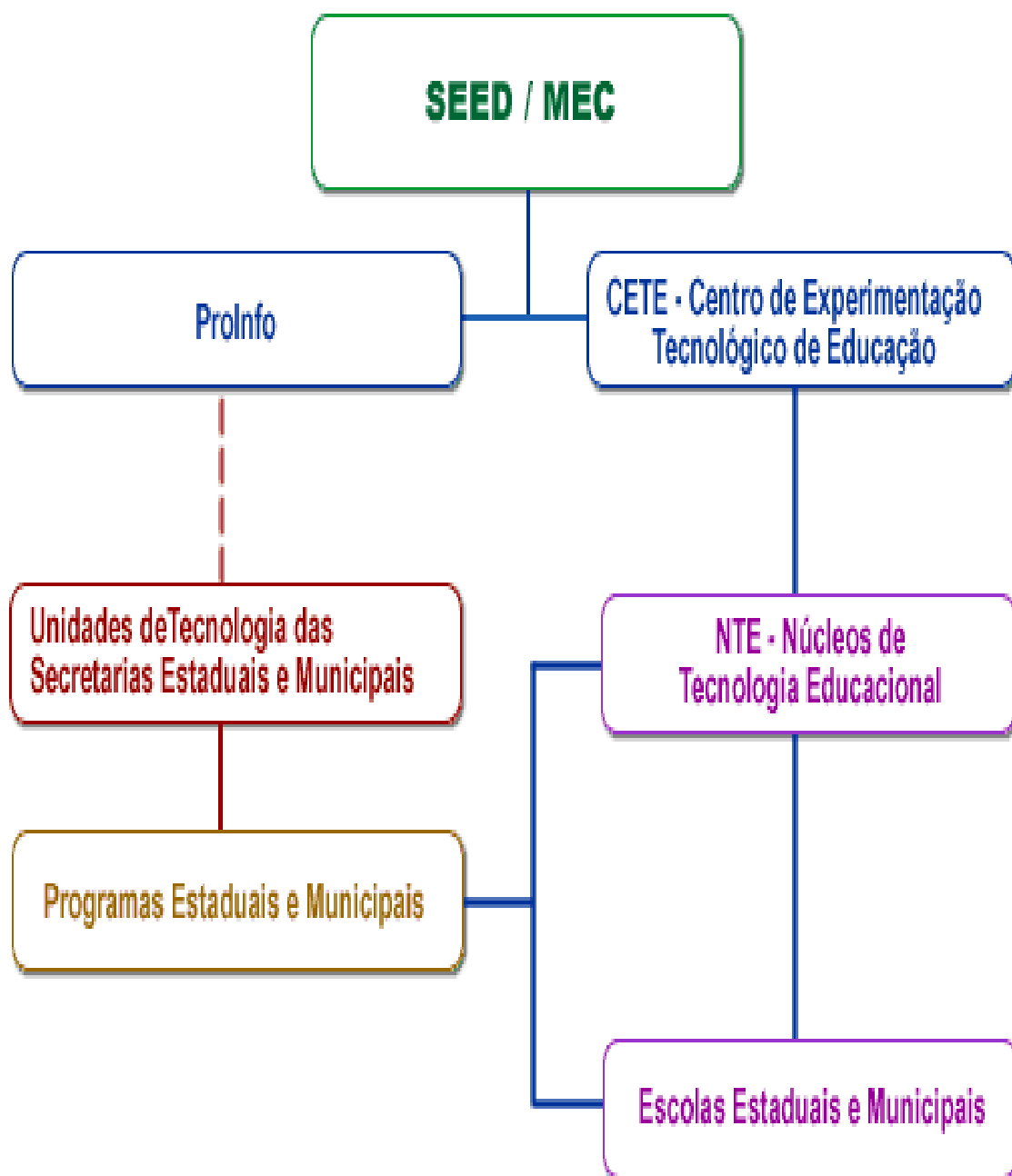


Figura 2 Imagem retirada do site [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br) em 24/07/2007

O programa está centralizado na Secretaria de Educação a Distância e o Centro Tecnológico de Educação – CETE é um órgão que tem por função realizar estudos, dar unidade nacional aos programas que devem ser desenvolvidos junto aos núcleos. A CETE assessora os Núcleos de Tecnologia Educacional – NTEs. Os Núcleos são distribuídos nas unidades da federação, cada Estado decide onde serão instalados.

De acordo com uma cartilha<sup>139</sup> elaborada e publicada pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação a Distância em julho de 1997, os núcleos são estruturas descentralizadas e que devem prestar apoio permanente ao processo de introdução da tecnologia da telemática nas escolas públicas. Cada núcleo deve atender a 50 escolas, para isso, faz-se necessário observar a dispersão geográfica, a estrutura de telecomunicações e a facilidade de acesso. Cabe aos núcleos a formação de professores/as de primeiro e segundo graus e de técnicos para dar suporte à informática educativa nas escolas.

Conforme a cartilha, os núcleos deveriam iniciar suas atividades em setembro de 1997, com o objetivo de capacitar 25.000 professores no biênio 1997/98. Dentre as principais ações dos núcleos está a de,

Sensibilizar e motivar as escolas para a incorporação da tecnologia de informação e comunicação; Apoiar o processo de planejamento tecnológico das escolas; Capacitar e reciclar as equipes administrativas das escolas; Prestar assessoria pedagógica para o uso da tecnologia no processo ensino-aprendizagem<sup>140</sup>.

Nos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs) seriam montados laboratórios. Estes núcleos assumiriam papel de destaque na formação da Rede Nacional de Pesquisa – RNP – servindo como Provedor de Internet, fazendo, assim, a interligação das escolas. Deste modo, o CETE e os NTEs são as estruturas básicas para a disseminação da informática nas escolas.

Conforme o texto intitulado como *Diretrizes*, do Ministério da Educação e Cultura e da Secretaria de Educação a Distância,<sup>141</sup> a meta principal do PROINFO era a de “*iniciar o processo de universalização do uso da tecnologia de ponta no sistema público de ensino*”<sup>142</sup>.

<sup>139</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO- MEC, Secretaria de Educação a Distância. **Recomendações gerais para a preparação dos núcleos de tecnologia educacional**. Brasília, versão julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em maio de 2006.

<sup>140</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO- MEC, Secretaria de Educação a Distância. **Recomendações gerais para a preparação dos núcleos de tecnologia educacional**. Brasília, versão julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em maio de 2006.

<sup>141</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

<sup>142</sup> Idem.

Como vimos anteriormente, existiram várias iniciativas de pesquisa sobre as formas de informatizar as escolas, desenvolvidas por universidades; no entanto, até o ano de 1997, não havia nenhuma proposta nacional de informatização que atingisse diretamente os/as professores/as, administradores e alunos/as das escolas públicas de primeiro e segundo grau, este processo iniciou-se com a criação do PROINFO.

Para justificar a implantação das novas tecnologias na escola, o documento menciona como argumento as mudanças do mundo globalizado, as transformações do mercado de trabalho, o modo como o computador interferia na produção do conhecimento e na condução de novas pesquisas e, principalmente, a compreensão de que uma sociedade desenvolvida é aquela na qual a maioria de sua população conhece e sabe operar computadores. Conforme o documento,

O acesso à informação é imprescindível para o desenvolvimento de um estado democrático. Uma nova sociedade jamais será desenvolvida se os códigos instrumentais e as operações em redes se mantiverem nas mãos de uns poucos iniciados. É, portanto, vital para a sociedade brasileira que a maioria dos indivíduos saiba operar com as novas tecnologias da informação e valer-se destas para resolver problemas, tomar iniciativas e se comunicar. Uma boa forma de se conseguir isto é usar o computador como prótese da inteligência e ferramenta de investigação, comunicação, construção, representação, verificação, análise, divulgação e produção do conhecimento. E o *locus*<sup>143</sup> ideal para deflagrar um processo dessa natureza é o sistema educacional<sup>144</sup>.

Os argumentos em favor da informatização através do PROINFO acionam novos enunciados como a democratização das informações, o desenvolvimento de habilidades específicas para resolver problemas e isto levaria à construção de um estado democrático via informatização da sociedade e da escola. Até aqui, se enunciava que era preciso aprimorar a educação para desenvolver e modernizar o país. Para isso, era necessário investir em ciência e tecnologia, utilizar os meios de comunicação de massa para escolarizar os cidadãos de modo mais rápido e eficiente. De agora em

---

<sup>143</sup> Grifo do autor.

<sup>144</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

diante, o discurso desloca-se da melhoria das escolas para a transformação dos cidadãos, pois com as novas tecnologias, os meios de comunicação e da informação fazem circular mais informações, mais conhecimentos e propiciam a construção de outras relações. Desenhava-se, então, um novo sujeito que deveria ser capaz de comunicar-se bem, resolver problemas, ter iniciativas e assim por diante. Entre os discursos anteriores e o do explicitado no documento do PROINFO, o ponto em comum está em ser a escola o local ideal para desencadear este processo. De certa forma, há a sugestão de que esta ferramenta incorpore-se ao corpo.

No discurso pedagógico da década de 90 e da seguinte, também se percebe a preocupação em desenvolver habilidades para resolver problemas, ter iniciativa e saber comunicar-se. De acordo com o documento em análise, o PROINFO não é um programa isolado do MEC, pois dentre as diretrizes traçadas por aquele Ministério está o “[...] *fortalecimento da ação pedagógica do professor na sala de aula e da gestão da escola, maior envolvimento da sociedade na busca de soluções educacionais e modernização com inovações tecnológicas introduzidas no processo ensino-aprendizagem* [...]”<sup>145</sup>. No discurso do PROINFO, sugere-se que a tecnologia pode fortalecer a ação pedagógica, melhorar a gestão da escola e envolver a sociedade para modernizar e solucionar as questões educacionais. O sucesso da tecnologia depende do modo pelo qual o computador será utilizado no processo ensino-aprendizagem.

Dentre os objetivos do programa destacam-se os de: “*Melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem*”<sup>146</sup>. [ ] No texto, a qualidade do processo ensino-aprendizagem é resumido como: “*a igualdade de acesso a instrumentos tecnológicos disponibilizadores e gerenciadores de informação*”. A acessibilidade à tecnologia deverá “*possibilitar a criação de uma nova ecologia cognitiva nos ambientes escolares mediante incorporação adequada das novas tecnologias da informação pelas escolas* [...]”. Para que este objetivo se realize “[...] *é importante que o professor encare os elementos do contexto em que*

---

<sup>145</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

<sup>146</sup> Idem.

*vive o aluno e as incorpore no cotidiano da escola, criando, assim, um novo ambiente semelhante à vida, ao que o aprendiz encontrará nas atividades sociais, nos serviços e nas organizações*<sup>147</sup>.

Neste objetivo, explicita-se um discurso que se faz presente nos currículos para o ensino de primeiro e segundo graus e em muitos livros e artigos escritos por pesquisadores da educação desde o final da década de 70. Nos anos 80, ouvia-se falar muito em partir da realidade do/a aluno/a. O que é a realidade ou o contexto em que vive o/a aluno/a? Por mais que se tenha afirmado esta tese, há quase três décadas, parece que ela ainda não foi incorporada. Seria uma forma de resistência ao discurso oficial? Ou aquilo que é entendido como realidade ou contexto pelos órgãos oficiais não é a mesma coisa do que aquilo que os/as professores/as entendem por contexto? Os problemas da escola não se referem somente a um ensino descontextualizado.

De acordo com o texto do MEC, as ferramentas da tecnologia deveriam resolver, ainda, outras questões, tais como: a evasão, a repetência, o analfabetismo, enunciado que reafirma os ditos de Niskier no final da década de 60. Além disso, acreditou-se que a democratização da informação e a construção de uma sociedade democrática passavam pela utilização dessas tecnologias na escola. Nesse discurso, a novidade estava em se enunciar que é necessário construir a sociedade democrática e, para isso, deveria democratizar a informação, além disso, disseminou-se a idéia de que a tecnologia poderia resolver os problemas de evasão, repetência e analfabetismo. Será que as novas tecnologias resolvem essas questões? Para os idealizadores do PROINFO, sim, pois o projeto deve *“propiciar uma educação voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico [...] A moderna educação, por, isto, deve ser dirigida para o progresso e a expansão do conhecimento e, a fim de permitir emancipação individual e coletiva, adequadamente articulada com a ciência e a tecnologia*<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

<sup>148</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

As novas tecnologias devem modernizar a educação, propiciando a expansão do conhecimento para promover a emancipação individual e coletiva inter-relacionada à ciência e à tecnologia. Pode-se dizer que ocorre um movimento inverso entre o discurso do PROINFO e o discurso de Niskier, pois, para ele, a escola precisa aprimorar-se para formar profissionais, pesquisadores e tecnólogos e assim impulsionar o desenvolvimento da ciência e tecnologia. No texto do PROINFO, a utilização adequada das novas tecnologias é que provoca a emancipação individual e coletiva. O saber pedagógico passa a reger-se pela ciência e tecnologia que se corporificam na informatização das escolas. O discurso dos anos 90, proferido por pesquisadores que vivem no regime democrático, articula-se com o discurso construído nos anos 70, quando se vivia sob o regime militar.

No documento *Diretrizes*, a emancipação individual e coletiva depende do conhecimento assimilado pelos cidadãos desde que articulados com a ciência e a tecnologia. Assim, propõem que se deva,

Educar para uma cidadania global numa sociedade tecnologicamente desenvolvida e isso [...] exige seres capazes de se comunicar, conviver e dialogar num mundo interativo e interdependente. Seres que entendam a importância de subordinar o uso da tecnologia à dignificação da vida humana, frutos de uma educação voltada para a democracia e amparada em valores, tais como tolerância, respeito, cooperação e solidariedade<sup>149</sup>.

Novamente ativam-se elementos que circulam no discurso pedagógico, pois muito antes de se pensar em tecnologia de ponta nas escolas, já se apregoava que a escola deveria ensinar a cooperação, a tolerância, o respeito e a solidariedade. O elemento novo aqui é o de que todos estes aspectos serão desenvolvidos com o uso das novas ferramentas de ensinar.

No documento, explicitam-se ainda as estratégias e as ações do MEC em relação ao programa. O PROINFO envolveria o Governo Federal através do MEC e as Secretarias Estaduais e Municipais de ensino. Os projetos de informatização seriam elaborados pelas secretarias estaduais e municipais de educação. As atividades planejadas eram destinadas ao quinquênio seguinte. Cada plano deveria conter,

---

<sup>149</sup> Idem.



Objetivos educacionais; opções tecnológicas escolhidas em função das orientações do projeto do Estado; proposta de capacitação de recursos humanos; outros aspectos específicos; identificação da contrapartida da escola, indicando possíveis fontes de financiamento; cronograma de implantação<sup>150</sup>.

Moraes mencionou que havia a preocupação em se disseminar a informatização respeitando a cultura nacional. Tal objetivo é reiterado aqui, pois Cada Estado e ou Município elaboraria seu projeto, considerando a realidade local. Para a aprovação de projetos, seria formada uma Comissão Julgadora composta por representantes das Secretarias Municipais de Educação da capital e dos municípios mais populosos; da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME); das universidades; do MEC e da comunidade escolar (pais, pessoal docente, técnico e administrativo e alunos). É interessante notar o movimento que foi feito para a informatização das escolas, pois, como mencionei anteriormente, antes de se criar um programa nacional de informatização das escolas públicas, houve a criação de vários projetos piloto nas universidades, assim somente depois que se teorizou, experimentou em pequenos laboratórios, é que os professores, alunos e os pais foram incorporados ao processo. As regras do discurso já estavam construídas e quanto à filosofia deste, pondera-se que,

[...] Capacitar para o trabalho com as novas tecnologias de informática e telecomunicações não significa apenas preparar o indivíduo para um novo trabalho docente. Significa, de fato, prepará-lo para o ingresso em uma nova cultura, apoiada em tecnologia que suporta e integra processos de interação e comunicação<sup>151</sup>.

A capacitação para o trabalho com as novas tecnologias possibilitaria o ingresso na nova cultura. Nesta, a função docente deveria ser modificada, caberia a ele/a integrar a televisão, os vídeos, o computador e a internet em suas aulas, desenvolver em si e nos/as alunos/as novas habilidades, tornar essas ferramentas como que uma extensão do corpo discente e docente. Percebe-se nesses enunciados que as ações desenvolvidas nas universidades,

---

<sup>150</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

<sup>151</sup> Grifo meu.

no MEC e na Secretaria de Educação a Distância contaram com o apoio da mídia impressa e televisiva.

Retomando Foucault, as mídias impressas e televisivas aparecem como superfície de emergência e atuam propagando esta nova cultura. Um exemplo disso é a revista *Nova Escola*, pois o tema novas tecnologias ganhou espaço especial a partir dos últimos meses do ano de 1997. Uma das evidências desta ampliação encontra-se na publicação de março de 1998, quando a revista apresenta cinco reportagens denominadas matérias capa, enfocando o uso dos computadores e da internet nas escolas.

Os enunciados visando à formação de uma nova cultura nacional surgem de diversos espaços. Mas é através dos especialistas da área que ele parece adquirir efeitos de verdade, pois conforme o documento *Diretrizes*,

A capacitação de professores para o uso das novas tecnologias de informação e comunicação implica redimensionar o papel que o professor deverá desempenhar na formação do cidadão do século XXI. É, de fato, um desafio à **pedagogia tradicional**<sup>152</sup>, porque significa introduzir mudanças no processo ensino-aprendizagem e, ainda, nos modos de estruturação e funcionamento da escola e de suas relações com a comunidade<sup>153</sup>.

Cabe aos professores/as formarem o cidadão do século XXI: como? Rompendo com a pedagogia tradicional, modificando a forma de ensinar e conceber a aprendizagem e modificando o funcionamento das escolas e de sua relação com a comunidade. Inicialmente, tais sugestões não são novas, pois estão presentes no discurso pedagógico desde há muito tempo. Excetuando a pedagogia tradicional e a formação do cidadão do século XXI, pode-se dizer que são princípios encontráveis até mesmo na obra de Comênios. Os efeitos deste discurso podem ser observados na maneira como os sujeitos professores/as são posicionados/as. Ora são representados/as como sujeitos capazes de romper com a pedagogia tradicional e formar o cidadão do século XXI, ora como antiquados, ou professores/as papagaios/as (Niskier), incapazes de contribuir para a construção da nova sociedade. Nesses discursos, opera-se pela lógica binária, contrapondo-se o novo versus o velho, o tradicional e o

<sup>152</sup> Grifo meu.

<sup>153</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes.**

inovador, o criador da nova sociedade e o mantenedor da sociedade atual. A lógica binária é um recurso, também, bastante utilizado na revista *Nova Escola*.

A ruptura com a pedagogia tradicional era apontada por Niskier. Vemos que as sugestões de mudanças para a educação repetem enunciados antigos, mas agregam novos elementos. Os/as professores/as tradicionais são representados/as como aqueles/as que estão sempre fora de sua época e que constroem uma escola também fora do tempo atual. Emerge o sujeito extemporâneo, o que parece servir como a marca, o estereótipo para isso é a pedagogia tradicional. Parece que tudo o que é considerado antigo, ineficiente, fora do tempo está relacionado a uma prática e a uma cultura que incorporou a pedagogia tradicional. Já o novo é representado pelo domínio e uso, com desenvoltura, das novas tecnologias.

Retornando ao PROINFO, Moraes diz que a capacitação de recursos humanos estaria a cargo dos formadores e dos multiplicadores. Os primeiros viriam das escolas técnicas, que capacitariam funcionários das secretarias estaduais e técnicos. Para cada grupo formador, havia um perfil diferenciado, conforme as *Diretrizes*,

Os professores destinados à formação dos multiplicadores serão selecionados em função de sua qualificação profissional em informática e educação.<sup>154</sup> Os demais – multiplicadores e aqueles que atuarão em sala de aula – deverão ter um perfil que os levem a ser: autônomos, cooperativos, criativos e críticos; comprometidos com a aprendizagem permanente; Mais envolvidos com a nova ecologia cognitiva do que com as preocupações de ordem meramente didática; Engajados no processo de formação do indivíduo para lidar com a incerteza e a complexidade na tomada de decisões e a responsabilidade decorrente; Capazes de manter uma relação prazerosa com a prática da intercomunicação<sup>155</sup>.

Os/as profissionais das escolas técnicas seriam responsáveis pela formação técnica, enquanto os multiplicadores das secretarias e os professores de sala de aula deveriam desenvolver algumas habilidades diferenciadas. Parece-me que estas foram eleitas como as habilidades exigidas para o cidadão do século XXI, como por exemplo: saber lidar com a incerteza,

---

<sup>154</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

<sup>155</sup> Idem.

estabelecer uma boa relação com as máquinas, sabendo utilizá-las e explorá-las. Outras características são comuns no discurso pedagógico: ser autônomo, cooperativo, criativo, crítico e comprometer-se com a aprendizagem permanente do aluno.

A preocupação central do MEC era a criação de uma nova cultura não só em relação ao uso das novas tecnologias em sala de aula, mas também de incorporação da educação a distância. O Ministério estabeleceu como objetivos desenvolver modelos,

[...] de capacitação que privilegiem a aprendizagem cooperativa e autônoma, possibilitando aos professores de diferentes regiões geográficas do país oportunidade de intercomunicação e interação com especialistas, o que deverá gerar uma nova cultura de educação a distância, preparar professores para saberem usar as novas tecnologias da informação de forma autônoma e independente, possibilitando a incorporação das novas tecnologias à experiência profissional de cada um, visando a transformação de sua prática pedagógica<sup>156</sup>.

O novo profissional é aquele/a que se comunica, conecta-se com especialistas de várias regiões do país, pode-se dizer que é representado como sujeito interativo. Cabe a ele/a aprender a usar a tecnologia e usá-la para transformar sua prática. A profissão passa a ser exercida com as novas tecnologias e não apesar delas.

Nota-se que a proliferação dos discursos sobre as novas tecnologias nas universidades, nos órgãos governamentais, na mídia e nas escolas não tem única causa, nem se deram de forma linear e progressiva. Embora não haja uma relação direta, pode-se dizer que o surgimento do rádio, em 1925, colocou as primeiras bases para futuros projetos de educação utilizando os meios de comunicação. Contribuíram ainda, para isso, o ensino por correspondência, a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, os programas de educação a distância, as tevês educativas e comerciais e a mídia impressa. Ainda, os projetos EDUCOM, FORMAR, os CIEDs, CIES e CIETs; por fim, materializou-

---

<sup>156</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br), acesso em 05/2007.

se no PROINFO que aponta as diretrizes para que as políticas de inclusão digital ocorram nos estados e municípios.

Os projetos em prol do desenvolvimento tecnológico disseminaram discursos em prol das novas tecnologias e, ao mesmo tempo, a partir delas emergiram novas exigências ao trabalho docente. Observa-se o surgimento de áreas do saber, tais como: a cibernética, a biônica e a biogenética, novos objetos como a pedagogia do computador e novos sujeitos, tais como: o/a professor/a-computador, mas também, o professor/a globalizado/a, interativo/a e seu contraponto, o/a professor/a-papagaio/a, como praticante do tradicional.

Com o computador e a internet surge o/a “novo/a professor/a” e a escola do século XXI. A escola do futuro é aquela que está integrada a um núcleo de tecnologia, possui laboratórios com computadores conectados à internet, é formada por profissionais aptos a ensinar utilizando-os. Tal professor sabe lidar de maneira prazerosa com as novas tecnologias e ainda é autônomo, criativo, crítico, cooperativo e capaz de formar o cidadão do novo século. É um sujeito que faz parte de uma rede que o/a torna “plugado/a” ao mundo, ao mesmo tempo em que insere seus/suas alunos/as neste mesmo universo.

Os diversos programas e projetos descritos até aqui são condições de existência para a disseminação do discurso sobre as novas tecnologias que aparece na revista *Nova Escola*. De certo modo, inserem *Nova Escola* no conjunto de regras que fazem a revista estar, também, no verdadeiro de uma época. Assim, a publicação reafirma alguns enunciados que circularam nos discursos anteriores e cria outros se valendo de técnicas e procedimentos que, associados a determinadas áreas do saber, produzem efeitos de poder subjetivando sujeitos.

Na seqüência, apresento como o discurso da revista se constitui destacando os enunciados que ali aparecem, as estratégias utilizadas pela publicação e os efeitos de poder que produz. Assim, na primeira parte do texto, situo a revista e destaco alguns enunciados que perpassam todos os temas ali tratados. Apresento, ainda, os objetivos da publicação. Na segunda parte, descrevo alguns editoriais. Através dos enunciados que circulam nos editoriais percebe-se as representações que a revista faz de si mesma e, ao mesmo tempo, “cria” o/a leitor/a professor/a. Na quarta parte, analiso alguns artigos da seção *Navegar é preciso*, de algumas reportagens-capa e de algumas

propagandas, mostrando que este material forma um conjunto através do qual a temática das novas tecnologias adquire materialidade. Por fim, destaco alguns enunciados, procurando perceber como os/as professores/as são posicionados, relacionando-os com alguns ditos que apareceram no perfil do/a professor/a que tentei traçar no capítulo I, e nos enunciados que aparecem no capítulo II.

### **CAPÍTULO III**

#### **OS DISCURSOS SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS CONSTRUINDO SIGNIFICADOS SOBRE O DOCENTE E A DOCÊNCIA**

Talvez perambular pelos fragmentos de subjetividades onipotentes nos permita pensar em um mundo que existe aqui, e não lá, que pulsa hoje, quem sabe amanhã, mas que nos desafia a viver o presente, a praticar a solidariedade nas pequenas lutas de cada dia, agora e não apenas num futuro que só existe na nossa imaginação. Nosso grande desafio é o hoje. Em meio a tudo aquilo que nos captura e institui, é neste tempo e neste espaço que precisamos inventar histórias de igualdade. Marisa Vorraber Costa.

### 3. 1. Situando a revista

A revista *Nova Escola* é uma publicação da editora Abril, direcionada aos profissionais que atuam nas primeiras séries do Ensino Fundamental. A editora possui uma divisão denominada *Educação* que se ocupa com a produção de materiais didáticos impressos e digitais. Assim, a revista *Nova Escola* é um elemento no conjunto de materiais endereçados às escolas e professores/as produzidos pela referida editora. De acordo com o texto encontrado no Site da Abril “Ao fundar uma editora de revistas num país com a melancólica taxa de 50% de analfabetos em 1950, Victor Civita compreendeu que a educação era, ao mesmo tempo, **oportunidade e compromisso**”<sup>157</sup>.

Observa-se, então, um discurso do qual se pode extrair dois enunciados. Um referindo-se à “melancólica taxa de 50% de analfabetos” e o outro que se refere à Educação como oportunidade e compromisso.

Uma das primeiras experiências do grupo Abril na área da educação consistiu na elaboração de material didático denominado *Escola Portátil*, fornecido ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), no ano de 1969<sup>158</sup>. No ano seguinte, foi produzido um kit para o projeto *Alfa*, destinado a ensinar as crianças a raciocinarem. A finalidade deste projeto era a de combater os níveis de repetência escolar existente. Desde março de 1986, a Abril publica, mensalmente, a revista *Nova Escola*. Segundo o Site da editora, o objetivo central da publicação é propiciar a “[...] melhoria do ensino fundamental no país [...]”. [ ] Além disso, visa desenvolver os [ ] “[...] projetos de responsabilidade social da Abril. Com a revista *Nova Escola* a Fundação atinge mensalmente 1,5 milhão de professores em praticamente cada escola do país”<sup>159</sup>.

---

<sup>157</sup> Grifo meu. Ver Site <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/educação.html>. Acesso em 12/03/2008.

<sup>158</sup> Idem

<sup>159</sup> Texto disponível em [http://www.abril.com.br/br/conhecendo/conteudo\\_43899.shtml](http://www.abril.com.br/br/conhecendo/conteudo_43899.shtml). Acesso em 12/03/2008.



A Fundação<sup>160</sup> cuida dos projetos de responsabilidade social da Abril e a revista faz parte deste projeto. Assim,

A Fundação, criada em 1985, optou por iniciativas capazes de produzir impacto num sistema que soma 50 milhões de alunos. Para isso, elegeu como foco de sua atuação o professor do Ensino Básico. 'Melhorar a educação é uma tarefa que, por suas escalas, só está ao alcance dos poderes públicos', [...]. Mas atingindo o professor consegue-se multiplicar conhecimento, contribuir com esse processo'[...]. Com receita publicitária, recursos da Fundação e uma parceria com o Ministério da Educação, a revista e o site Nova Escola oferecem um instrumento para o trabalho diário em sala de aula<sup>161</sup>.

No discurso, estão colocados alguns enunciados fundamentais, a editora vê na educação oportunidade e compromisso. A referência ao compromisso aparece nos diversos projetos de responsabilidade social da editora e, dentre eles, está a revista *Nova Escola*. A revista, por sua vez, foi elaborada tendo como público alvo o/a professor/a que atua nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Enuncia-se que a educação precisa melhorar e que a Abril pode contribuir neste processo.

No entanto, qualquer publicação gera despesas. Os recursos da Fundação, a parceria com Ministério da Educação e a receita publicitária possibilitam causar impacto sobre os conhecimentos dos/as docentes para atingir 50 milhões de alunos. Os argumentos colocados neste discurso reafirmam o enunciado acima: a educação foi percebida por Civita como compromisso e oportunidade. O argumento que o sustenta é o de que a melhoria da educação do país depende do desempenho dos/as professores/as. Assim, a responsabilidade social da Abril está em contribuir na "qualificação do trabalho docente".

O tema do compromisso com a educação é atravessado ainda por um outro enunciado: o da oportunidade. Este é sustentado pelo argumento de que se pode causar impacto sobre 50 milhões de alunos/as que podem ser

---

<sup>160</sup> A Fundação Victor Civita é uma entidade sem fins lucrativos foi criada no ano de 1985 por Victor Civita e teria como missão "contribuir para a melhoria da Educação Básica no Brasil e para a formação de novas gerações de leitores, por meio da qualificação do educador da escola pública, com vistas a desenvolver com mais competência suas atividades em sala de aula". Disponibiliza materiais como revistas, cartazes, especiais, vídeos que podem ser acessados no site Nova Escola. A entidade tem gestão independente da Abril e recebe apoio financeiro do Grupo Gerdau para custear parte de suas atividades. Informações disponíveis em: [http://revistanovaescola.com.br/fvc/nossa\\_historia.PDF](http://revistanovaescola.com.br/fvc/nossa_historia.PDF). Acesso em 04/08/2008.

<sup>161</sup> Grifo meu. Site <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/educação.html>. Acesso em 12/03/2008.

influenciados pelos/as professores/as. A oportunidade se abre para a editora e para os publicitários porque, conforme o texto do Site,

[...] NOVA ESCOLA, é o maior canal de comunicação com o professor brasileiro de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Voltada para professores, diretores, orientadores, educacionais e jovens estudantes de pedagogia, **atinge um público formador de hábitos de consumo dos mais diversos produtos e influencia hábitos de cultura e lazer dos alunos**<sup>162</sup>.

Desse modo, a revista alia compromisso e oportunidade, colocando em foco a atuação docente no Ensino Fundamental, uma vez que essa atuação pode causar impacto sobre 50 milhões de alunos/as. Esse impacto é atravessado por dois objetivos: melhorar a educação do país e formar hábitos de consumo dos mais diversos produtos, além de influenciar hábitos de cultura e lazer. A revista será produzida tendo-se em conta esses dois vieses. Do ponto de vista da descrição dos enunciados, percebe-se que estão delineadas as regras que Foucault denomina como as dos procedimentos.

No entanto, essas são apenas algumas das regras do discurso que circulam na revista. Como já mencionei, trata-se de material produzido para professores/as; porém como o Magistério do Ensino Fundamental é exercido, em sua grande maioria, por mulheres, Civita direcionou a publicação para as professoras.

De acordo com uma das reportagens, José Alcione Pereira, responsável pela divisão de Educação por vários anos, ajudou também a consolidar a revista *Nova Escola*. Pereira conta que a revista deveria se chamar "*Professora querida*". Civita encarregou-o de levar o projeto para o Ministério da Educação. O encarregado junto ao Ministério teria questionado tal nome. A publicação passou a chamar-se então *Nova Escola*. A partir daí, a Fundação Victor Civita pode contar com o apoio governamental e a revista, desde então, passou a circular mensalmente com uma rubrica de 300 mil exemplares, distribuídos, gratuitamente, para escolas estaduais e municipais. Na atualidade, circulam 159.533 exemplares denominados gratuitos, mas tais lotes de assinaturas são pagos pelo FNDE e outras entidades governamentais<sup>163</sup>.

<sup>162</sup> Disponível em <http://www.abril.com.br/homes.php?MARCA=34>. Acesso em 12/03/2008.

<sup>163</sup> Ver Site <http://www.abril.com.br/homes.php?MARCA=34>. Acesso em 12/03/2008.

Assim, *Nova Escola* tornou-se uma publicação endereçada às professoras que atuam no Ensino Fundamental. Insisto no aspecto do nível de ensino porque, como vimos no capítulo I, há enunciados sobre esses/as profissionais que criam estereótipos e padrões cristalizados que circulam em diferentes discursos. *Nova Escola* os reativa quando produz textos dizendo qualificar os/as docentes desse nível de ensino. No editorial da primeira edição, Civita dirigiu sua fala para a “*Prezada professora.*” Esta menção é reforçada no primeiro editorial e nas edições posteriores. Outras regras são acrescentadas ao discurso, pois a revista foi projetada focalizando a ação do/a professor/a. Mas, conforme se vê pelo relato de Pereira, a revista foi projetada para a docente.

O Ministério da Educação interferiu questionando o título e assim, de certa forma, redirecionou o discurso inicial ao questionar o nome da proposta. Somente colaboraria com o projeto se a publicação adotasse outra denominação. No entanto, o Ministério da Educação não é o único parceiro da editora. A receita publicitária, também interfere na forma como a revista é estruturada, e, assim, outra regra do discurso aparece: para ter receita publicitária é preciso vender algo e os/as professores/as entram no discurso como sujeitos que podem causar impacto, criar hábitos de consumo dos mais diversos produtos e, ainda, influenciar hábitos de cultura. A revista, para ser produzida e mantida, estabelece uma rede de relações que definem as regras para o discurso que ali circula. Contudo, para a venda da própria revista e dos produtos ali anunciados, é necessário conseguir a adesão do público alvo, neste caso, os/as professores/as.

A revista é destinada às professoras e isto se explicita na edição N° 01 e nos sumários das primeiras edições. O discurso que ali emerge estabelece relações entre o magistério e os cuidados domésticos. Tais vinculações se explicitam na seção “*idéias,*” por meio de algumas dicas do tipo: “*Dê um sumiço nas moscas*” e “*Ponta nova nos cadarços*”. Algumas sugestões remetem a trabalhos manuais; “*Desenhando corretamente a bandeira do Brasil*”.

Pode-se perguntar então, qual seria a aprendizagem da criança se a professora desse sumiço nas moscas? Isto não seria função do poder público? (efetuando uma dedetização?). Percebe-se uma pedagogia que emerge do

discurso, pois os textos não se referem simplesmente ao combate às moscas na sala de aula. A função professora e dona de casa se fundem no mesmo sujeito, a professora mulher deve “cuidar” de sua sala de aula como cuidaria da própria casa. É por isso que caberia a ela – no discurso da reportagem em questão – dar um sumiço nas moscas.

*Nova Escola* une saber pedagógico ao discurso que circula sobre as funções da mulher, num artefato da mídia. A professora e a dona de casa neste discurso, desempenham funções semelhantes, seja em casa, ou no espaço da sala de aula, como num quarto onde se encontra toda a informação do mundo.

Do mesmo modo, pergunto qual seria a finalidade de se aprender a fazer ponta nos cadarços? *Nova Escola* aciona saberes que remetem ao mundo doméstico dirigindo-se às profissionais do ensino. No entanto, Civita diz querer “valorizar a professora” ao apresentar a revista.

A Abril configurou-se como uma empresa especializada em títulos dedicados ao público feminino. A empresa surgiu em 1950 e sua primeira publicação foi a revista “*Capricho*”. Logo em seguida criou “*Cláudia*”, uma revista dedicada à dona de casa<sup>164</sup>. Parece que a mesma fórmula foi aplicada à revista *Nova Escola*, mas este não era o único objetivo, havia, ainda, a finalidade de manter as professoras informadas e atualizadas.

No período em que a revista *Nova Escola* foi criada, o Brasil vivenciava o final da ditadura militar e estava em curso a expansão do Ensino de primeiro e segundo graus. As classes populares tiveram acesso às escolas, a demanda pelo ensino aumentou. Faltavam professores qualificados, por isso, muitos/as professores/as eram considerados como leigos/as e outros/as com uma formação apenas de nível médio. *Nova Escola* se valeu disto para colocar-se como um meio de valorização, atualização e qualificação do/a profissional do ensino.

No final daquela década, também estava em discussão o Ensino no Brasil, por meio da Constituinte e da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que somente foi promulgada no ano de 1996, pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. A questão da formação dos professores/as estava na “ordem do dia”.

---

<sup>164</sup> Informações extraídas do site da Abril, [www.abril.com.br](http://www.abril.com.br) em abril de 2007, no item “femininas.”

A ênfase sobre a atualização dos/as professores/as pode ser observada no sumário da primeira edição, na revista, publicada em março de 1986. Ali se destacam os temas: “*Como vai a educação na Nova República*”? e “*Professora, o que é Constituinte*”? Iniciava o Governo da Nova República e a mídia debatia a Constituinte, a revista *Nova Escola* apresentava várias matérias sobre a política nacional, sugeria idéias para a sala de aula, Civita apontava no editorial da primeira publicação que a qualificação profissional passava pelo grau de informação que o/a professor/a possui. Caberia à *Nova Escola*,

Fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho do seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e proporcionar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º Grau<sup>165</sup>

Dentre outras finalidades, *Nova Escola* se propõe a integrar a professora às mudanças do país, pois, o Brasil estava se redemocratizando e as crianças das classes populares passavam a ter acesso à escola. A professora bem informada e atualizada deveria participar deste processo. O/a professor/a bem informado/a era visto/a como alguém melhor qualificado/a e por isso seria mais eficiente em sala de aula. Aqui se percebe a recorrência aos saberes da área da comunicação, pois a informação é algo inerente a essa área do conhecimento. *Nova Escola* associa os saberes pedagógicos e os saberes da área da comunicação, argumentando que sua finalidade era a de aperfeiçoar o desempenho das professoras. Esse enunciado servirá como argumento e será a tônica desse artefato ao longo dos 22 anos de existência dessa revista. *Nova Escola* se representa como um meio de informação que oferece dicas e que proporciona momentos de lazer aos docentes. Apresenta-se como um serviço de qualificação profissional que objetiva melhorar a educação do país. No entanto, na descrição desse discurso se percebe o esboço de um novo sujeito: a professora qualificada e, por suposto, daquela que se aponta como não qualificada. Há uma classificação e nomeação através da qual se desencadeiam processos de subjetivação. Uma das regras do discurso que

<sup>165</sup> CIVITA, Victor. Carta do editor. **Nova Escola**, São Paulo, ano I, n.º 01, p. 03, mar/1986.

aparece, então, é a utilização da lógica binária na qual se opera por oposição, representado um dos elementos como o ideal a ser alcançado.

Tal movimento pode ser percebido, também, em relação às novas tecnologias, pois exatamente quando o tema aparece em textos acadêmicos, na mídia televisiva, nas políticas públicas para a educação, torna-se recorrente também na revista *Nova Escola*. Somente na seção *Navegar é preciso* nos anos de 2000, 2001, 2002, a revista apresentou o tema 15 (quinze vezes), sem contar as propagandas, notícias e outras reportagens que circularam nas edições posteriores ao ano de 1998.

Considere-se que, até meados da década de 90, falou-se pouco sobre novas tecnologias e a Revista dá visibilidade ao tema, exercendo uma pedagogia que pode ser denominada de pedagogia da mídia ou cultural quando trata da inserção do computador e da internet nas salas de aula<sup>166</sup>.

Para Sarai Schmidt “*Falar em pedagogia da mídia, por exemplo, é compreender que ao lermos um jornal, ao olharmos uma novela, estamos aprendendo coisas, estamos sendo constantemente interpelados por discursos que nos conformam e nos subjetivam*”<sup>167</sup>. A mídia ensina que determinados modos de ser e de viver são mais adequados do que outros. Assim, posiciona os sujeitos, subjetivando-os.

Os sujeitos são representados nos discursos e é neles que se explicitam as relações de saber-poder. Para Foucault,

É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. É essa distribuição que é preciso recompor, com o que admite em coisas ditas e ocultas, em enunciações exigidas e interditas; com o que supõe de variantes e efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra; com o que comporta de deslocamentos e de reatualizações de fórmulas idênticas para objetivos opostos<sup>168</sup>.

---

<sup>166</sup> Utilizada na mesma acepção de pedagogia da mídia.

<sup>167</sup> SCHIMIDT, Sarai. Discutindo relações entre escola e o currículo do jornal. Disponível em [www.alb.com.br/anaisjornal/CD\\_seminário/Textos/Conferência\\_Dia30/SaraíSchmidt.htm](http://www.alb.com.br/anaisjornal/CD_seminário/Textos/Conferência_Dia30/SaraíSchmidt.htm). Acesso em 14/03/2007.

Quando aponto que o discurso da revista *Nova Escola* opera através da oposição binária não estou querendo mostrar que existe um discurso dominante e outro dominado. Trata-se de explicitar as classificações e nomeações sobre o/a docente que aparecem nos textos, ou seja, descrever alguns procedimentos de produção desse artefato através do qual reativam-se, criam-se e se excluem determinados enunciados posicionando o/a sujeito professor/a.

Assim, recompor os ditos e interditos e exclusões que emergem dos textos sobre novas tecnologias na escola implica fazer aparecer seus regimes de verdade, mostrar como se articulam as relações de saber-poder, interrogar as posições de sujeito que aparecem naturalizadas.

A revista *Nova Escola* se caracteriza como mais um elo na rede discursiva que apontei no capítulo anterior quando ela apresenta matérias diversas sobre as novas tecnologias na escola. Assim como os projetos descritos anteriormente, a revista se coloca como um meio que visa contribuir para que o/a professor/a se integre à cultura digital. No entanto, como vimos, a publicação se utiliza de saberes e de determinadas técnicas e procedimentos para a confecção da revista representando-o/a como sujeito carente de informações, pouco conhecedor de sua profissão e que necessita ser valorizado. No editorial da *Nova Escola* número 01 (um), vê-se o esboço dessa figura. O editor diz que,

É com alegria e certa dose de orgulho que lhe entregamos o número 1 da NOVA ESCOLA – resultado de um velho sonho e de um longo trabalho de uma equipe de experimentados jornalistas e profissionais da Educação. Esperamos que a revista que não é e nem deseja ser uma publicação pedagógica – cumpra os objetivos que inspiraram sua criação: fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho do seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se observa no país; e proporcionar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º Grau<sup>169</sup>.

Para o editor da publicação, *Nova Escola* foi elaborada com a finalidade de fornecer informações à professora, a fim de melhorar seu desempenho e de valorizá-la. No entanto, faz muito mais do que isso, já que põe em circulação

<sup>168</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. I** a vontade de saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. p. 95-96.

<sup>169</sup> CIVITA, Victor. Caro professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano I nº 01, p. 03 mar/ 1986.

enunciados que produzem efeitos de verdade porque ativam relações de saber produzindo efeitos de poder. Quando a publicação sugere que/o/a docente deve aprender a fazer ponta nos cadarços ou a combater as moscas na sala de aula aciona um discurso que remete a atividades normalmente desenvolvidas por mulheres que se ocupam com os cuidados da casa. Assim, inter-relaciona docência com afazeres domésticos, posicionando a professora como **mulher**<sup>170</sup> e não como profissional do ensino. O modo de posicioná-la é um dos efeitos de verdade desse discurso. Isto pode ser observado na maneira como a revista se dirige aos docentes nos editoriais, na montagem gráfica das reportagens, nas propagandas que circulam juntamente com as matérias, na criação das seções componentes da revista. Pode-se dizer que a configuração da própria revista é formada de saberes que contribuem para os efeitos que produz. Conforme Costa, “[...] especialmente em relação à revista *Nova Escola*, não se trata de palavras e imagens apenas, mas de um conjunto de perspectivas, métodos e verdades, organizados e colocados à disposição, constituindo práticas e propriedades prescritivas, moldadoras e fixadoras”<sup>171</sup>.

Para evidenciar como esse “conjunto de perspectivas, métodos e verdades” se articulam e funcionam na revista, selecionei algumas reportagens, que circularam entre os anos de 1998 e 2006, faço uma descrição da seção *Navegar é preciso* e também das seções: *Mural*, e *On Line* quando estas se relacionam às novas tecnologias e seu uso na escola.

No entanto, para descrever os procedimentos de produção da revista, dentre eles como a publicação procura interpelar seu/sua leitor/a, tomo como ponto de partida os editoriais. Eles funcionam como uma espécie de “porta de entrada” através da qual se procura estabelecer um contato com o/a leitor/a. Numa leitura rápida e desatenta, podemos entendê-los como um espaço em que o redator chefe “dialoga” com o/a leitor/a, criando representações sobre ele/a. É possível observar ainda como a publicação se representa.

---

<sup>170</sup> Grifo meu

<sup>171</sup> COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Estudos culturais em educação**, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2000, p.73.



### 3.2. Editoriais de Nova Escola - ponto de encontro entre revista e leitor/a

A revista *Nova Escola* utiliza a seção denominada de editorial para estabelecer o contato com seus/suas leitores/as. Neste espaço, são anunciadas as novidades, o aumento de preço da revista, os prêmios dados à publicação, a troca de jornalistas e do redator chefe, as viagens que os jornalistas fazem para entrevistar professores/as, alunos/as, diretores/as das escolas. Na seqüência, descrevo vários trechos extraídos dos editoriais para exemplificar.

*Nova Escola* se vale de várias estratégias para comprovar que estabeleceu um compromisso com a qualificação do/a professor/a e que quer informá-los/as atendendo aos interesses deles. Assim, anuncia num dos editoriais que usa desde a pesquisa de opinião, até a formação de grupos com os/as profissionais do ensino para saber o que pensam sobre a revista e como esta interfere ou não no exercício da docência. Num dos editoriais, o editor, como representante da revista afirma que,

Fazer revistas é um grande barato. Entrevistar pessoas, observar a realidade, conhecer histórias – e contar tudo na forma de textos, fotos e ilustrações. Sim, essa é a melhor parte. Saber que existe alguém que espera todo mês pelas novidades - e lê o que é produzido na redação. Para descobrir se estamos no caminho certo, só há um caminho: ouvir você, leitor, compreender o que tem a dizer – e o que quer encontrar em nossas páginas. [...] E, como você sabe, temos um serviço permanente de Atendimento ao Leitor que recebe perto de 2 mil e-mails, cartas, fax e telefonemas todo mês. [...] Muitas idéias e sugestões que chegam vão diretamente para as páginas da revista, na forma de pautas ou na maneira de abordar os temas e redigir os textos<sup>172</sup>.

Aqui a revista se representa como espaço que acolhe, ouve e atende as expectativas do/a profissional do ensino, mostrando-se como uma revista que é feita a partir do “diagnóstico” do que o leitor/a quer ver, ou espera ver. Além disso, menciona-se que é muito divertido confeccionar a revista para eles, pois “*fazer revistas é um grande barato*”.

O/a professor/a é mostrado como alguém que está à espera da revista para se informar sobre as novidades de cada mês. É apresentado, ainda, como

<sup>172</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro professor. *Nova Escola*, São Paulo, ano XVIII, n.165. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

alguém que é constantemente ouvido pelos profissionais responsáveis pela confecção da revista, pois a *Nova Escola* coloca alguns canais de comunicação à disposição do/a professor/a, dentre eles: as cartas, os e-mails e telefonemas, para informar melhor. As sugestões, segundo o editor, são acolhidas e passam a compor as páginas das edições seguintes. Observa-se que a revista modifica as técnicas para a coleta das opiniões, mas sempre com o objetivo de conhecer as necessidades e os interesses dos/as professores/as. Noutro editorial, indica-se tal mudança da seguinte forma,

Durante o ano de 2003, entrevistamos mensalmente 20 professores de Educação Básica para conhecer de perto suas necessidades, interesses e preocupações. E também para saber sua opinião sobre a revista ESCOLA. A cada nova edição, toda a equipe – repórteres, redatores, pessoal do Marketing e da Publicidade – saía para conversar com ‘seu’ leitor e voltava com comentários positivos e negativos, [...] A experiência foi ótima, tanto que vamos repeti-la em 2004, 2005... E valeu como um aprendizado de mão dupla: com as freqüentes conversas e os laços de confiança criados, mergulhamos ainda mais no universo do magistério e nossos leitores no universo da revista, [...] que sempre rendiam uma reportagem, uma correção de rota ou um novo enfoque<sup>173</sup>.

No primeiro editorial informa-se que a revista é elaborada para um sujeito que aguarda sua chegada a cada mês; no segundo editorial, os produtores da revista querem conhecer os interesses, as necessidades e as preocupações dos/as professores/as. Para isso, a revista formou uma espécie de grupo de estudos, mas para confirmar as impressões colhidas junto aos pesquisados/as, os jornalistas da revista entrevistavam outros/as leitores/as. A equipe saía para conversar com outros/as leitores/as para verificar se realmente aquilo que o grupo de 20 pessoas dizia correspondia àquilo que a revista denomina como as necessidades, interesses e preocupações dos/as docentes. Pode-se dizer que, por meio destas estratégias, forma-se um saber sobre o/a professor/a e sua atuação. Ao mesmo tempo, serve como estratégia de governo, pois a revista mostra-se como um espaço que possibilita a participação de seus/suas leitores/as e, assim, diz que pode atender melhor aos interesses e necessidades deles/as. As pesquisas de opinião e as outras estratégias apresentadas até aqui são práticas subjetivadoras e podem ser comparadas à técnica do exame. Nesta, o examinador se torna invisível. Quem

---

<sup>173</sup> NOGUEIRA, Nilcéia. Caro professor. *Nova Escola*, São Paulo, ano XIX, n.169, jan/fev, 2004, p.06.

recebe luz são os/as entrevistados/as e não os entrevistadores. O exame serve ainda como uma técnica de governo, pois o examinado crê que esteja de fato, participando da elaboração da revista. No entanto, eles/as estão se dando a conhecer. Segundo Foucault,

O exame supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício de poder [...]. tradicionalmente, o poder é o que se vê, se mostra, se manifesta e, de maneira paradoxal, encontra o princípio de sua força no movimento com o qual a exhibe. Aqueles sobre o qual ele é exercido podem ficar esquecidos; só recebem luz daquela parte do que lhes é concedida, ou do reflexo que mostram um instante. O poder disciplinar ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina são os súditos que têm que ser vistos [...]. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar. E o exame é a técnica pela qual o poder, ao invés de emitir os sinais de seu poderio, em vez de impor sua marca aos seus súditos, capta-os num mecanismo de objetivação<sup>174</sup>.

Pode-se dizer que a técnica do exame é acionada por meio dos canais de comunicação que a revista disponibiliza, pois joga luz sobre o/a docente quando o/a convoca a participar da construção dos textos que circularão nas próximas edições, quando diz que quer saber o que ele/a pensa sobre tal produção. Representa-se *Nova Escola* como um meio que foi elaborado para atender aos interesses e necessidades do/a docente. No entanto, não se diz que se está acumulando um saber para “capturá-los”. Os canais de comunicação são apresentados como espaços para ouvir os/as docentes, no entanto, somente aquilo que a revista seleciona é que fará parte dos textos. Isso pode ser percebido ainda nos editoriais em que se anunciam os aniversários da revista, quando a publicação recebe prêmios e quando se anuncia o aumento de preço. No editorial se explicita que,

**Nova Escola**<sup>175</sup>, com esta edição completa três anos de vida. Para nós, que o fazemos, este é um trabalho que tem trazido grandes oportunidades de reflexão e a alegria de poder informar professores de todo o Brasil sobre o trabalho de outros companheiros, dos mais distantes pontos do país<sup>176</sup>.

<sup>174</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir a história da violência nas prisões**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1987, p.166-167.

<sup>175</sup> Grifo da autora.

<sup>176</sup> SANCHEZ, Ana. Amigos. **Nova Escola**, São Paulo, ano III, n. 27, dez/1988, p.03.

Novamente, a equipe que elabora a revista parece colocar-se lado a lado com os/as docentes, pois o aniversário de três anos serve como uma espécie de revisão para aqueles que elaboram a revista, o trabalho realizado é apresentado como uma oportunidade de reflexão e alegria, mas isto só faz sentido porque existe um sujeito que necessita ser informado. Aqui, há uma pequena modificação. A revista se coloca como ponto de contato entre professores/as. Pode-se dizer que se apresenta como mediadora quando divulga as experiências que são desenvolvidas em diferentes pontos do país. No editorial do quinto aniversário, observa-se algo semelhante. “[...] *É a esses batalhadores que dedicamos a alegria deste 5º aniversário e a promessa de continuar, com redobrado empenho, este trabalho de informação e troca de experiências*”<sup>177</sup>.

Os prêmios que a publicação recebe também são apresentados como um reconhecimento em relação ao trabalho que *Nova Escola* vem prestando para a educação brasileira. No trecho abaixo, o prêmio aponta para uma revisão do trabalho em favor do/a professor/a e, conseqüentemente, da escola e do país, conforme o editorial,

Nova Escola ganhou o troféu – uma placa de metal esculpida com o rosto do supercampeão – [...]. O prêmio, que levamos juntamente com *Veja na Sala de Aula*, (projeto que transforma reportagens da maior revista do país em atividades de classe para o Ensino Médio), mostra que estamos no caminho certo<sup>178</sup>.

A notícia se repete no ano seguinte “*O Prêmio Abril de Jornalismo é a mais importante premiação de revistas do Brasil. Este ano, [...] ESCOLA trouxe dois troféus em forma de árvore (o símbolo do Grupo Abril) para a redação [...] outro [...], como Revista do Ano*”<sup>179</sup>.

Os prêmios são apresentados como uma espécie de olhar da revista sobre si mesma, o que é reiterado quando se diz que “*estamos no caminho certo*”, “*é o maior reconhecimento que poderíamos receber pelo trabalho que*

<sup>177</sup> SANCHEZ, Ana. Amigos. **Nova Escola**, São Paulo, ano V, n. 45, dez/1990, p.03.

<sup>178</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n. 132, mai/2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>179</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVIII, n. 164, ago/2001, p.06.

*fazemos em favor da educação*”. *Nova Escola* é premiada, mas quem recebe o prêmio é o/a professor/a e, através deles, a educação do país. O aumento no número de leitores também é propagado como um reconhecimento do serviço prestado em favor da educação. Como se vê na seqüência,

[...] NOVA ESCOLA, a partir de agora está em todas as escolas públicas brasileiras. TODAS. Até o mês passado, as que têm mais de 50 alunos já recebiam graças a uma parceria com o Ministério da Educação, que compra os lotes de assinaturas. A novidade agora é que a revista vai começar a chegar [...] também nos colégios com menos de 50 estudantes. São instituições espalhadas pelo país, com apenas um ou dois docentes por unidade, possivelmente os que precisam como ninguém de material de apoio e, sobretudo, da troca de informações entre os colegas, nossa marca registrada. Com isso, a tiragem atinge recorde de 638000 exemplares<sup>180</sup>.

Anuncia-se a novidade: *Nova Escola* chegará até as escolas mais distantes do país para servir como material de apoio e, principalmente para promover a troca de informações. Os/as docentes que atuam nas escolas distantes e pequenas são representados como os sujeitos que necessitam ainda mais da revista e como os mais desinformados/as.

O aspecto valorização também é reiterado constantemente, no discurso, pois “*Uma das principais preocupações, aqui na Redação de Nova Escola, é produzir uma revista para mostrar experiências bem-sucedidas de educadores. Em outras palavras, valorizar o seu trabalho*”<sup>181</sup>.

A equipe cria um mecanismo nesta direção “*Como a Fundação sempre acreditou que, além de produzir materiais para o uso em classe, uma de suas principais funções é valorizar nossos educadores, desde outubro de 1998 ela distribui o Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10*”.

O Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10 é representado como meio para valorizar algumas experiências tidas como bem sucedidas nas diferentes escolas. Esta premiação é realizada anualmente, escolhendo-se de dez a doze trabalhos. A solenidade de entrega ocorre no dia doze de outubro, geralmente participam artistas, políticos e os executivos do grupo Abril que trabalham na

<sup>180</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n. 146, out/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>181</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIV n.132, abri/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

revista *Nova Escola*. Nota-se que, através do concurso, desencadeia-se uma outra rede de relações e de saberes. O/a professor/a *Nota 10* é um outro sujeito constituído no espaço da publicação. O título *Prêmio Victor Civita Professor nota 10* já é em si um enunciado carregado de sentidos sobre o que significa ser nota 10. Pode-se dizer ainda que, através do concurso, surgem outras regras que se agregam ao discurso da revista, pois os trabalhos escolhidos figuram na mídia impressa (revista *Nova Escola*) e televisiva (*Canal Futura*), como um grande evento educativo. Através deste concurso, os/as professores/as nomeados e classificados como *Nota 10* são apresentados como exemplos a serem seguidos.

Outro procedimento apresentado como forma de valorizar os trabalhos realizados nas escolas é o relato de experiências. Esses são apresentados como atividade bem sucedida. Nas edições de *Nova Escola*, esses relatos servem como modelos do que se pode fazer de melhor nas escolas.

Nos editoriais apresentados, o/a professor/a aparece como um sujeito desvalorizado/a, desinformado/a, isolado/a e mal preparado/a para desempenhar sua função. No entanto, esses sujeitos adquirem visibilidade na medida em que se apresentam experiências realizadas em sala de aula que são divulgadas como bem sucedidas. *Nova Escola*, por outro lado, é representada como um meio que pode informar, valorizar e sanar as “carências” dos/as profissionais do ensino. A revista se mostra como um meio que está sempre apresentando as novidades, que está pronta para ouvir os/as professores/as e assim pode atender aos interesses e as necessidades dos/as docentes. Aqui, o relato de experiência funciona como uma outra regra que compõe o discurso da revista, pois por meio deste procedimento se diz que o/a professor/a está sendo valorizado, uma vez que o trabalho realizado em sala de aula ganhou visibilidade na revista que circula na maioria das escolas do país.

A revista se vale de entrevistas, opiniões, forma grupos de estudo, promove a interatividade, diz que faz observação direta do real para atender aos docentes. *Nova Escola* se apresenta como um meio que está participando ativamente da vida escolar dos brasileiros e isso a autoriza a informar, valorizar e devolver o prestígio que o/a professor/a perdeu. A maneira como a revista se representa e o modo como estrutura seus textos são estratégias que

“capturam”<sup>182</sup> o/a leitor/a, representando-os como sujeitos que participam efetivamente da elaboração da publicação.

Como se vê, enuncia-se que o/a professor/a é um sujeito que necessita de informações, de troca de experiências, de aprimoramento de interação com as experiências de outros docentes, para promover uma educação de qualidade e assim auxiliar no processo de desenvolvimento do país. Estas mesmas necessidades se apresentam quando a revista elabora a seção *Navegar é preciso*.

Essa seção foi escolhida por mim, porque foi criada na revista como um espaço especial para se apresentar e debater temas relativos à inserção das novas tecnologias na escola. Na descrição que faço a seguir, mostro que através dela procurou-se abranger vários temas que envolvem a questão da tecnologia nos seus múltiplos aspectos. Por exemplo: na referida seção aparecem dicas sobre como comprar um computador, configurar o outlook, enviar e receber e-mails, lidar com vírus, com hackers, criar o próprio Site, utilizar Sites para desenvolver projetos nas diversas séries do Ensino Fundamental, participar de blogs, e outros. Para mim, *Navegar é Preciso* condensa o discurso sobre novas tecnologias no período de 2000-2002. Pode-se dizer que causou impacto e se apresenta como um espaço que pretende influenciar hábitos de cultura e de consumo de produtos relacionados às novas tecnologias.

O editor<sup>183</sup> menciona que,

Nesta edição tratamos de navegação. Aquela da internet, quando apresentamos o novo site da revista, <http://www.novaescola.com.br>, que passa a oferecer aos navegantes propostas de planos de aula, truques para o professor organizar seu tempo e projetos de ensino que envolvem toda a escola. [...] Todos os meses Nova Escola traz novidades para você. Venham elas a bordo das 13 naus portuguesas que cruzaram os mares há 500 anos ou levadas por satélites para todo o planeta<sup>184</sup>.

<sup>182</sup> Esta captura não se dá de forma coercitiva ou violenta, pelo contrário, o/a leitor/a adere publicação, acreditando que participa efetivamente de sua elaboração.

<sup>183</sup> Parto do editorial porque se refere especificamente à navegação na internet.

<sup>184</sup> MOURÃO, Leonardo. Carta ao leitor. *Nova Escola*, São Paulo, ano XIII n. 127, nov/ 1999. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

*Nova Escola* relembra a história do Brasil e estabelece uma analogia entre navegação marítima e navegação via satélite. Parece ser um recurso para anunciar a novidade que viria no ano de 2000. O/a professor/a, a partir de então, poderia aprender através da revista a tornar-se navegante e isto lhe possibilitaria explorar um novo mundo. A internet aparece como novo suporte para o bom desempenho em sala de aula. Ressalte-se que o Site da revista foi criado no ano de 1998. Alguns temas referentes ao uso do computador e da internet passariam a ter uma seção especial. Em novembro de 2000, a revista menciona novamente “*ampliamos Navegar é preciso, área dedicada à internet e às novas tecnologias*”<sup>185</sup>.

Nota-se que há uma preocupação por parte do editor de deixar bem claro que existe uma seção especial para tratar dos temas que envolvem as novas tecnologias. As reportagens abordam o tema de diversas formas: sugestões para identificar os componentes de um computador, o que exigir na hora da compra, como efetuar uma conexão na internet, o material necessário para isso, como efetuar a conexão e trabalhar com arquivos da web e do próprio computador. Aparecem ainda relatos de atividades pedagógicas bem sucedidas relacionadas às novas tecnologias, projetos desenvolvidos por alunos/as e professores/as e possíveis problemas que possam surgir, tais como os hackers e os vírus.

### 3.3. Seção navegar é preciso - sentidos sobre o fazer docente.

Na tabela visualizam-se os temas que circularam na referida seção entre os anos de 2000 e 2002.

Nº da revista	Título	Descrição
130/março de 2000	Só falta você	Discute-se como navegar na internet. Menciona-se que agora é de graça.
131/abril de 2000	Don't worry!	Ensina a visitar um site de tradução para facilitar a navegação.

<sup>185</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV n.137, nov/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

Navegar é preciso já existia em 2000, mas em 2001 houve a ampliação da seção. Em 1998, 1999, os temas sobre computador, internet circulavam na seção On-Line.



132/maio de 2000	É Seu e-mail até a China	Ensina a configurar o correio eletrônico e a consultar e-mails de qualquer computador.
133/junho/julho de 2000	CDecifre o "computadorês"	Trata da linguagem do computador e ensina a identificar documentos e programas
134/agosto de 2000	Imagens Que ajudam a ensinar	Relata uma experiência de sala de aula em que a professora utilizou fotografias de Sebastião Salgado e indica sites onde fotos e textos podem ser acessados.
135/setembro de 2000	DSites de busca facilitam a vida na rede	Indica sites de busca como Yahoo, Cadê, Achei, Alta Vista....
137/novembro de 2000	Na velocidade do 486	Trata do pequeno índice de computadores nas escolas públicas e mostra que apenas 17,6% têm acesso à internet.
138/dezembro de 2000	Na era das tecnoaulas	Trata da importância dos computadores para dinamizar as aulas.
140/março de 2001	Pode pegar. É de graça.	Sugere que o professor baixe textos, livros, consulte a biblioteca virtual da USP e acesse programas.
141/abril de 2001	VAcerte na primeira compra	Relata a experiência de uma professora que teve dificuldade na compra, na instalação e no uso da máquina
142/maio de 2001	VInternet, na internet	Ensina como navegar sem temor, descrevendo sites que trazem dicas.
143/junho/julho de 2001	Professores ponto com	Incentiva os professores a criarem seus próprios sites.
144/agosto de 2001	DComo domar um hacker	Ensina como agir quando um aluno usou inadequadamente o computador da escola.
145/setembro de 2001	ADo laboratório à sala de aula	Trata da capacitação de professores para o uso do computador e defende que a máquina deveria ir para a sala de aula.
147/novembro de 2001	VEles querem atacar você	Ensina a lidar com os vírus no computador
149/jan/fevereiro 2002	VA a revolução dos inconformáticos	Projeto desenvolvido por alunos de uma escola para ativar o laboratório de informática. Professores foram ensinados pelos alunos.
150/março de 2002	Rota de navegação	Ensina-se o be-a-bá para navegar na internet.
151/abril de 2002	Quatro problemas com solução	Experiências de quatro professoras que ativaram o laboratório de informática de suas respectivas escolas.

152/maio de 2002	Conheça o mundo de carona	Trata das possibilidades que os sites de expedições apresentam nas disciplinas de história e geografia.
153/junho/julho de 2002	EWebQuest de Colombo	Ensina a como montar um projeto de sala de aula e desenvolver pesquisa em sites. Sugere que se crie a página do professor e ou da escola.
154/novembro de 2002	Conhecimento compartilhado	Incentiva o uso das salas de bate-papo e das comunidades virtuais.
157/novembro de 2002	Hora de limpar gavetas...e o micro também.	Ensina a como limpar o computador de arquivos que estão fora de uso.

Na edição de março de 2000, a seção inicia com a chamada “*Só falta você*”. Em seguida anuncia “*navegar na internet agora é de graça*”.

*Ligue o micro faça a conexão e aproveite os recursos da rede para melhorar sua vida. Os recursos da rede são gratuitos, assim muito mais pessoas podem utilizá-lo*<sup>186</sup>. Para *Nova Escola*, aprender a se conectar e a navegar na internet pode melhorar a vida dos/as professores/as. Na reportagem se anunciam os provedores gratuitos e ao mesmo tempo se alerta que “*competindo entre si e contra provedores pagos, a guerra daqui em diante, se dará no campo do conteúdo que cada site oferece*”<sup>187</sup>. O depoimento do diretor da UOL (site pago) amplia o argumento; segundo o diretor, é possível utilizar os provedores gratuitos para aprender a navegar, porém se quiser qualidade é necessário recorrer aos provedores pagos ‘*mas quando ele procurar informação de qualidade, como os arquivos de VEJA, por exemplo, terá de pagar por isso [...]*’<sup>188</sup>. Na reportagem, a revista sugere que se o/a docente estiver plugado na Net gratuita, deve entrar no site de *Nova Escola*, pois lá encontrará “[...] *além da edição eletrônica da revista, recursos como o fórum, o arquivo, indicação de sites interessantes, planos de aula e muito mais*”<sup>189</sup>. Na seqüência, apresenta uma experiência bem sucedida de uma

<sup>186</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Só falta você. *Nova Escola*, São Paulo, ano XIV, n.130, mar/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Só falta você. *Nova Escola*, São Paulo, ano XIV, n.130, mar/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>189</sup> Idem.

professora que utiliza o Net gratuito em São Paulo. Conforme a reportagem, a professora diz que *‘quando soube do NetGratuita, resolvi testar’, [...] ‘Até agora não tenho do que reclamar’, Cláudia utiliza a rede para pesquisas, leitura de notícias de última hora e troca de correspondência com os alunos*<sup>190</sup>. Na progressão da matéria, apresenta-se uma tabela onde constam os sites gratuitos, os serviços oferecidos, a forma de acessar e em quais cidades estão presentes.

A reportagem parece trazer apenas a informação de que estão surgindo provedores gratuitos; contudo, leva a pensar que a internet pode melhorar a vida do/a professor/a. Expõe o argumento do diretor da UOL para alertar que a Net gratuita pode ser uma espécie de degrau apenas para iniciantes para aprender a navegar, mas alerta que essa não apresenta bons conteúdos. Divulga o site da *Nova Escola*. Ensina o que é necessário para se efetuar conexões. Traz o depoimento de Cláudia, confirmando o que está sendo dito pelo repórter e, por fim, apresenta os provedores gratuitos. A revista parece querer ensinar o/a professor/a a utilizar seu senso crítico, pois os provedores gratuitos devem ser usados com cautela. A NETGratuita, segundo o texto de Falzetta, pode ser de grande utilidade para o aperfeiçoamento pessoal do/a professor/a, mas alerta quanto aos seus conteúdos, a forma de acessá-los e as possibilidades de enriquecimento pessoal.

Na publicação de maio de 2000, sob o título “ÉSeu e-mail, até a China” e com a chamada *“aprenda a configurar o correio eletrônico para usá-lo onde quer que você esteja”*<sup>191</sup>. A revista vale-se do recurso passo-a-passo para ensinar os procedimentos para configurar o Outlook express. Essa forma de apresentar o conteúdo remete ao discurso pedagógico, uma vez que no passo-a-passo, observa-se a gradação do conteúdo. Conforme Narodowski,<sup>192</sup> a pedagogia moderna se vale de alguns mecanismos que herdou do pensamento de Comênios. O autor menciona que a universalidade, a simultaneidade e

---

<sup>190</sup> Idem.

<sup>191</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: “ÉSeu e-mail até a China”. *Nova Escola*, São Paulo, ano XV, n.132, mai/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>192</sup> NARODOWSKI, **Mariano Infância e poder: conformação da pedagogia moderna**, mimeo.

gradualidade são mecanismos que organizam a atividade escolar. Em relação à gradualidade, menciona que o

Dispositivo fundamental de todo o pensamento pedagógico moderno, a gradualidade é o operador central da obra comeniana porque é o produto e a característica troncal do ordenamento das coisas do mundo: das melhores formas de ensinar, das mais positivas modalidades de dispor as escolas, do próprio desenvolvimento do homem<sup>193</sup>.

É possível ordenar as atividades da escola com o dispositivo da gradualidade, distribuindo os grupos segundo sua idade e nível de aprendizagem e, ainda, ordenar os conteúdos de acordo com cada nível. Para o autor “[...] *a ordem supõe a gradação e o desenvolvimento superior, mas ao mesmo tempo a determinação negativa: aquilo ausente e que, por tal motivo, ocupa os escalões mais baixos na seqüência, pois trata obviamente, dos níveis de maior simplicidade [...]*”<sup>194</sup>.

Pode-se dizer que, quando a revista recorre ao passo-a-passo, também está organizando, ordenando e graduando os conteúdos pertencentes a um campo do saber: utilizar o computador. Nos artigos onde essa estratégia aparece, utilizam-se poucas informações, sempre acompanhadas de ilustrações que ensinam o que deve ser feito, como pode ser visto no exemplo a seguir.

---

<sup>193</sup> NARODOWSKI, Mariano *Infância e poder: conformação da pedagogia moderna*, mimeo. p.42.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p.43.

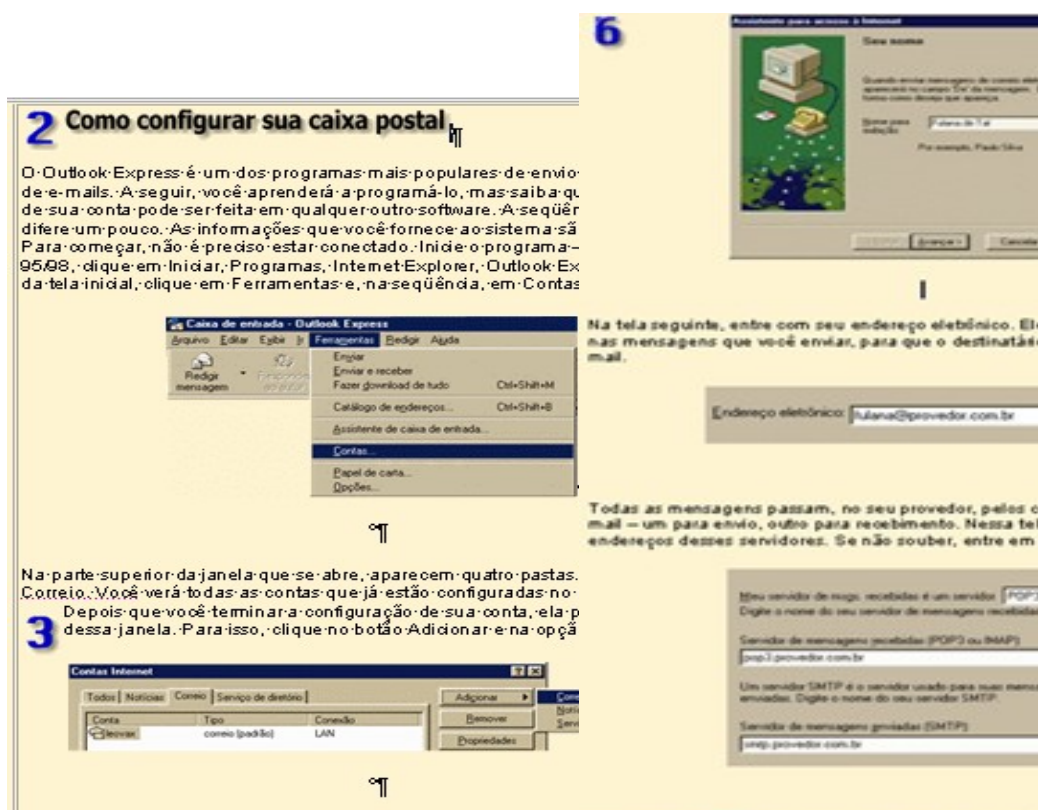


Figura 3 Revista Nova Escola, Maio de 2000.

O chamado passo-a-passo é bastante comum nesta seção. A reportagem progride numa linguagem muito simples, com ilustrações e textos resumidos. Esse recurso pode ser entendido como um enunciado que remete ao dispositivo da gradualidade e aos livros de receitas, porque nestas também se utilizam informações curtas e simples. Remete ainda à maneira como tradicionalmente se organizava a alfabetização. As cartilhas, muito utilizadas até a poucos anos atrás, também seguem esta ordenação para alfabetizar crianças. Parte-se das letras; destas para as sílabas simples; em seguida as complexas; por fim, chega-se às palavras e frases. A gradualidade permite identificar o grau de conhecimento atingido e a elevação do nível. Assim, coloca em evidência aqueles/as que alcançaram um grau mais elevado e os que não o atingiram. Na reportagem ensina-se que é,

Cada vez mais comum encontrar pessoas com mais de um endereço eletrônico. [...] Para quem não está acostumado à internet, isso pode criar a impressão de que cada e-mail só funciona em casa ou no escritório. Não é verdade. Ele não tem residência fixa. Você pode

enviar ou receber mensagens em qualquer lugar do planeta onde haja um computador ligado à internet<sup>195</sup>.

Na matéria, percebe-se que o repórter supõe estar se dirigindo a um leitor/a internauta completamente leigo/a e despreparado/a. Seriam eles professores? Na maneira como o texto é montado percebemos a sugestão de que existe muita desinformação, por exemplo: “[...] *isso pode criar a impressão de que cada e-mail só funciona em casa ou no escritório [...]*”<sup>196</sup>. Aqui na reportagem retoma-se o enunciado de que o/a professor/a é um sujeito desinformado/a, despreparado/a. A revista foi especialmente elaborada para informar professores/as, como mencionou Civita na primeira edição de *Nova Escola*. A revista sugere que aos internautas desinformados/as podem-se incluir professores/as.

O mesmo procedimento aparece na reportagem publicada em junho de 2000. Sob o título “*CDecifre o computadorês*”. Ressalta-se que há uma gramática e um vocabulário próprios da computação e destaca se que “[...] *o vocabulário e a gramática da computação incorporam expressões e siglas estranhas à nossa língua e, com o tempo, adquirem identidade própria. [...]* *Mas, se você pretende se embrenhar por essa área, tem de se acostumar a esse novo dialeto*”<sup>197</sup>. Aqui aponta-se para algumas habilidades necessárias diante das novas tecnologias, dentre elas: lidar com a máquina, a conhecer seus principais componentes e a comprar uma que seja compatível com suas necessidades, a desvendar a internet e a acostumar-se com uma nova gramática e com um vocabulário denominado de computadorês. O novo idioma exige o aprendizado de uma língua estrangeira, o inglês. Em abril de 2000, *Nova Escola* traz uma matéria com o seguinte título “*Don’t Worry!*” e a chamada “*se você não sabe inglês, visite um site de tradução e descubra por que usamos o título para esta reportagem*”<sup>198</sup>. Para incentivar a aprendizagem

<sup>195</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: “ÉSeu e-mail até a China”. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.132, abri/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>196</sup> Idem.

<sup>197</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: CDecifre o “computadorês”. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.133, jun/jul/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>198</sup>FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Don’t Worry! **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.131, abri/ 2000.

do novo idioma, como se estivesse antecipando as possíveis dificuldades que os/as professores/as internautas podem ter com a nova língua, a revista apresenta o site para auxiliá-la/o a fazer traduções. Na edição de junho, mostra o novo dialeto denominado “computadorês”. As reportagens apresentadas quase em seqüência criam uma conexão entre si, uma vez que dois meses antes aparecem sugestões para solucionar possíveis problemas com o novo vocabulário e a gramática do computador.

Nas edições de agosto e setembro de 2000, a novidade é utilizar sites para incrementar as aulas. Nas reportagens anteriores, o/a professor/a aparece como um/a “aluno/a” da revista para quem foram criadas várias reportagens, utilizando o passo-a-passo. O sentir-se aluno/a diante da nova ferramenta também foi mencionado por Natal L. R. Fernandes, (2004) quando relata a maneira como os/as docentes que nunca haviam utilizado o computador narravam suas impressões e sentimentos diante do computador. Se estabelecermos uma comparação, assim como a criança precisa conhecer o lápis, o caderno e a forma de utilizá-los, o/a professor/a precisa conhecer os componentes do computador, suas denominações, os programas que cada máquina possui para saber manejá-lo. Quando já está “alfabetizado/a”, pode seguir para um nível superior que representa aplicar o que foi aprendido nas aulas. Em agosto de 2000, a revista sugere vários sites para serem utilizados com os/as alunos/as. Conforme a reportagem,

Trabalhos de fotógrafos famosos estão começando a ser disponibilizados em sites e podem ser usados como um excelente recurso pedagógico em suas aulas. O site Êxodos, do consagrado Sebastião Salgado ([www.terra.com.br/sebastiãosalgado](http://www.terra.com.br/sebastiãosalgado)), é um ótimo começo para projetos interdisciplinares<sup>199</sup>.

Percebe-se uma mudança nos enunciados, se antes cabia à revista ensinar o uso do novo instrumento na sala de aula, agora aparece a sugestão de programar aulas diferentes utilizando o computador. Aqui é possível retomar o que foi enunciado no editorial em 1999, quando se estabeleceu uma analogia entre navegação por meio das treze naus e por via-satélite. Na reportagem, sugere-se o uso de outros materiais, pois “*na página você encontra centenas*

<sup>199</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Imagens Que ajudam a ensinar. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.134, ago/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

de imagens e um programa educacional pronto para utilizar com seus alunos. [...] no link 'Bula' há uma seqüência de atividades de interpretação de imagens e produção de texto, também para ser aplicada em sala de aula"<sup>200</sup>. A seguir o repórter arremata [ ] "(leia no quadro abaixo uma experiência já testada). O Site mantém ainda um fórum reservado para os professores relatarem os resultados obtidos com o programa"<sup>201</sup>.

A sugestão de aula inspirada no site do fotógrafo se desdobra em várias outras atividades. Poderíamos dizer até que surge uma rede de atividades e contatos. Através do Site Nova Escola é possível planejar aulas, coletar sugestões pedagógicas em três livros, encontra um link que interpreta as imagens, textos e o/a docente, ainda, pode incorporar-se ao fórum mantido pelo Site. Na escola, pode desenvolver projetos interdisciplinares, ao mesmo tempo em que atua como professor/a, aprende a navegar e a participar de fóruns, aparecendo outra forma de exercer a docência. No lugar do quadro e do giz, aparece o computador, no lugar do livro didático, as imagens e os links. Para esclarecer dúvidas e relatar suas experiências, o/a professor/a pode recorrer aos fóruns, contatando colegas e trocando experiências.

Apesar de aparecer o sujeito docente interativo/a, a perspectiva do déficit, seja de informação ou de aprendizagem, permanece. Isto pode ser comprovado mais uma vez, quando se destaca que "no link 'Bula' há uma seqüência de atividades de interpretação de imagens e produção de texto, também para ser aplicada em sala de aula"<sup>202</sup>. O/a docente clica no link e tem o trabalho apenas de ler a interpretação já feita sobre as imagens e os textos. Por último, com o subtítulo "retratos da classe," o repórter apresenta uma experiência bem sucedida de uma aula de artes que se desdobra em um projeto interdisciplinar. A aula foi inspirada no Site de Sebastião Salgado e a experiência foi descrita da seguinte forma,

---

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup>FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Imagens Que ajudam a ensinar. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.134, ago/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.



Uma bela melodia toma o ambiente e parece dirigir as crianças. Em silêncio (espontâneo) cada aluno escolhe um parceiro e, juntos, os dois passam a retratar-se em pinturas. A profundidade, o ângulo, a composição e o cenário são inspirados nos retratos de Sebastião Salgado. Nas aulas anteriores, inspiradas no programa educacional do projeto Êxodos, Mônica debateu e analisou o trabalho de Salgado com as crianças 'Mostramos a elas que cada foto faz uma crítica do social e que os ângulos escolhidos pelo fotógrafo traduzem sua ética e seu respeito', diz. Ao mesmo tempo, as professoras de Língua Portuguesa Sibeles Stoffelshaus e Maria Helena Santos Gonçalves estimularam a produção de textos. 'Queremos que os alunos saibam identificar os problemas retratados para, depois, analisar da mesma forma a comunidade onde vivem', explica Sibeles<sup>203</sup>.

A experiência é contada pelo repórter e intercalada pelas falas da professora entrevistada. Esta forma de organizar os textos é recorrente nas várias reportagens apresentadas por *Nova Escola*. A fala dele/a aparece no texto, intermediada pelos comentários do repórter. Essa forma de montar os textos é uma marca do saber da comunicação, assim o saber pedagógico e saber da comunicação se juntam para compor um texto sobre experiências bem sucedidas em sala de aula e que podem servir como modelo para outras práticas.

A experiência realizada pela professora Sibeles é apresentada como um procedimento testado, aprovado e que deu certo. Na aula descrita, há uma interação completa entre Sibeles, alunos/as e dos alunos/as entre si. Ressalta-se a função da escola de trabalhar o senso crítico<sup>204</sup> da turma, pois se trava um debate sobre as imagens e a maneira como seu autor as retratou; mostra-se que o projeto interdisciplinar está acontecendo com a produção de textos e, por fim, constata-se a reafirmação da escola com a função de formar cidadãos críticos. O repórter apresenta a voz da professora '*Queremos que os alunos saibam identificar os problemas retratados para, depois, analisar da mesma forma a comunidade onde vivem*'<sup>205</sup>. A missão da escola informatizada é oferecer as condições para que o/a aluno/a possa avaliar criticamente sua comunidade. O/a docente descrito na última reportagem vai sendo delineado/a

---

<sup>203</sup> Idem.

<sup>204</sup> Muitos autores tratam dessa função da escola. Esse discurso permeou os cursos e congressos de educação nos anos 80 e 90. Ver Saviani, Libâneo, Luckesi, entre outros.

<sup>205</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Imagens Que ajudam a ensinar. *Nova Escola*, São Paulo, ano XV, n.134, ago/ 2000. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

como um sujeito capaz de utilizar o computador e a internet e que possui senso crítico aguçado. Trata-se de um sujeito moderno/a, dinâmico/a, que atua em grupo, que sabe trabalhar interdisciplinarmente e que transforma a visão do/a aluno/a.

*Nova Escola* parece funcionar como um curso a distância. O/a docente vai sendo construído como aquele/a que não sabe. Em seguida, ensinam-lhe a navegar, alertam para a nova gramática o “computadorês” e por fim começam a mostrar-lhe como dar aulas através do computador e da internet, a docência é redesenhada e as experiências bem sucedidas, como a da professora Sibeles, entram na reportagem como um incentivo e ao mesmo tempo um modelo a ser seguido. Emerge o sujeito da cultura digital que é apresentado/a como moderno/a, dinâmico/a, atualizado/a. Sabe usar o computador, a internet, participa de fóruns e realiza experiências interessantes na sala de aula. Se retomarmos os editoriais, vê-se o dito de que a apresentação dessas experiências é um modo de valorizar o/a professor/a.

Nas edições de abril e maio do ano de 2001, ainda aparece uma espécie de passo-a-passo. *Nova Escola* ensina a comprar um computador. A professora é descrita e posicionada na reportagem. Conforme a matéria “*O computador é um frankenstein eletrônico composto de diversas peças*”<sup>206</sup>. [...] Para demonstrar como a tese da monstrualização do computador se confirma, diz “*por isso, comprar no escuro é arriscado*”<sup>207</sup>. [ ] O risco é confirmado pela professora que afirma ‘*sem saber nada sobre o tema, saí com o micro que o vendedor me ofereceu, no preço que me convinha*’<sup>208</sup>. Após o computador ser denominado como monstro, representa-se uma professora como leiga utilizando-se a própria voz da docente ‘*sem saber nada sobre o tema, saí com o micro [...]*’. Aqui, a revista traz o depoimento da profissional para reafirmar que o serviço de informação prestado pela publicação é fundamental para se comprar um computador adequado. O desconhecimento levou-a a comprar uma máquina que não lhe servia. Isto dificultou ainda mais sua vida. Ela diz

---

<sup>206</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VAcerte na primeira compra. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.141, abril/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem.

*‘acabei tendo de instalar sozinha, com dificuldade, os programas de que precisava. [...] A loja me orientou a ligar para a assistência técnica, mas eu não entendia o que eles diziam, [ ] então, o repórter orienta: Para evitar essa dor de cabeça, prefira sempre os endereços especializados, que emitem nota fiscal e dão garantia’<sup>209</sup>.*

A professora serve como exemplo de um consumidor leigo/a, no que se refere à máquina monstro. O não saber da docente é construído utilizando-se vários termos, tais como: “*Frankenstein, comprar no escuro*” e “*não entendia nada do que diziam*”. Na construção desta reportagem, *Nova Escola* monstrualiza a máquina e, para confirmá-la, traz a voz da professora que assume seu próprio desconhecimento. Por fim, houve a lição aprendida, a professora é apresentada na reportagem como modelo de consumidor leigo, sua fala produz efeitos de verdade porque, na reportagem, as dificuldades são mostradas como verdadeiramente vivenciadas. A revista utiliza-se de um relato que parece ter sido vivenciado de fato. Além disso, a recomendação de comprar em lugares especializados, com nota fiscal e garantia, circula como fator de segurança. Aqui se remete a produtos comprados no mercado paralelo, sem nota fiscal e, por isso, no caso de darem problema, não há nenhuma garantia para o comprador. Essa referência sugere que o/a professor/a seja criterioso, crítico e correto, pois deve exigir nota fiscal ao efetuar sua compra. A revista se representa aqui como prestadora de informações eticamente comprometida com a arrecadação fiscal.

Na seqüência do mesmo texto, apresenta-se um quadro-resumo no qual a especialista Sílvia Fichmann, da escola do Futuro, da Universidade de São Paulo mostra os componentes de um computador denominado de “*Configuração de partida*”. O texto foi organizado colocando-se um título, por exemplo: “*Memória RAM, Processador, Disco Rígido, Kit multimídia, Modem, Impressora, Softwares básicos*”<sup>210</sup>, e em seguida uma explicação breve de três a quatro linhas. Na matéria, o repórter e a especialista informam os/as leitores/as da revista, ou seja, os/as professores/as do Primeiro Grau.

<sup>209</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VAcerte na primeira compra. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.141, abril/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>210</sup> Idem.

Aqueles/as que Civita anunciou que necessitam de informação. Tanto Falzetta quanto Fichmann ocupam posições diferenciadas de Sandra, os dois primeiros entendem do assunto, a professora não. O repórter aconselha Sandra para que *“não se preocupe com os termos técnicos, mas acostume-se a ouvi-los.”*<sup>211</sup> Parte-se da hipótese da desinformação, pois alerta-se até para os termos técnicos que supostamente o/a professor/a desconhece. Contudo, a revista fonte de informação e formação aconselha: *“acostume-se a ouvi-los”*.

A partir de junho de 2001, as sugestões sofrem algumas modificações. Na edição do referido mês, a seção *“Navegar é preciso”* sugere a criação de Sites. Segundo matéria elaborada por Ramalho, *“alguns professores descobriram uma nova maneira de usar a rede: criar seus próprios sites. ‘Quero compartilhar aquilo que sei,’ diz Vivian Magalhães “Nele a professora de Porto Alegre sugere atividades para quem leciona Inglês”*<sup>212</sup>. Além da criação do site servir para socializar as experiências, possibilita ainda

Em alguns casos, as páginas também funcionam como canal de comunicação com os alunos – um espaço para a divulgação de notas, de textos de referência e de exercícios. ‘O site mudou minha relação com a turma’, conta o professor de Ciências Hélio Sylvestre Doliveira,(sic) que mantém o Biomania. Para José Armando Valente, coordenador do Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), essa é uma forma de tornar disponível a milhões de internautas a produção no ambiente escolar: ‘O educador abre uma janela para que todos vejam o que ele faz na sala de aula’, diz. ‘Além disso, o trabalho na rede vira uma oportunidade de refletir sobre a própria metodologia e aprimorá-la com as críticas e sugestões que chegam por e-mail’<sup>213</sup>.

Conforme a reportagem, a internet implementa várias novidades tanto na escola quanto no próprio trabalho docente. Segundo o depoimento do professor Doliveira, sua relação com a turma mudou. Já segundo o especialista Valente, o site permite que se veja o que a escola faz, mas não só na escola, a própria sala de aula passa a ser vista por milhões de internautas. Os e-mails passam a servir como um dispositivo de controle na medida em que a sala de

<sup>211</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VAcerte na primeira compra. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.141, abri/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>212</sup> RAMALHO, Priscila. Navegar é preciso: VProfessores pontocom . **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.143, jun/jul/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>213</sup> RAMALHO, Priscila. Navegar é preciso: VProfessores pontocom . **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.143, jun/jul/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

aula e o trabalho do/a professor/a podem ser vistos. Ao mesmo tempo esse “olhar” retroage sobre eles/as, por meio das críticas e sugestões que chegam por e-mail, servindo ainda como instrumento de auto-avaliação. Na montagem dos textos e nas representações que *Nova Escola* faz de si mesma, observa-se um jogo, pois os/as docentes podem se auto-avaliar por meio do site, assim como a revista se auto-avalia através dos editoriais.

Contudo, a Era Digital pode apresentar situações inconvenientes para a escola. Os hackers representam a nova versão do aluno indisciplinado. *Nova Escola* indica como se deve agir para resolver o problema.

Em agosto de 2001, sob o título “*DComo domar um hacker*” apresenta-se uma sugestão sobre o modo como o problema deve ser tratado. “*A vítima pode ser um site, uma intranet ou a própria rede da escola. Felizmente, casos assim não acontecem com freqüência. Quando são detectados, porém, exigem uma atuação cuidadosa – porque no moderno mundo da comunidade virtual, as velhas reprimendas públicas não surtem efeito*”<sup>214</sup>. Aqui há uma preocupação em ensinar como se deve lidar com a indisciplina moderna. O hacker é a versão tecnologizada do/a aluno/a que infringiu as normas escolares. Chama atenção à maneira como este problema é colocado, “*no moderno mundo da comunidade virtual*”. Na assertiva, aparecem dois mundos conflitantes: o velho mundo que utilizava reprimendas públicas, talvez até estabelecendo uma analogia com a época dos suplícios públicos<sup>215</sup>, no qual o/a malfeitor/a era punido/a publicamente como exemplo e o mundo virtual moderno, que segundo *Nova Escola*, exige outra postura.

Para resolver a questão, o repórter apresenta uma sugestão, diz que a “[...] *professora Rosemary Soffner, [...] ensina que a lição número um é agir com discrição*”. “*Muitas vezes, destacar o fato pode servir de estímulo ao aluno e abrir espaço para reincidência ou para que outros façam o mesmo*”<sup>216</sup>. O/a

<sup>214</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: DComo domar um hacker . **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.144, p., ago/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>215</sup> Ver FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir história da violência nas prisões**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>216</sup>FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: DComo domar um hacker . **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.144, ago/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

professor/a tecnologizado/a não faz alarde sobre o “mau” comportamento do/a aluno/a e nem o utiliza para servir de exemplo; prefere uma conversa reservada. A melhor forma para resolver o problema é a reflexão sobre o ato. Na reportagem aponta-se que,

Especialistas garantem que a melhor estratégia é mostrar que a natureza desse comportamento não difere, por exemplo, da de um senador que viola o painel de votação ou da de quem rouba a senha do banco de um idoso. ‘Comparações desse tipo provocam um estalo na mente do aluno’. [...] O consenso entre coordenadores pedagógicos é não haver punição restritiva. ‘Em vez de afastar, devemos canalizar o potencial desse aluno’, acredita Cecília Regina Bigattão, [...] <sup>217</sup>.

A punição vem em forma de reflexão, mas somente com o/a aluno/a. Em seguida, ultrapassa o âmbito privado, pois “*Um tempo depois, com a questão já resolvida individualmente, os professores podem usar o tema para discutir ética com toda a turma. Mais uma vez, não se deve expor o incidente nem seu autor*”<sup>218</sup>. O tema pode se transformar em aula.

Embora o ato da indisciplina tenha sido resolvido entre o/a aluno/a e o/a professor/a, este fato pode aparecer como ponto de reflexão para toda a sala. O olhar sobre si parece ser uma das formas modernas de ser professor/a, aluno/a e revista na era da tecnologia. Olhar para si mesmo/a, avaliar-se, e colocar o/a aluno/a diante do computador para ver se, de fato, ele/a possui autocontrole. É a fórmula sugerida pelos/as especialistas no assunto. O/a estudante continuará usando o computador, pois ele/a pode ser um expert em internet e não cabe à escola cerceá-lo. A inclusão dele/a nas atividades serve como um dispositivo para corrigi-lo/a e controlá-lo/a. Ele/a precisa mostrar publicamente que não será um indisciplinado/a digital. Poderíamos denominar essa nova forma de disciplina como a escola do controle? Aos/as professores/as cabe levar a/o aluna/o à reflexão e, ao/a sujeito envolvido/a, a auto-correção<sup>219</sup>.

<sup>217</sup>FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: DComo domar um hacker . **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.144, ago/ 2001. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>218</sup> Idem.

<sup>219</sup> Ver FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. I** a vontade saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Além de sugestões sobre o modo pelo qual se deve tratar o/a aluno/a indisciplinado/a, *Nova Escola* mostra como o uso das novas tecnologias possibilita a inversão de papéis entre alunos/as e professores/as. É o que veremos na edição de janeiro/fevereiro de 2002. Com o título “*VA revolução dos inconformáticos*”, Falzetta faz uma reportagem sobre um grupo de estudantes do Ensino Médio, que lançaram um projeto na escola em que estudavam para ensinar colegas e os/as professores/as a utilizar o computador. O projeto foi denominado “*Inconformáticos.*” Na matéria, diz-se que “*A história começou em 2000. Inconformados com uma sala fechada e cheia de máquinas desligadas, quatro estudantes do Ensino Médio [...] procuraram a diretora do colégio e pediram para assumir o espaço*”<sup>220</sup>. No início, os/as alunos/as deram cursos aos seus colegas de outras séries. O projeto foi inscrito no concurso “*Escola a 2000 por Hora*”, do Instituto Ayrton Senna. Segundo a revista, esta inscrição rendeu a premiação, a escola modernizou seu laboratório e ainda, pode se conectar à internet de alta velocidade. No entanto, a maior revolução ocorreu quando “*Em agosto de 2001, os papéis se inverteram de vez. Teve início a primeira oficina voltada exclusivamente para professores. O tema do fanzine, escolhido pelos docentes transformados em alunos, não poderia ser outro: educação. Boa parte do grupo jamais tinha ligado um computador [...]*”<sup>221</sup>. Na reportagem, utilizam-se algumas frases interessantes para marcar esta posição: “*docentes transformados em alunos*”, “*boa parte do grupo jamais tinha ligado um computador*”. *Nova Escola* aciona alguns enunciados que vimos anteriormente nos textos de Fernandes, N.L.R (2004) e Costa. G.L.M. (2005). Naqueles textos, também se menciona que o/a professor/a se sente como aluno/a diante do computador. Na reportagem alguns docentes afirmam que,

Eu já sabia usar, mas foi muito bom descobrir o que cada um pensa sobre educação e como vem trabalhando em sala de aula,’ diz Wanda Del Vechio, que leciona Filosofia. Já para Roseli Anastácio Silva, de Língua portuguesa, tudo foi novidade. ‘Eu não sabia nem ligar nem

---

<sup>220</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VA revolução dos inconformáticos. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVIII, n. 149, jan/fev/ 2002. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>221</sup> Idem.

desligar a máquina, ' conta. [...] 'Até a diretora acabou participando da oficina', recorda-se Heloisa Helena Madella, de História<sup>222</sup>.

Nesta matéria, ocorre um deslocamento do/a professor/a frente à máquina. Ele se assume como aluno/a, e, mais do que isso, troca de lugar com eles. Embora determinassem o tema para a Oficina, tornarem-se aprendizes.

A seção *Navegar é preciso* circulou na revista entre os anos 2000 até 2002. Nos artigos apresentados nesta seção, utilizou-se de estratégias como o passo-a-passo, o relato de experiências bem sucedidas, tais como a aula em que se utilizou o Site de Sebastião Salgado, o projeto dos “*Inconformáticos*” e, ainda, relatos mais breves, tais como o do professor Doliveira. Nas reportagens, a revista reporta-se a pessoas referindo-se ao nome, à escola onde atuam e à turma com a qual trabalham. Além disso, se podem apreender alguns enunciados, tais como: o/a professor/a é um sujeito que necessita de informação, de valorização e de aperfeiçoamento.

No discurso da revista vai emergindo um docente que até então não existia. No lugar daquele que não sabe comprar uma máquina (computador), conectar-se à internet, não domina a ferramenta, necessita aprimorar seu inglês, vai aparecendo outro: aquele que socializa suas experiências, relaciona-se bem com a turma, abre sua sala de aula para os/as internautas, aprimora-se a partir da sugestão de outras pessoas e abre a janela da sala de aula para que o mundo corrija seu trabalho. Podemos dizer que vai emergindo um novo sujeito, o/a professor/a tecnologizado/a, moderno/a, mais eficiente, informado/a e controlado/a pelos olhos do sistema globalizado.

*Nova Escola* produz efeitos de poder, porque, na montagem dos textos, o/a leitor/a estabelece um contraponto entre o/a professor/a antigo/a, desatualizado/a, carente de informações e o/a “novo/a” ou talvez “outro/a” que está conectado/a, plugado/a, ligado/a, enfim nas novidades da tecnologia. A maneira como os textos são construídos colocam o/a docente diante de si e admitem apenas dois modos de se ver o/a docente e a docência: ou como aquele que está em processo de aprendizagem e faz ensaios de uso da ferramenta e, portanto, é mostrado como exemplo a ser seguido, ou como

---

<sup>222</sup> FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VA revolução dos inconformáticos . **Nova Escola**, São Paulo, ano XVII, n.149, jan/fev/ 2002. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.



aquele que não sabe e que se vê como analfabeto digital, e que diante da máquina se sente como aluno/a. Os/as professores/as que dizem não à tecnologia ou que resistem a ela não aparecem nos textos da revista, pode-se dizer que há um discurso excluído.

Em relação ao tema das novas tecnologias, o/a professor/a informado/a é representado/a como aquele/a que domina o uso do computador e da internet, aplica estes recursos em suas aulas, estabelece uma relação interativa com os/as alunos/as, sabe trabalhar por meio de projetos e interdisciplinarmente é caracterizado/a como dinâmico/a, atualizado/a, moderno/a e aquele que aprende com o/a aluno/a.

Na construção do discurso sobre as novas tecnologias, o próprio nome da seção pode ser lido como enunciado, pois convoca o sujeito professor/a desinformado/a e desvalorizado/a, a navegar. O ato de navegar remete à descoberta de novos lugares, a aventurar-se por “terras” desconhecidas e a estabelecer novos contatos e relações. Assim, como no período das grandes navegações, a internet é apresentada como meio que abre janelas para a descoberta de novos caminhos no universo virtual. O que se enuncia aqui pode ser ‘inter-relacionado’ com a reportagem da revista *Época*, pois os/as navegadores/as da internet são os imigrantes que nasceram na era pré-digital e que agora modificam seu modo de pensar, viver e ensinar na era da tecnologia. Os/as professores/as imigrantes, para acompanhar o mundo dos nativos que é o mundo dos/as alunos/as, devem navegar e *Nova Escola* diz de diversos modos que *Navegar é Preciso*.

As relações saber-poder que aparecem nos enunciados produzem os efeitos de verdade desse discurso e se explicitam nas estratégias de construção do texto de *Nova Escola*. Em relação às novas tecnologias, há uma recorrência ao discurso pedagógico, aos saberes da área do jornalismo e da área da tecnologia. Ao mesmo tempo, os enunciados que circulam na revista encontram eco em outros espaços, como nos projetos governamentais, na mídia de modo geral, mas principalmente na televisão que constantemente apresenta o tema, seja em forma de propagandas, de debates, notícias e em outros tipos de programas.

Na revista *Nova Escola* aparece um enunciado comum, o/a professor/a bem informado/a pode modernizar a educação, trazendo inovações para a

escola, o que por conseqüência irá transformar a educação e assim, transformar o país. Tal inovação, na atualidade, implica na utilização do computador e da internet na sala de aula. No caso das novas tecnologias, isso fica muito evidente, pois a seção “*Navegar é preciso*” aborda o tema de diferentes maneiras, sempre se colocando como um meio que traz informações. Para além disso, de fato, no discurso da revista se está ensinando como o/a professor/a deve pensar e agir e, assim, constrói a docência e o/a docente na era da tecnologia, mas esta seção não é o único espaço em que o tema novas tecnologias aparece. Até mesmo as capas de algumas edições da revista são utilizadas para tal fim. Na tabela abaixo, apresento algumas reportagens denominadas matérias-capa que tratam da inserção das novas tecnologias e, na seqüência, descrevo três reportagens-capa em três períodos distintos. A primeira é datada de março de 1998, a segunda, de outubro de 2003 e a terceira, de setembro de 2006.

Nº da publicação	Tema	Descrição
110/março de 1998	A didática nunca mais será a mesma	Notícia que 100 mil computadores chegarão às escolas públicas e que o MEC criaria 200 núcleos de Tecnologia nas escolas.
110/março de 1998	O caminho das pedras para o micro chegar aos alunos	Relata a experiência de uma escola de São Paulo que recebeu computadores, mas os utilizava somente para aulas de informática.
110/março de 1998	Esta sopa de letrinhas é nosso endereço na internet	Apresenta o site Nova Escola e ensina que é necessário fazer para se efetuar uma conexão.
110/março de 1998	Professor tem dificuldades em mudar estilo de aula	Fala da chegada dos computadores na escola e da dificuldade dos professores para mudar a prática tradicional.
110/março de 1998	Já não há mais futuro para o analfabeto digital	Menciona que as pessoas que não sabem usar o computador terão dificuldades para conseguir empregos.
124/agosto de 1998	Clique nos links	Explica o que é um link e como o professor pode utilizá-lo.
166/outubro de 2003	Estudar faz bem	Trata da importância do aperfeiçoamento do professor inclusive em informática.
195/setembro de 2006	Tecnologia ao alcance de todos	Trata de várias experiências de escolas no uso do computador e da internet.

### 3.4. Reportagens-capa

Nas reportagens-capa não aparece o passo-a-passo, a estratégia é outra, pois este tipo de matéria figura com chamada de destaque na capa e no sumário da revista. Os textos que descreverei têm os seguintes títulos: “*Professor tem dificuldade em mudar estilo de aula*”, publicada em março de 1998, “*Estudar faz bem,*” publicada em setembro de 2003 e “*Tecnologia ao alcance de todos*”, publicada em setembro de 2006.

Na reportagem “*professor tem dificuldade em mudar estilo de aula*” relata-se como a internet e o computador interferiram na maneira de dar aulas nos Estados Unidos e no Brasil. Aqui se aciona a lógica binária mostrando como ocorre a inserção das novas tecnologias num país desenvolvido como os Estados Unidos, e num país em desenvolvimento como o Brasil. Esse contraponto entre a introdução dos computadores nas escolas brasileiras e norte-americanas, de certo modo, remete ao texto de Niskier. Como vimos anteriormente, o autor citava constantemente os Estados Unidos como modelo de desenvolvimento presente e futuro.

Na chamada, diz-se que “*Dar liberdade para a classe procurar informações na Internet obriga os mestres a abrir mão do privilégio de ser os detentores exclusivos do conhecimento*”<sup>223</sup>. Parte-se do pressuposto de que os/as professores/as, de modo geral, alicerçam sua prática na pedagogia tradicional e que este modo de conceber o ensino impede o uso adequado do computador, pois diante das novas ferramentas é preciso dar liberdade aos alunos/as. Novamente, podemos nos reportar ao texto de Niskier que parte do mesmo pressuposto. No início da reportagem, esta idéia é reforçada quando se destaca que “*Computadores e internet não combinam com aulas tradicionais, nas quais o professor controla informações e os alunos executam ordens*”<sup>224</sup>. O/a professor/a tradicional é representado/a como aquele/a que controla tudo e

---

<sup>223</sup> Nova Escola. Reportagem capa. Professor tem dificuldade em mudar estilo de aula. **Nova Escola**. São Paulo, ano XIII, n.111, mar/ 1998. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.

<sup>224</sup> Nova Escola. Reportagem capa. Professor tem dificuldade em mudar estilo de aula. **Nova Escola**. São Paulo ano XIII, n.111, mar/1998.p. 15.

ainda obriga os/as alunos/as a executarem ordens. É apresentado/a como um sujeito inflexível, antiquado/a e parado/a no tempo. A imagem que aparece na reportagem representa-o/a como alguém que tem medo da inovação, e também da máquina, pois o monitor e o mouse aparecem como dois monstros prontos a devorar um pequeno boneco. O objeto está posicionado de frente com a cabeça baixa coberta por um boné. O braço direito cobre a cabeça e a mão esquerda parece querer impedir que o monitor avance sobre ele. O monitor possui a tela verde lembrando monstros como “*Incrível Hulk*” e “*Sherek*”, o monstro do pântano. A ilustração é reiterada pela seguinte texto “*Tal qual no Brasil, os computadores estão acabando de chegar às escolas americanas. Lá, como aqui, os professores têm dificuldade em se adaptar à nova ferramenta de trabalho que exige uma interação muito maior entre o professor e aluno*”<sup>225</sup>.

---

<sup>225</sup> Idem.



Figura 4 Revista Nova Escola, Março 1998.

A composição entre texto e imagem remete ao mundo das histórias infantis e da mídia, pois *Frankestein*, *Incrível Hulk* e *Sherek* são contados em filmes e revistas. Emerge o sujeito infantilizado/a e amedrontado/a diante das novas tecnologias. Resta perguntar medo da máquina? Ou deixar de ser tradicional ou ainda de perder o controle sobre os/as alunos/as porque estes fazem parte do mundo dos nativos? (Apresentado pela Revista Época).

A segunda reportagem “*Estudar faz bem a sua carreira*” trata da corrida que tem havido entre os/as professores/as para complementarem sua formação. Diz-se que, em parte, esta corrida se deu porque houve erro de interpretação da Nova LDB lei Nº 9496/96. Muitos/as docentes entenderam que

todos aqueles/as que atuam nas séries iniciais sem formação de nível superior deveriam fazê-lo até 2007. Menciona-se que há erro de interpretação da lei, mas num quadro explicativo alerta-se que “[...] *Nem a LDB exige formação superior como condição para exercer o magistério em todos os níveis da educação básica, nem os professores estão totalmente dispensados de obter o grau universitário [...]*”<sup>226</sup>.

O mais interessante nesta reportagem é que, ao mesmo tempo em que se procura esclarecer o/a professor/a, há uma preocupação em incentivá-lo a estudar, o que é evidenciado no título e reforçado pela chamada principal “*A necessidade de se aperfeiçoar é grande e o mercado exige cada vez mais. Por isso, o número de professores que voltam a estudar não pára de crescer. **Se você está pensando em aderir, a hora é agora***”<sup>227</sup>. Na reportagem, inicia-se discutindo num tom de esclarecimento e, em seguida, marca a posição de que se o/a professor/a quer estudar “*a hora é agora*”. A matéria progride sinalizando que o retorno é importante, coloca algumas dificuldades, mas sugere os Cursos a Distância e o Magistério Superior como alternativas. Segundo a matéria, os Cursos de Magistério Superior sextuplicaram desde o ano 2000. Neste texto, percebe-se três movimentos: parte-se do esclarecimento sobre a lei em relação à formação de professores/as, incentiva-se o retorno ao estudo e, por fim, faz-se a propaganda dos cursos a distância que podem servir inclusive para a formação em cursos de informática. Isso se explicita na seguinte passagem ‘*Quem não tiver atualização em informática hoje é carta fora do baralho*’<sup>228</sup>.

Em relação à informática, aparece a experiência de Dayse Portugal Pereira Gomes, uma professora que optou por um curso a distância para aperfeiçoar seus conhecimentos de informática. Segundo a reportagem, “[...] *Ela espera a madrugada, quando seus filhos estão dormindo e a casa fica em silêncio, para se conectar ao Curso de Capacitação em Projetos na Área de Informática, voltada para educadores*”<sup>229</sup>.

<sup>226</sup> FERRARI, Márcio. Estudar faz bem para a sua carreira. **Nova Escola**. São Paulo, ano XVIII, n. 166, out/ 2003, p.46.

<sup>227</sup> Ibidem, p.45.

<sup>228</sup> Ibidem, p.47.

<sup>229</sup> FERRARI, Márcio. Estudar faz bem para a sua carreira. **Nova Escola**. São Paulo, ano XVIII, n. 166, out/ 2003, p.46.

No texto aparece um outro/a docente aquele/a que aproveita a madrugada para estudar, embora o texto trate do tema da capacitação docente, a revista sugere que o aperfeiçoamento em informática é imprescindível, aproveitando-se inclusive as madrugadas para estudar, caso contrário, estes profissionais podem tornar-se “cartas fora do baralho”. O tema vincula-se a questões referentes à formação do/a professor/a, pois o/a docente que é comparada/o a uma carta de baralho torna-se estudante do ensino a distância.

Na publicação de setembro de 2006, “*Tecnologia ao alcance de todos*”, observa-se a emergência de outros enunciados no discurso sobre as novas tecnologias, sendo que agora o foco recai sobre as experiências realizadas em escolas com o uso do computador. Na matéria, apresentam-se três escolas e os projetos que algumas turmas desenvolvem. Cada escola encontra-se em um nível diferente: as escolas que estão na fase inicial tiveram os laboratórios montados recentemente. As escolas de nível intermediário já possuem laboratórios a mais tempo e, os/as alunos/as estão familiarizados com a máquina, por isso, já são capazes de criar sites e blogs. Por fim, apresenta-se uma experiência considerada de nível avançado. Nesta, os/as estudantes/as desenvolveram um projeto de robótica. A revista introduz o tema com a seguinte chamada “*Aos poucos, os computadores se incorporam ao dia-a-dia das escolas, convidando os professores a repensar suas práticas. Conheça experiências reais*<sup>230</sup> *que vão dos primeiros passos até vôos mais altos no mundo digital*”<sup>231</sup>.

Na chamada, a revista reporta-se à inserção dos computadores como fenômeno que ocorre constantemente nas escolas. No entanto, não se mencionam quantas e quais escolas têm laboratório de informática, quais são as condições das máquinas, se possuem profissionais capacitados, se há espaço adequado para a instalação dos laboratórios. Esses aspectos não fazem parte dos diversos textos que descrevi. No discurso da revista, a

---

<sup>230</sup> MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. **Nova Escola**. São Paulo, ano XXI, n. 195, set/ 2006, p. 31.

Grifo do autor.

<sup>231</sup> Idem.

informatização das escolas públicas brasileiras é um fato e diante dele o/a professor/a precisa modificar sua prática.

Esse aspecto é ressaltado quando na reportagem se reitera mais uma vez que isto provocará modificações na prática pedagógica e reforça ainda a tese de que as experiências que serão relatadas são “reais”, ou seja, foram vivenciadas de fato. O mesmo destaque é dado ao modo como essas experiências foram vividas. Algumas escolas estão dando os primeiros passos, outras se encontram no nível intermediário e outras, ainda, no nível avançado.

A repórter inicia dizendo que, há dez anos, o computador nas escolas era privilégio de elite e a internet era novidade absoluta. Hoje, diz ela, essas ferramentas já estão presentes em várias escolas públicas. Nessa matéria, a revista parece criticar a lentidão da informatização nas escolas, pois ressalta que, conforme dados do Ministério da Educação, apenas 11% das escolas públicas do país contam com laboratórios de informática. No entanto, é raro observar-se esse tipo de dados nas reportagens de *Nova Escola*.

Os laboratórios de informática nas escolas brasileiras podem ser considerados como a marca dos novos tempos. Contudo, a novidade convive com a prática tradicional que é representada como um dos problemas que impedem a inovação. Segundo a reportagem, máquinas modernas exigem revisão nos métodos de ensino e na forma como o/a professor/a concebe o/a aluno/a. Segundo a matéria,

Fazer parte dos novos tempos não depende apenas de equipamentos modernos. A interação que eles permitem pede uma revisão dos métodos tradicionais de ensino. Quanto mais se mantiverem os hábitos que relegam o aluno a um papel meramente receptor, menos diferença a tecnologia fará no aprendizado<sup>232</sup>.

Nas reportagens publicadas desde o ano de 1998 até 2006, a prática tradicional é apresentada como um dos principais fatores que impedem a inovação do ensino. Como nos outros textos, os/as professores/as que desenvolvem uma prática tradicional também são representados/as como aqueles/as que impedem a incorporação dessas ferramentas no ensino e, se as utilizam sem modificar sua prática, não haverá mudanças significativas. Assim como na reportagem “*professor tem dificuldade em mudar estilo de*

---

<sup>232</sup> MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. *Nova Escola*. São Paulo, ano XXI, n. 195, set/ 2006, p. 31.



*aula*”, aqui também a prática tradicional e o papel passivo do/a aluno/a seriam os grandes impeditivos à pretensa transformação.

O texto mostra que as crianças e os jovens sabem como aproveitar o mundo digital. Retomando a reportagem da revista *Época* fazem parte do mundo dos nativos, mas como os utilizam para fins recreativos, cabe aos/as professores/as indicar um uso mais “proveitoso” destas ferramentas. Assim, “o papel do professor, portanto, é dar um sentido ao uso da tecnologia, produzir conhecimento com base em um labirinto de possibilidades”<sup>233</sup>. Cabe à escola disciplinar o uso dessas ferramentas. Então, o professor/a aparece como disciplinador, canalizador da energia dos/as alunos/as diante de uma máquina que poderá desorganizar o mundo do ensino.

Para mostrar algumas das possibilidades que essas ferramentas permitem, relatam-se as atividades desenvolvidas nos três níveis. Uma escola situada no Recife e outra situada no município de Itacuruçá distrito do município de Mangaratiba localizado no litoral fluminense foram mostradas como aquelas que se encontram na fase inicial na utilização do computador e da internet. Nestas, as principais atividades consistem em utilizar o computador para jogos, produção de textos, desenhos e pesquisas em sites de busca. É interessante notar a estratégia utilizada na montagem do texto, pois são escolas situadas em estados diferentes e bem distantes entre si. Menezes esclarece que,

O professor de Educação Física Samuel Farias da Silva e seus alunos de 5ª a 8ª série utilizam os micros para jogar xadrez. [...] Os parceiros podem ser tanto o próprio computador como jovens conectados em outros lugares. Dessa forma, os estudantes ganham não só familiaridade com o mundo virtual, mas também com os meandros do xadrez<sup>234</sup>.

Os jogos de xadrez têm dupla função: familiarizar os/as alunos/as com o mundo virtual e, ainda, diverti-los, exercitando o raciocínio. Os alunos iniciantes percorrem um caminho semelhante ao dos/as professores/as, apresentados na seção “*Navegar é preciso*”. Boa parte das reportagens daquela seção referia-se à pesquisa na internet, ensinando como utilizar sites, e assim por diante.

<sup>233</sup> MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. **Nova Escola**. São Paulo, ano XXI, n. 195, set/ 2006, p. 31.

<sup>234</sup> *Ibidem*, p. 32.

Nas experiências caracterizadas como as da fase intermediária, o computador e a internet são utilizados para produzir programas de rádio e para comunicar-se via e-mail com outras escolas. Assim,

A garotada se sente estimulada a pesquisar, ler e escrever melhor com o bate-papo e uma farta produção de textos publicados em blogs – ferramenta do mundo virtual que permite aos usuários colocar conteúdo na rede e interagir com outros internautas, enriquecendo os relatos com links, fotos, ilustrações e sons. Mas só há ganho em aprendizado se os professores desempenharem seu papel de mediadores, isto é, se acompanham e sugerem atividades, ajudam a solucionar dúvidas e estimulam a busca de novos conhecimentos <sup>235</sup>.

Na fase intermediária, as ferramentas tecnológicas servem como instrumentos para a criação de textos, animações, e de comunicação com outras crianças e adolescentes. No entanto, *Nova Escola* lembra que este uso proveitoso só será efetivo se o/a professor/a atuar como mediador/a, para isso, ele/a necessita dominar bem as ferramentas e o modo de utilizá-las.

Na fase avançada, os/as alunos/as elaboram projetos de animação envolvendo a robótica. As crianças montam um pequeno robô com peças de “lego” e criam movimentos para ele, utilizando o computador. Conforme a reportagem,

O objetivo deles é dar movimentos a um minirobô [...]. Parece cena do dia-a-dia de uma indústria de alta tecnologia ou de um laboratório de informática universitário, mas quem está realizando essa tarefa de gente grande é uma turma de 4ª série. É um caso de uso da informática na Educação em estágio avançado<sup>236</sup>.

O projeto é desenvolvido numa escola municipal e, de acordo com a reportagem, já ganhou concursos em anos anteriores. Segundo a revista, o segredo está em unir tecnologia a atividades da sala de aula.

Na seção *Navegar é preciso*, os textos são construídos recorrendo-se ao passo-a-passo. A revista remete o leitor a uma espécie de “alfabetização”, ensinando os primeiros passos para se utilizar o computador e a internet. Por isso, ensina a comprar computador, a configurar o correio eletrônico, a consultar e-mails, a visitar sites, a pesquisar e a criar páginas na internet.

---

<sup>235</sup> MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. **Nova Escola**. São Paulo, ano XXI, n. 195, set/ 2006, p. 32.

<sup>236</sup> MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. **Nova Escola**. São Paulo, ano XXI, n. 195, set/ 2006, p. 36.

Nas três reportagens analisadas, percebe-se que, em certa medida, o discurso incorpora novos aspectos. No primeiro artigo, fala-se da chegada dos computadores nas escolas brasileiras e nas escolas norte americanas. Na composição entre texto e imagem surgem enunciados mostrando um/a professor/a infantilizado/a e amedrontado/a diante do computador. Em seguida, ressalta-se que os computadores como ferramentas educativas não combinam com uma prática tradicional, pois nela os/as alunos/as assumem um papel passivo, tão somente de receptor. Na última reportagem, admite-se que os jovens e crianças utilizam as novas ferramentas, mas cabe à escola disciplinar e coordenar esse uso. Parece haver um consenso de que é preciso dar liberdade aos alunos/as, no entanto, esta deve ser vigiada pela escola através do/a professor/a.

Na segunda reportagem, o foco recai sobre a formação docente e a capacitação em informática aparece como um fator determinante. O/a professor/a é incentivada/o a capacitar-se por meio dos cursos a distância e a cursar informática, usando o mesmo sistema, os/as que não se atualizarem são comparadas/os à carta fora do baralho.

Na última reportagem, denominada "*Tecnologia ao alcance de todos,*" o texto mostra como o computador está sendo utilizado nas escolas. Apresenta experiências onde os laboratórios foram montados há pouco tempo e, por isso, estão na fase inicial. Nessa fase, o computador serve para atividades mais simples. Nas escolas que estão na fase intermediária, a máquina serve para atividades um pouco mais complexas e, por fim, no uso avançado compara-se a atividade dos alunos da 4ª série com aquelas desenvolvidas em laboratórios das universidades. Pode-se observar o dispositivo da gradualidade atuando de duas formas: primeiro remete à idéia de partir do simples para o complexo, uma vez que, na escola do nível inicial, a máquina é utilizada para atividades mais gerais. No nível intermediário, o conteúdo complexifica-se, pois requer maior domínio da ferramenta. No nível avançado, o computador serve para que as crianças criem robôs com movimento.

Parte-se do princípio de que os primeiros contatos com o computador exigem atividades mais simples e, para aqueles que atingiram um nível superior, podem desenvolver tarefas avançadas. Na seção *Navegar é preciso* a gradualidade se evidencia na maneira como a revista classifica o grau de

conhecimento e ou informação do/a docente em relação às novas tecnologias. Para isso, vale-se de textos curtos e muitas ilustrações, seguidas por passo-a-passo. Nas reportagens que acabamos de descrever, o dispositivo da gradualidade atua classificando as escolas de acordo com as atividades desenvolvidas. Assim, a escola que criou movimentos para o robô com peças de *Lego* encontra-se no nível mais avançado. Na hierarquia dos conhecimentos está em primeiro lugar. Em segundo lugar, estão as escolas que possuem nível intermediário e por último, as de nível inicial.

Nas reportagens capa, percebem-se outros enunciados sobre as novas tecnologias, pois não se trata mais de ensinar a comprar computador, utilizar Sites de pesquisa, enviar e receber e-mails. Trata-se de apresentar relatos de experiências com o computador e a internet desenvolvidas em algumas escolas, de incentivar a formação continuada e mostrar as inovações que o computador provoca na prática do/a professor/a. Conforme a revista, experiências que foram realmente vividas. Nessas, o/a docente é descrito como alguém que atua junto aos alunos/as, mediando as atividades desses junto às máquinas.

Outro espaço da revista que contribui para a construção do discurso sobre as novas tecnologias é a seção *Mural*. Na escola, o mural é um espaço onde se expõem atividades que merecem destaque. Acredita-se que a exposição dos trabalhos motiva os/as alunos/as a desenvolvê-los com mais empenho e cuidado. Normalmente, fica exposto em um lugar onde há circulação constante de pessoas. Na revista, essa seção é um espaço onde se divulgam livros, pesquisas, locais para visitação e outras informaçoes. Entre os anos de 1998 e 1999, as sugestões referem-se a sites onde o professor pode pesquisar. Durante esse período, era sugerido o site e sempre se divulgava, ao mesmo tempo, um vídeo e CDROM, como pode ser verificado na tabela abaixo.

N� publicac�o	Tema	Descri�o
114/agosto de 1998	Use a abuse dessa biblioteca virtual	<a href="http://www.bibvirt.futuro.usp.br">www.bibvirt.futuro.usp.br</a>

115/setembro de 1998	Uma janela para a natureza	www.wwwf.org.br informações sobre flora e fauna ameaçadas de extinção e outros links.
116/outubro de 1998	Para construir nosso passado	www.historiadobrasil.com.br/versão eletrônica de Viagem pela história do Brasil, livro e CDROM
117/novembro de 1998	Olhar para o céu	www.cdcc.sc.usp./cda/observat.htm. Ensina a montar telescópios.
118/dezembro de 1998	Ciência na linguagem dos jovens	O mundo de Beakman agora em português. Basta clicar no site <a href="http://educar.sc.usp.br/youcan">http://educar.sc.usp.br/youcan</a> .
114/agosto de 1998	CDROM Um museu em sua classe	As crianças podem passear por salas virtuais e conhecer obras como Mona Lisa.
115/setembro de 1998	Construtivismo para ver e ouvir	Princípios teóricos do construtivismo
117/novembro de 1998	Sua turma vai escrever brincando	Aluno soldado virtual combate o mal no programa ortografando...
118/dezembro de 1998	Alegre preparo para a escola	Software que prepara as crianças para leitura e escrita.
120/março de 1999	Mistérios da luz para crianças	CDROM que trabalha conceitos como luz e sombras, para crianças a partir de 08 anos.
120/março de 1999	A Amazônia em imagens nunca vistas	Série sobre fauna e flora da Amazônia.
121/abril de 1999	Não deixe de visitar esse doce de site	<a href="http://docedeletra.com.br">http://docedeletra.com.br</a> . Página virtual da Doce de letra.
121/abril de 1999	Para formar cidadãos melhores.	Vídeo educação para o pensar.
121/abril de 1999	Brincando de fazer arte	CDROM programa de desenho e pintura virtuais.
122/maio de 1999	Este endereço merece sua visita	<a href="http://www.escolanet.com.br">www.escolanet.com.br</a>
122/maio de 1999	Quando levar a turma ao computador	Vídeo- A informática no ensino fundamental.
122/maio de 1999	Maneco, um macaco muito 'sapiens'	Versão eletrônica de uma coleção de livros.

A referida seção sofreu modificações como pode ser observado no editorial da publicação de jan/fev/ de 2005. O editor anuncia que,

O Mural – uma das seções mais lidas da revista – cresceu, ganhou cara nova e deu mais visibilidade a pequenas seções, como Visita (que agora, além de sugerir museus interessantes, traz propostas para tratar o tema em sala de aula) e Internet (que a partir deste mês vem com indicações de sites úteis para o professor)<sup>237</sup>.

A seção *Mural* foi ampliada e, a partir daquele ano, passou a trazer sugestões de lugares que pudessem ser visitados e também sugestão de sites que serviriam para tirar dúvidas, participar de fóruns, colaborar virtualmente para completar um conto, ou história que estava sendo escrita por um autor, e assim por diante. A maneira como a revista ensina a utilizar o computador e a

<sup>237</sup> NOGUEIRA, Nilcéa. Caro professor. **Nova Escola**. São Paulo, ano XX, n. 179, jan/fev/ 2005, p. 06.

internet se modifica e o/a professor/a aparece como aquele/a que já domina a tecnologia e que agora deve incorporá-la ao seu dia-a-dia, seja na escola ou em casa, como uma ferramenta, indispensável. O incentivo agora é o de criar páginas na internet, participar de blogs e fóruns e assim por diante.

No texto impresso, a/o profissional do ensino lê matérias e ainda é incentivada/o a comprar vídeos, CDROMS, usar o computador e a internet nas aulas. No entanto, a partir do ano de 1998, o/a docente tem um outro espaço para a prática digital o Site da revista *Nova Escola*. A revista apresenta-o em uma matéria intitulada “*Esta sopa de letrinhas é o nosso endereço na internet*” em seguida se mostra o endereço eletrônico <http://www.novaescola.com.br> explicando o que significa cada elemento. [ ] Na chamada, diz-se que “*agora você já pode ler a sua NOVA ESCOLA no computador, participar de debates e trocar mensagens com outros professores*”<sup>238</sup>.

Pode-se dizer que, a partir de então, o/a profissional do ensino torna-se um/a internauta em ação, pois além do texto impresso, agora pode ler os conteúdos da revista, navegar pela página, participar dos fóruns, enviar e receber e-mails, pesquisar, incorporar-se a uma comunidade virtual. O Site torna-se uma extensão da revista e, ao mesmo tempo, o espaço através do qual se pode exercitar a prática digital.

O Site não será analisado aqui, mas entendo que é importante mostrar como ele é representado em algumas das edições da revista. Por isso, na seqüência, destaco algumas passagens publicadas em *Nova Escola* anunciando-se as transformações deste espaço. Numa seção especial denominada *Informática* diz-se que o “*Site da Nova Escola e a sua porta de entrada para a internet*”<sup>239</sup>. Após uma breve apresentação, explicita-se a organização de cada seção que o compõe, por exemplo: na seção: *Caros colegas*: o/a internauta pode trocar informações com colegas de outros lugares do mundo. Em *Reportagens*: encontram-se matérias das edições impressas e informações adicionais. No *Fórum*: a revista propõe temas para debate e o/a

---

<sup>238</sup> FALZETTA, Ricardo. Reportagem de capa: Esta sopa de letrinhas é o nosso endereço na internet. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIII, n.110, p.14, mar/ 1998.

<sup>239</sup> Edição on-line maio de 1999 n. 12. Disponível em [http://app.arquivo.abril.com.br\\_integral\\_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar](http://app.arquivo.abril.com.br_integral_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar). Acesso em 29/03/2008.

professor/a lê as opiniões dos outros/as e se quiser pode opinar também. *Busca*: é uma ferramenta que permite pesquisar todas as edições on-line da revista. Em *Links interessantes*: apresentam-se uma seleção de sites que podem ser visitados.

Noutra publicação, sob o título *Navegar é Preciso* se mostram outras novidades. Dentre as transformações aparecem,

A seção *Aprender@Aprender*, na qual você encontra o melhor de Nova Escola, planos de aula, textos para download, fóruns, quadro de avisos [...] Na área de serviços concentramos a biblioteca (que agora traz o arquivo de Nova escola por edição), a ferramenta de busca, nosso e-mail, a seção *Navegar é Preciso*, com reportagens e dicas sobre como usar a internet, e outra inovação a seção *Agenda*. [...] Aguardamos sua visita ([www.novaescola.com.br](http://www.novaescola.com.br)) e sua opinião ([novaescola@abril.com.br](mailto:novaescola@abril.com.br))<sup>240</sup>.

O site que está de “Cara nova” volta-se para informar e qualificar o trabalho docente através da sugestão de planos de aula, reportagens, textos para download, além da seção *Navegar é Preciso*, que é mencionada como um espaço onde se encontram dicas sobre como usar a internet.

Novamente, no mês de novembro do mesmo ano, sai mais uma matéria sobre o Site da revista, agora sob o título “*Nova Escola vai melhorar sua vida na internet*”. Falzetta explica as modificações ocorridas no espaço virtual da revista dizendo que “*Se você tem internet, prepare-se para perder algumas horas de sono a mais. Já está no ar o novo site de Nova Escola com novidades que vão deixá-lo um bom tempo grudado na tela do computador*”<sup>241</sup>. Pode-se dizer que, dentre os novos hábitos, está o de perder horas de sono para navegar na internet. Além disso,

O novo site está dividido em três grandes áreas: uma barra fixa com opções de navegação que se repetem por todo o site, uma área com a edição do mês da revista e uma terceira seção batizada de *Aprender a Aprender*. Clicando nos botões desta seção, você será levado a quatro grandes áreas de interesse: **Aprender a Conhecer, Aprender a Ensinar, Aprender a Interagir, e Aprender a Gerenciar**<sup>242</sup>. Queremos

<sup>240</sup> Edição on-line abril de 2000 N° 131. Disponível em [http://app.arquivo.abril.com.br\\_integral\\_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar](http://app.arquivo.abril.com.br_integral_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar). Acesso em 29/03/2008.

<sup>241</sup> Edição on-line novembro de 1999 N° 127. Disponível em [http://app.arquivo.abril.com.br\\_integral\\_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar](http://app.arquivo.abril.com.br_integral_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar). Acesso em 29/03/2008.

<sup>242</sup> Grifo meu

dessa forma, dar condições para que você aprenda a aprender, levando em conta que hoje as informações estão muito mais acessíveis a você e também aos seus alunos<sup>243</sup>.

A revista é uma extensão do site e vice-versa, pois no espaço *Aprender a Aprender* que se desdobra em quatro áreas distintas, cada qual com uma finalidade diferente, aparece uma série de prescrições para o/a docente considerado ideal. Contudo, o que chama atenção no texto é o argumento utilizado, pois na explicitação dos objetivos de cada seção inicia-se dizendo que “*para ensinar bem um professor deve conhecer o que vai ensinar, para ensinar bem deve possuir boas técnicas de ensino, para ensinar bem deve estar em constante processo de troca de informações com seus colegas, para ensinar bem o professor deve saber organizar seu dia-a-dia*” [ ] O argumento “*para ensinar bem o professor deve*” é reforçado em cada início de frase em que se vai apresentar cada uma das quatro seções. A revista, ao divulgar o espaço virtual, enuncia que é preciso qualificar o/a docente ensinando-a/o a aprender a ensinar, a adquirir técnicas consideradas adequadas, a interagir e a gerenciar o dia-a-dia na escola. Essa aprendizagem se dará por meio das edições impressas e através do Site. Observa-se que a revista, através do espaço virtual, permanece reafirmando as teses da falta de informação e da necessidade da qualificação profissional.

Por outro lado, a revista e o espaço virtual criado para ela representam-se como meios que estão em constantes atualizações. Isso pode ser observado, mais uma vez, na publicação de abril de 2007, sob o título “*Novo em folha. Em breve, num computador perto de você*”<sup>244</sup>. A revista mostra a nova configuração do Site, agora dividido por Canais. Cada canal tem um conteúdo específico. Por exemplo: no canal Conteúdo on-line é possível acessar todo o conteúdo produzido e ainda encontrar um novo ambiente, o *Ponto de Encontro*. Em *Edições impressas*, encontram-se as reportagens da edição atual e de todas as edições posteriores ao ano de 1997. Em *Multimídia* se acessam Vídeos, animações e podcasts. No *Espaço do Leitor*, faz-se

---

<sup>243</sup> Edição on-line novembro de 1999 N° 127. Disponível em [http://app.arquivo.abril.com.br\\_integral\\_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar](http://app.arquivo.abril.com.br_integral_abril/pesquisaConteudo.do?metodo=pesquisar). Acesso em 29/03/2008.

<sup>244</sup> **Nova Escola**, São Paulo, ano XXII, n. 201, p.10, abri/ 2007.



contato com a redação e se participa de concursos, fóruns e enquetes. No canal Educação Infantil encontra-se todo o conteúdo relativo à educação infantil veiculado pela revista. Em *Prêmio Victor Civita*, apresentam-se as últimas novidades em relação ao concurso, histórico das edições anteriores, regulamento, links e imagens dos trabalhos premiados. No canal *Fundação Victor Civita* se conhecem todas as iniciativas da Fundação relativas à revista *Nova Escola*.

Note-se que, na apresentação do site em 1998, aciona-se um enunciado que remete a um ditado popular muito comum entre os/as docentes alfabetizadores/as, pois a sopa de letrinhas sempre é lembrada quando um/a o/a aluno/a comete erros ortográficos. Na apresentação que se faz no texto seguinte, retoma-se o enunciado de que é necessário qualificar o/a profissional da Educação Básica, pois destaca-se a necessidade de ensiná-lo a aprender, a utilizar a internet, porque agora *Nova Escola* tem um espaço virtual e, mais do que isso, pretende-se continuar informando-o/a e qualificando-o/a através dos dois espaços, o impresso e o digital. Pode-se dizer que a revista amplia sua abrangência quando faz circular seu discurso através desses dois meios.

O Site é mostrado como um espaço que está em constantes modificações, assim como é a dinâmica dos conteúdos veiculados pela Rede. Ao mesmo tempo é apresentado como mais um espaço através do qual o/a professor/a pode aprender inclusive sobre como ser um/a profissional qualificado/a.

Como se vê, de tempos em tempos, o Site é modificado, no entanto, o modo de conceber o/a docente e a docência e o discurso prescritivo permanecem.

Na tabela abaixo, estão relacionados alguns sites e exemplos de fóruns incentivando-se a participação dos/as professores/as.

179/janeiro/fevereiro/2005	Astronomia para turmas de qualquer idade	<a href="http://www.centroastronomico.com.br">www.centroastronomico.com.br</a> .
180/março/2005	Fórum	O uso do computador prejudica as

		crianças?
180/março/2005	Animação chega ao site da sua revista	www.novaescola.com.br
180/março/2005	Um divertido tira-dúvidas para você e sua turma	www.duvidacruel.com.br. Encontre respostas para quase tudo.
181/abril/2005	Programa de TV ensina a usar computador	www.prograescoladigital.org.br
182/maio/2005	Conheça colegas de todo país	www.novaescola.com.br. O espaço quadro de avisos no site serve de ponto de encontro para os professores trabalharem em rede.
191/abril/2006	O poeta dos escravos	www.secrel.com.br/jpoesia/calves.htm.
194/agosto/2006	Vai ser um TERROR!!!	Flávio de Souza atua na seção "Escrevendo com". O autor inicia a história e o professor juntamente com os alunos, através do site escola, continuam e finalizam o texto.
194/agosto/2006	Plano de aula	O site Nova Escola publica Pais & Mestres do Jornal da tarde e a cada edição, traz um plano de aula sobre a atualidade.

A seção *On-Line* complementa a seção *Mural*. Nela também se encontram os fóruns de discussão e enquetes.

165/setembro/2003	Como andam nossos rios? Site Nova Escola acompanha a viagem de Gerard Moos e mostrará a qualidade da água de 350 rios.
170/março/2004	Fóruns/ vestibular até quando? Como você alfabetiza seus alunos?
171/abril/2004	Como será comemorado o dia do índio em sua escola? Discute o uso de mapas conceituais no site do professor. Sugere que o professor participe do debate sobre software que ajuda a radiografar o raciocínio. O tema está no ar desde março.
174/agosto/2004	Você já realizou na sua escola algum projeto ou trabalho dentro da perspectiva interdisciplinar?

Como se pode ver, o discurso sobre as novas tecnologias na revista *Nova Escola* modificou-se de 1998 a 2006 e durante este período ganharam novos espaços na publicação, pois além das reportagens-capa e da seção *Navegar é Preciso* apareceram também nas seções *Mural*, *On-Line*, nas propagandas e em entrevistas.

A partir da descrição das propagandas também se percebe a emergência de enunciados que constroem o/a docente e a docência. *Nova Escola* apresenta anúncios sobre o financiamento de computadores especificamente para professores/as, do computador *Escola*, da Educação a Distância, da Tevê Escola, entre outras. Como se vê, a revista *Nova Escola* torna-se um elemento de uma rede mais ampla através da qual circulam enunciados construindo-se o discurso sobre novas tecnologias. Isso pode ser percebido no modo como organiza seus textos, nas propagandas que focalizam Cursos a Distância, Tevê Escola, venda de computadores e produtos tecnológicos para as escolas. As propagandas figuram como um elemento nessa rede, por isso, a seguir, descrevo algumas.

### 3.5. Nas propagandas – outros instrumentos para ensinar



**Novo material escolar para 2004: tecnologia.**  
InfoWay Educação. A melhor solução para seu laboratório de informática.

A Solução Interativa de Aprendizado para Educação é uma proposta completa para ambientes educacionais. Composta de Hardware, Software e Serviços, ela foi desenvolvida sob medida para laboratórios de informática. Consegue-se com isso extrair o máximo da tecnologia para auxiliar e facilitar o processo de aprendizagem. Consulte a Itaotec e saiba mais sobre as vantagens do InfoWay Educação pelo telefone 0800 121 444.

Itaotec recomenda o Microsoft® Windows® XP Professional para Educação.



SERVIDOR

INFRA-ESTRUTURA (SWITCH 10/100)

ESTAÇÃO DO PROFESSOR

ESTAÇÕES DOS ALUNOS

Fotos Ilustrativas.




Figura 5 Revista Nova Escola, Dezembro, 2003.

A caneta e o lápis formando xis, a borracha e a régua que quase desaparece aparecem dispostos ao lado mouse. Esses materiais ocupam a parte superior da folha e estão destacados na imagem. A maneira como foram organizados dá impressão de que o mouse faz parte do material que alunos/as e professores/as utilizam cotidianamente na escola. No lado esquerdo, encontra-se a frase “*Novo material escolar para 2004: tecnologia*”. O texto indica que, ao material escolar comum, associa-se o novo material que é a tecnologia. Este é representado pelo mouse e também por vários computadores que aparecem no canto esquerdo. Em primeiro plano, um aparelho identificado como “servidor” ao lado, outro aparelho identificado como “*infra-estrutura*” (*switch 10/100*), na seqüência, um computador com a inscrição “*estação do professor*”, abaixo, três computadores enfileirados com a inscrição “*estações dos alunos*”. A disposição dos computadores na imagem lembra um laboratório de informática, remetendo à Cartilha elaborada pelo MEC sugerindo a organização dos laboratórios nas escolas. No final da página aparece ainda um logotipo da Itautec e outro da Intel Inside. A imagem lembra as listas de material escolar que as escolas fornecem todos os anos aos pais, mas não se vê os cadernos e nem mesmo os livros didáticos ou as apostilas. Esses podem ser considerados como recursos utilizados pelos professores/as tradicionais. O/a “*docente.com*” substitui cadernos, livros e apostilas pelo mouse do computador. A máquina de ensinar será incorporada à lista dos materiais didáticos a serem adquiridos, começando pelo/a professor/a. Na seqüência temos,

## Micro financiado



Se você precisa de um computador mas o dinheiro anda curto, aproveite o financiamento para professores oferecido pela Caixa Econômica Federal (CEF). O banco financia até 90% do preço do micro – no limite de 3 mil reais – e o prazo para o pagamento é de até 18 meses, sem carência. A taxa de juros é de 3% ao ano mais a Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), que atualmente está em 11%. Para que seu crédito seja aprovado você precisa:

- ser professor de Ensino Fundamental ou Médio, da rede pública ou da particular e precisa estar na ativa;
- ter renda mensal inferior a 2 mil reais;
- escolher equipamentos nacionais com o certificado de qualidade ISO 9000;

■ ter conta corrente ou poupança na Caixa por no mínimo três meses (as parcelas serão debitadas dessa conta).

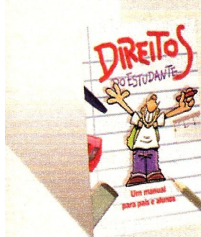
Você decide em quantas parcelas quer pagar. Para um financiamento de 1 800 mil reais, por exemplo, estas são as condições de pagamento:

– Em 12 parcelas de 161,61 reais (total: 1 939,32 reais). Você receberá 1 734,97 reais, pois a Caixa desconta do financiamento o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e o seguro de crédito.

– Em 18 parcelas de 114,44 reais (total: 2 059,92 reais). Você receberá 1 720,44 reais (já com os descontos). Informações pelo telefone 0800-550101 ou no site [www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br)

“ Quem troca  
pães fica com  
um único pão. Quem  
troca idéias fica  
com as duas. ”  
MACHADO DE ASSIS

### MANUAL DE CIDADANIA



Os direitos dos estudantes existem, mas estão espalhados por diversas leis como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O Instituto Protagonistês, de São Paulo, levantou todos esses direitos e editou uma cartilha, com linguagem simples e acessível. Foram impressos 500 mil exemplares que estão sendo distribuídos gratuitamente a escolas e demais interessados. “Queremos que pais e alunos conheçam seus direitos para cobrar um ensino de qualidade”, diz Rose

Neubauer, presidente do instituto. Junto à explicação de cada um dos direitos, encontram-se indicações sobre como agir caso algum deles seja desrespeitado. Pedidos podem ser feitos pelo telefone (11) 3026-9165 ou pelo e-mail [protagonistes@protagonistes.org.br](mailto:protagonistes@protagonistes.org.br).

ESCOLA MARÇO 2004 11

## Comece o ano letivo

sem atrasos no

horário.



urânia

Ainda dá tempo de preparar sua escola para o novo ano letivo usando a solução mais eficaz na elaboração de horários escolares.

Utilize melhor o seu tempo, conheça o Urânia, o único software brasileiro que é uma solução efetiva para a montagem do horário de aula dos professores de sua escola. Testado e aprovado por mais de 3.000 escolas das redes particular e pública em todo o Brasil, Urânia é muito fácil de usar, rápido e abrangente. Pergunte a quem conhece! Solicite a relação de usuários em sua região.



A solução que você sempre quis, por um preço que você pode pagar.

Ligue agora mesmo para 0800 702 2011 e acabe com o problema de horário em sua escola.

Figura 6 Revista Nova Escola, Março, 2004

Na seção *Mural*, apresenta-se uma matéria tratando do financiamento do computador. No canto superior esquerdo, aparece o PC, segurado por uma mão feminina, mais ao fundo, o monitor e, atrás, o teclado. A imagem é pequena, o título chama atenção, pois foi escrita a palavra *micro* em vermelho e a palavra *financiado* escrita na cor preta. No quadro, bem menor, lê-se o seguinte “*Computador novo para você: juros mais baixos e saldo parcelado*”. Essa inscrição encontra-se sobre fundo preto e letras brancas. Fala-se do financiamento de computadores para docentes, pela Caixa Econômica Federal. Para ser contemplado, é necessário ser professor/a do Ensino Fundamental ou Médio, atuar na escola pública ou particular e estar na ativa. O texto explicita, ainda, a forma de pagamento e projeta o valor de cada parcela. Ao final; há uma frase de Machado de Assis “*Quem troca pães fica com um único pão. Quem troca idéias fica com duas.*” Essa frase é colocada no canto direito sob fundo azul e letras brancas. Nessa mesma folha, no lado direito, uma outra propaganda ocupa um espaço menor. Trata-se da empresa Urânia oferecendo um software para a montagem do horário das aulas nas escolas. É o dito do romancista brasileiro sendo aplicado. A revista troca uma idéia com os docentes: o uso da Urânia para a montagem dos horários escolares. O/a professor/a fica com duas idéias: comprar o computador para livrar-se das dificuldades impostas pela organização de horários.

É interessante que esta publicação é do mês de março de 2004; portanto, coincide com o início do ano letivo. Ao profissional do ensino sugere-se que, se quiser ou estiver precisando, pode adquirir um computador novo com as “facilidades” oferecidas pela Caixa Econômica Federal e ainda adquirir o software para organizar os horários.

Em ambas as propagandas, a tecnologia é apresentada. Na mesma página, em tamanho bem menor, aparece ainda a propaganda de uma cartilha sobre os direitos dos estudantes, com o título “*Manual da cidadania*”. A revista joga com os textos e as imagens, pois tudo isso se encontra na seção *Mural*, que nas escolas é organizado a partir de textos diversos. No texto que trata sobre o financiamento do micro para professores/as, há uma composição entre imagem pequena, texto explicativo e a frase de Machado de Assis, que aparece em destaque. Ao lado, e no mesmo plano, a propaganda da Urânia sobre o software. A propaganda da Urânia compõe-se com o texto do micro

financiado, sendo difícil ler apenas um deles. Os produtos a serem adquiridos são especificamente produzidos para os/as docentes. A publicação faz um jogo na organização da página que remete o/a professor/a ao espaço da escola, à literatura, quando coloca a frase de Machado de Assis e à tecnologia.

*Nova Escola* tem como mantenedora a Fundação Victor Civita que juntamente com o Instituto Faça Parte montaram um computador especialmente para os/as professores/as, como pode ser visto na propaganda abaixo

**Fundação Victor Civita  
Instituto Faça Parte  
apresentam**



**CÓDIGO DA OFERTA NE 001**

**R\$ 2.190,00**  
Taxas de juros e prazos especiais para professores

AMD SEMPRON™ 2400\*,  
128 MB DE MEMÓRIA,  
HD DE 40 GB,  
PLACA DE REDE 10/100,  
CD-ROM 52 X,  
MONITOR DE 15",  
MICROSOFT® WINDOWS® XP HOME,  
DRIVE DE 1.44 MB,  
NORTON ANTIVIRUS,  
MULTIMÍDIA COMPLETO,  
TECLADO E MOUSE  
REDAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA - ITAUTEC

**LIGUE JÁ!**  
**0800-121444**  
De 2ª a 6ª, das 8 às 22 h. Sábado, das 9 às 18 h, e domingo, das 12 às 18 h  
[www.itauteshop.com.br](http://www.itauteshop.com.br)

- ▶ CONTEÚDO EXCLUSIVO PARA O PROFESSOR
- ▶ PREÇO ESPECIAL E 3 ANOS DE GARANTIA\*
- ▶ JUROS ESPECIAIS E ATÉ 36 MESES PARA PAGAR\*\*
- ▶ ACESSO GRATUITO À INTERNET COM 4 CONTAS DE E-MAIL

O QUE JÁ VEM NO COMPUTADOR:

- ▶ Todo o conteúdo da revista ESCOLA de 2000 para cá ▶ PCNs Fáceis de Entender – Parâmetros Curriculares Nacionais ▶ Especial ESCOLA sobre gestão escolar – “Chamada à Ação” ▶ Coleção Especial SUPERINTERESSANTE ▶ Projeto Voluntariado Educativo – FAÇA PARTE ▶ ALMANAQUE ABRIL 2004 ▶ Dicionário Eletrônico LUFT ▶ Coleção Especial ÁTICA ▶ Coleção Especial SCIPIONE ▶ Formação Continuada: OFÍCIO DE PROFESSOR; EBRAP – Curso para Professores do Ensino Médio; TONS – Curso de Alfabetização em Linguagem Musical





AMD Sempron, o logotipo AMD e AMD Sempron e quaisquer combinação destas são marcas comerciais da Advanced Micro Devices, Inc. ou suas subsidiárias nos Estados Unidos e outros países. Microsoft e Windows são marcas registradas da Microsoft Corporation. Internet Telefônica não inclui eventuais despesas de ligações interurbanas para cidades onde o telefone não possui telefone local de acesso, bem como os impulsos telefônicos decorrentes desse acesso. A velocidade de comunicação de 56 Kbps depende e pode variar de acordo com o tipo e a qualidade da linha telefônica utilizada. \* Garantia balcão de 3 anos para partes, peças e serviços. Preços com impostos incluídos para São Paulo. Frete incluso. Demais características técnicas e de comercialização estão disponíveis em nosso site e no Televidas. Fica ressalvada eventual retificação das ofertas aqui veiculadas. \*\* Taxas de juros e prazos especiais para professores. Financiamento em até 36 vezes com juros a partir de 2% ao mês. Consulte as taxas e prazos de financiamento de cada instituição financeira. Sujeito à análise e aprovação de crédito.

Figura 7 Revista Nova Escola, Jan/Fev. 2005.



Aqui a Fundação Victor Civita e o Instituto Faça Parte apresentam o computador Escola. Na imagem, aparece o computador e, na tela do monitor, a inscrição *“computador escola o único feito especialmente para professores.”* O computador ocupa a metade superior do texto; ao lado, em letras menores, aparecem o preço e a descrição do conjunto. Na parte inferior, também ocupando metade da página, descreve-se os conteúdos que acompanham a máquina. Dentre eles: todo conteúdo da revista *Nova Escola*, a partir do ano 2000, os PCNs Fáceis, o Projeto Faça Parte, entre outros. Ao lado, um número de telefone “0800” e, em letras bem pequenas, expõe-se o horário de atendimento inclusive nos finais de semana. Logo abaixo dessa informação, consta o site da Itauteshop. *Nova Escola*, através da Fundação Victor Civita, em parceria com o Instituto, apresentam o computador especializado. O que o torna especial e diferente é o conteúdo em rede que integra a revista *Nova Escola*, mas também os PCNs fáceis e outros meios midiáticos como a revista *“Veja na sala de aula”*.



# Professor, ensine história em tempo real

**VEJA na Sala de Aula. A metodologia que transforma as matérias de VEJA em matérias escolares.**

“**Veja na Sala de Aula**” é um projeto educativo destinado a professores e alunos do ensino médio (2º grau), que introduz a atualidade no dia-a-dia da escola. Toda a semana **VEJA** trará um Guia para o Professor contendo dicas e orientações para o uso de suas reportagens em sala de aula nas diversas disciplinas: matemática, ciências, geografia, português, história e artes. Com isso você terá uma verdadeira aula de atualidades, elaborada para facilitar sua vida. O Guia insere o tema, quebra a rotina, traz o assunto novo, dinamiza as aulas e desperta o interesse dos alunos para o que está acontecendo no Brasil e no mundo.

“**Veja na Sala de Aula**” será comercializado exclusivamente em escolas, através de um pacote de assinaturas, com preço especial, contendo:

- 10 exemplares para o uso dos alunos em sala de aula.
- Um exemplar grátis para o trabalho do professor.
- 5 Guias do Professor.
- Brindes editoriais, pôsteres temáticos e edições especiais de **VEJA**.

**As escolas públicas receberão gratuitamente o pacote, através da remessa dos exemplares de VEJA remanescentes de bancas (\*)**

Matricule já a sua escola neste projeto.

Ligue para **3990-2112** (Grande São Paulo) ou **0800-552112** (demais cidades), de 2ª a 6ª feira das 8:00 às 22:00h. Ou informe-se pela Internet: <http://www.veja.com.br>

(\*) limitados aos estoques por municípios.



Apoio pedagógico:

Figura 8 Revista Nova Escola, Dezembro, 1998.

A propaganda da revista “*Veja na sala de aula*”, se refere a um pacote de assinaturas que a editora Abril oferece às escolas. Numa analogia com as matrículas dos/as alunos/as, a propaganda sugere: “*matricule já a sua escola neste projeto*”. A analogia com a escola pode ser percebida ainda pelas figuras do quadro, giz e do apagador. A matrícula, aqui, tem como imagem discursiva a noção de entrar, começar, pertencer e é carregada de uma função inaugural, ou seja, é o primeiro passo e garantia oficial para a inserção em um projeto maior que visa preparar o/a docente para entrar no mundo das novas tecnologias.

Embora não haja uma referência direta com a tecnologia, como nas outras propagandas, a frase “*professor, ensine história em tempo real*” remete à linguagem utilizada no meio tecnológico. “*Veja na sala de aula*” “[...] *quebra a rotina, traz o assunto novo, dinamiza aulas e desperta o interesse dos alunos para o que está acontecendo no Brasil e no mundo [...]*”. Trata-se de uma referência à história do tempo presente. A tecnologia, na escola, é considerada, então, como presença, diferentemente do modo como era pensada nas décadas de 70 e 80. É considerada como fato e não como horizonte. No tempo presente, o conteúdo não está no livro didático nem na cartilha, mas nas imagens que saltam das telas do vídeo, da tevê e do próprio micro.

Como mencionado no segundo capítulo, a *Teve Escola* foi criada no ano de 1996, com a finalidade de introduzir as tecnologias da comunicação, tais como: televisão e vídeo na formação de professores/as e nas atividades sala de aula.

# Aula com gostinho de aventura.



A TV Escola está no ar para tornar as aulas na escola pública ainda mais completas e divertidas.

Os melhores programas educativos do Brasil e do mundo podem ser utilizados em classe como material de apoio. A TV Escola é fundamental para a atualização e aperfeiçoamento dos professores.

O resultado disso? Educação de melhor qualidade para nossas crianças.

Ligue na TV Escola use os programas. Seus alunos vão gostar de aprender.

Ministério da  
Educação  
e do Desporto



Figura 9 Revista Nova Escola, Junho, 1999.

Na propaganda da *Tevê Escola*, a imagem é colocada sobre um fundo azul mais claro e, no canto esquerdo, aparece uma tela branca da qual saem voando letras, números, animais, o globo e um palhaço bem coloridos, os desenhos voam, acompanhados de uma luz azul, saem da tela e preenchem um espaço vazio, os animais e o palhaço imitam desenhos infantis remetendo ao mundo da criança. Na parte inferior da página, aparece um texto no qual se explicam as possibilidades que a *Tevê Escola* oferece aos professores/as. No final da página, no lado esquerdo, aparece escrito Ministério da Educação e do Desporto e, no lado direito, a bandeira do Brasil e a inscrição “*Brasil em ação*”. A tecnologia na escola e o Brasil em ação para o desenvolvimento.

No texto menciona-se que a *Tevê Escola* veio para tornar as aulas mais completas e divertidas, a diversão pode ser associada às imagens que saem da tela. Segundo o texto, a *Tevê Escola* traz os melhores programas educativos para a utilização em sala de aula. Em seguida, argumenta-se que a “*TV Escola é um instrumento fundamental para a atualização e aperfeiçoamento dos professores*”. O discurso remete à tecnologia e à capacitação docente. Enunciados que percorrem praticamente todos os textos analisados nesta tese. Por fim, convoca-se os/as leitores “*Ligue na TV Escola use os programas. Seus alunos vão gostar*” é a inovação sendo apresentada como possibilidade de dinamizar e inovar a prática pedagógica na sala de aula. As propagandas aparecem como textos complementares e acabam reiterando que o/a professor/a moderno/a atualizado/a é aquele/a que utiliza a tecnologia na escola e no espaço privado, pois na propaganda do micro financiado mostra-se como é fácil adquirir um. Docente moderno/a é também aquele/a que compra computador, lê revistas, frequenta o Site da revista, recorre aos programas da *Tevê Escola* para se atualizar.

O discurso que circulou na revista *Nova Escola* sobre novas tecnologias ganhou espaço na publicação a partir do ano de 1998. Essa temática se expandiu a partir do ano 2000 com a ampliação da seção *Navegar é preciso* que, a partir de então, aparece nas edições da revista durante três anos consecutivos. Os enunciados aparecem quando se procura ensinar a comprar

um computador, configurar o outlook express, enviar e receber e-mail, conectar-se à internet, realizar pesquisas e outras atividades. Os textos seguiam uma fórmula mais ou menos semelhante. Geralmente, são textos curtos, acompanhados de muitas imagens. A seção *Navegar é preciso* foi constituindo modos de ser professor contrapondo dois mundos: o “velho mundo” anterior ao computador e o atual. O “velho mundo” no discurso pedagógico significa exercer a docência ancorando-se na pedagogia tradicional. Estar no “velho mundo” implica a necessidade de navegar, tornar-se imigrante no dizer da revista *Época*. A docência estaria sendo exercida numa transição entre estes dois universos. Assim, temos o/a professor/a que pertence ao “velho mundo” e não sabe comprar e nem usar o computador. Este aparece na revista como um sujeito despreparado, desinformado e leigo, perante a máquina se vê como aluno. Além disso, nada do que pertence a este professor/a situado no “velho mundo” é válido, interessante e pedagogicamente viável. Nega-se, na afirmação do novo mundo, um fazer já realizado. Na composição dos textos dessa seção aparecem a voz de especialistas, do repórter e dos/as docentes.

Dos editoriais e das reportagens surgem enunciados que associam o despreparo e a desinformação como características comuns entre os/as professores/as que atuam no Primeiro Grau. Enunciados que remetem ao discurso apresentado por Niskier e que aparece nos textos dos pesquisadores que se ocupam em investigar a profissionalização docente. O passo-a-passo remete ao dispositivo da gradualidade, pois as informações são veiculadas de modo parcelado, com modelos de fácil compreensão. Foi usado também o relato de experiências que, conforme vimos nos editoriais, é uma das marcas registradas da revista.

Essa forma de construir o texto nos permite estabelecer uma analogia entre o/a, professor/a que pertence ao “velho mundo” pré-digital e uma criança em fase de alfabetização. A revista nos reporta ao discurso pedagógico.

Os relatos de experiência apresentados por *Nova Escola* (como bem sucedidas com o uso do computador e da internet) aparecem na seção *Navegar é Preciso* e, também, nas *Reportagens – capa*, contudo, há diferenças na maneira como se organizam os textos. Nas reportagens não se percebe o passo-a-passo utilizado com frequência na seção *Navegar é preciso*. Os textos

são mais longos nas reportagens e, normalmente, são complementados com relatos de experiências. Na seção isso aparece de forma bem resumida, no entanto, tanto os artigos da seção *Navegar é preciso*, quanto no das reportagens-capa vemos surgir um certo modo de ser docente.

As seções: *Mural* e *On Line* são espaços onde se apresentam sugestões de uso de sites e se incentiva a participação nos fóruns e nas enquetes. É como se estas outras seções fossem montadas para completar o que vêm sendo dito nos artigos, pois nestas se incentiva o uso do computador e da internet, a participar de fóruns ou visitar Sites. Nos artigos e nas seções é imperativo que o/a professor/a domine as ferramentas da tecnologia.

As propagandas enunciam que, para ser um/a professor/a atualizado/a e fazer parte do mundo atual, é preciso adquirir os produtos que a tecnologia oferece. Nesses anúncios, a tecnologia é colocada à disposição da escola e dos/as professores/as. Isto pode ser visualizado na figura 04, e 05, por exemplo. Na figura 04, sugere-se a montagem de um laboratório na escola para aperfeiçoar a aprendizagem dos/as alunos/as. Na figura 05, o micro financiado e o anúncio da Urânia ofertando um software são apresentados como produtos fundamentais para um ensino atualizado e, ainda, resolvem os problemas da escola. O mesmo se observa nas outras propagandas, como a do computador escola e a da *TV Escola*, em ambas o aperfeiçoamento do/a professor/a aparece como a possibilidade de melhorar a educação do país.

No discurso sobre as novas tecnologias na revista *Nova Escola* emergem enunciados que constroem o/a “novo/a” professor/a. Pode-se denominá-lo como pontocom, conectado/a, plugado/a. Além, de saber tudo sobre a máquina e a internet, ele é capaz de fazer uso desses instrumentos em suas aulas, trabalha com projetos, sabe se relacionar com os colegas e atua interdisciplinarmente. Ele/a aparece como um sujeito moderno/a, atualizado/a, dinâmico/a. Comunica-se via e-mails com alunos e colegas de profissão, aceita críticas e sugestões, revê sua própria metodologia, é informado/a e atualizado/a. Sabe trabalhar em grupo e entende o novo dialeto: o “computadorês”, esse sujeito emerge em contraponto ao/a professor/a que faz parte do mundo pré-digital.

Nos enunciados, percebemos que o/a professor/a aparece de duas formas: como um sujeito desinformado/a, adepto/a da prática tradicional que vê

os/as alunos/as como sujeitos passivos, mas que, através das informações contidas na revista *Nova Escola*, pode tornar-se moderno/a, dinâmico/a, informado/a, atualizado/a, crítico/a se souber usar corretamente as ferramentas da tecnologia. O segundo emerge como um sujeito conectado/a ao mundo, tanto que ele/a pode transitar entre a posição de aprendiz, quando se coloca numa Oficina com seus/suas alunos/as, informa a eles/as o que faz nos finais de semana, ou ainda se dispõe a freqüentar fóruns na internet lendo sugestões e críticas de outros/as colegas. O/a primeiro/a não participa do moderno mundo virtual, o/a segundo/a sabe movimentar-se no mundo virtual. Ao mesmo tempo em que anuncia este outro jeito de ser professor/a, *Nova Escola* ativa antigos enunciados, como a questão de gênero como característica principal do/a profissional do/a ensino das séries iniciais, o despreparo e a desinformação dos/as professores/as. Ativa também alguns saberes, por exemplo: a função da escola como formadora da moral, da ética e da criticidade dos futuros cidadãos.

### **3.6. Considerações finais**

Início agora a etapa de conclusão deste trabalho tentando “alinhar” o percurso que fiz até aqui e que envolveram três áreas do conhecimento bem distintas. A educação, a tecnologia e a mídia, tais áreas que se juntaram num único material, a revista *Nova Escola*, que possibilitou perceber a constituição de certo modo de ser docente e de se exercer a docência.

Percebe-se que a revista se coloca numa ampla rede de discursos e de saberes ao disseminar o discurso sobre novas tecnologias. Esse discurso produz efeito de verdade e acaba constituindo determinado modo de ser docente e de exercer a docência. Pode-se dizer que esse discurso foi possibilitado por muitos outros que circularam em textos diversos, a partir de objetivos também diversos. Assim, à medida que ia pesquisando, percebi que *Nova Escola* somente pôde dizer o que disse sobre o/a docente e a docência na era da tecnologia, porque havia outros discursos sendo disseminados em outros lugares dando-lhe sustentação. Além disso, a Revista associou o saber



da comunicação e o pedagógico e se valeu de outros saberes para criar certas verdades sobre o/a docente e a docência.

Assim, pode-se dizer que o discurso que circulou na revista *Nova Escola* sobre novas tecnologias foi possibilitado porque havia, nas décadas de 60/70, um projeto de desenvolvimento para a nação brasileira que incluía a modernização do país, por meio da construção de uma outra cultura para a sociedade brasileira. A construção dessa nova cultura passava pela transformação da escola incorporando-se a ela alguns meios de comunicação oriundos de tecnologias avançadas. Para Niskier, por exemplo, naquela época, as escolas eram insuficientes para formar a população brasileira. Dizia-se também que os/as professores/as não possuíam a qualificação necessária e, de modo geral, eram adeptos da prática tradicional.

Até aqui aparecem dois enunciados fundamentais e eram repetidos por inúmeros autores: a nação só se desenvolve se o povo é escolarizado, o que depende do número de escolas e de profissionais devidamente qualificados. No entanto, no discurso de Niskier aparece outra questão que move todo o texto: o desenvolvimento propagado dependia do investimento em pesquisas que impulsionasse a Ciência e Tecnologia.

Considerava que este avanço dependia de algumas inovações, e na época, a grande novidade era o computador que acabava de ser inventado nos Estados Unidos. O computador traria, segundo estes discursos, muitas transformações, inclusive para a escola. E é assim que, no texto de Niskier, enuncia-se dois modos de ser docente, o/a professor/a papagaio/a e o professor computador. O primeiro atuava no Brasil, um país tido como nação em desenvolvimento. O segundo estava sendo experimentado nos Estados Unidos, um país considerado desenvolvido. No texto de Niskier, emblemático em termos de educação e tecnologia, emerge ainda uma nova área de conhecimento que podemos chamar de a pedagogia do computador. Para o autor, tal saber encontrava-se ainda na infância e que somente poderia expandir-se no Brasil se professores/as e especialistas transformassem a maneira como pensavam a educação. Para que a pedagogia do computador pudesse chegar às escolas, colocava-se a necessidade de mudar a cultura docente.

O/a professor/a é posicionado como um sujeito despreparado, pouco instruído, adepto da pedagogia tradicional. No entanto, se faz necessário ressaltar que os ditos de Niskier também foram possibilitados por outros enunciados. Assim, quando se refere ao modo como o docente atua, remete aos enunciados que circularam nos textos que tratavam da profissionalização docente que no Brasil associa-se ao discurso religioso. Isso é apontado por pesquisadores desta área, tais como Nóvoa, Valle, Accácio, Berzinski que demonstraram que, até mais ou menos a década de 70, o profissional do ensino era visto como um sujeito vocacionado. Agregava-se, então, a esse discurso a questão do gênero, pois a maioria dos profissionais da educação que atuavam nas primeiras séries do Ensino Fundamental era composto por mulheres. A isso se somavam ainda as questões da desvalorização do profissional, a sobrecarga de trabalho e a falta de infra-estrutura nas escolas. Portanto, os enunciados que posicionam o profissional do ensino como sujeito despreparado se vinculam aos enunciados que emergiram em outros espaços, remetem inclusive aos Cursos Normais e à estrutura curricular, ao tempo de formação e aos conteúdos ali aprendidos. Os enunciados que aparecem no discurso de Niskier produzem efeitos, adquirem 'força' (MARZOLA, 2000) porque se associam a outros enunciados presentes em outros discursos.

Os meios de comunicação aparecem como ferramentas para ensinar, o que é sustentado pelo argumento de que as escolas brasileiras são insuficientes e de que há um grande número de pessoas analfabetas no país. A partir daí, o rádio, a televisão via-satélite e os programas de ensino por correspondência são incluídos como meios utilizáveis para escolarização. O/a docente se transforma numa voz e/ou imagem, emergindo outra forma de docência. Os/as professores/as ensinam a distância e as aulas ocorrem por meio de máquinas. Os/as alunos/as estudam em telepostos ou em casa e a instrução programada torna-se o principal guia de estudos. Assim, modificam-se o/a docente e a docência, aparecendo o sujeito que tem toda a informação do mundo em seu quarto.

No decorrer da década de 90, apareceu, ainda, o programa *Salto para o Futuro* e a *Tevé Escola*. Posteriormente, o Programa Nacional de Informática nas Escolas. Nos programas veiculados, assim como naqueles veiculados através do rádio e das tevês educativas emerge o/a aluno/a cursista, o/a

docente torna-se especialista e a sala de aula torna-se o teleposto. A partir de então, a Educação a Distância se expande. Aliado a isso, surgem iniciativas visando à informatização das escolas, ao mesmo tempo em que se observam algumas modificações em relação à profissionalização docente.

Do ponto de vista da profissão docente, surgem novas demandas, tanto que, para atuar, é preciso formação de nível médio e ou superior e ainda comprovar conhecimentos adquiridos em concursos, o que proporciona certa estabilidade ao/a profissional do ensino. No entanto, com as transformações do mundo globalizado, a inserção das novas tecnologias na sociedade e na escola se coloca como desafio. Neste período, projetava-se distribuir computadores para as escolas públicas e, para isso, necessitava-se criar um programa para a capacitação em informática.

Novamente, circularam enunciados de que a geração de tecnologia própria garantiria o desenvolvimento do país. No entanto, surge o dado de que esse desenvolvimento deveria garantir a soberania nacional.

As universidades passaram a realizar experiências utilizando o computador. Primeiramente, nos cursos de graduação e pós-graduação, como ferramentas auxiliares do/a professor/a. Posteriormente, tais experiências se estenderam para o desenvolvimento de alguns projetos-piloto em escolas públicas com crianças especiais e com dificuldades de aprendizagem. A linguagem Logo e a teoria de Jean Piaget deram sustentação a esses projetos.

Além disso, foram criados alguns centros localizados nas universidades que desenvolveriam projetos em escolas do Ensino Fundamental e Médio, em Universidades e nas Escolas Técnicas. Surgiram os denominados CIEs, CIETs, CIEDs, aliou-se a estas iniciativas o projeto FORMAR, que era um curso de pós-graduação para capacitação de docentes na utilização da informática; foi realizado pela e na UNICAMP.

Assim, formava-se uma rede de ações e de saberes que, consoantes com a política nacional de educação, projetavam quais saberes e modos de pensar o cidadão do século XXI deveria possuir. Compõem esta rede: políticos, estudantes, professores, especialistas, empresários e instituições como universidades, empresas, instâncias políticas, como Ministério da Ciência e Tecnologia e Ministério da Educação.

Os discursos sobre novas tecnologias são disseminados e tornam-se cada vez mais visíveis. Ao mesmo tempo, incumbe-se o/a professor/a de ensinar a aprender, de conhecer e compreender, criando cidadãos autônomos, cooperativos, críticos e interativos. Os programas anteriores serviram de base para a criação do Programa Nacional de Informática – PROINFO.

Tal programa foi implantado no ano de 1997 e a partir dele uma nova rede se constitui, pois aparecem os Núcleos de Informática localizados nas Secretarias Estaduais e Municipais e nas Escolas Técnicas. Dentre os objetivos do programa está o de socializar informações para expandir o conhecimento e assim democratizar oportunidades. Além disso, objetivava-se ainda melhorar o processo ensino-aprendizagem, propiciar acesso às novas tecnologias e educar o futuro cidadão para tornar-se capaz de se comunicar, conviver, dialogar num mundo interativo. Enuncia-se que a comunicação por meio das ferramentas tecnológicas poderia propiciar maior acesso à informação, o que resultaria em aquisição de conhecimentos e contribuiria para a construção da sociedade democrática.

A capacitação de professores/as nos cursos de informática tinha como finalidade o ingresso numa nova cultura. Nos textos do PROINFO retomam-se os enunciados das décadas de 80 e início de 90.

O abandono da pedagogia tradicional, segundo esse discurso, é uma exigência da pedagogia que se constrói a partir da inserção do computador e da internet nas escolas. Além disso, o docente deve adquirir outro perfil, passando a ser um sujeito autônomo, cooperativo, crítico e criativo. Esse mesmo perfil é apontado por pesquisadores que se ocupam em estudar as transformações que as novas tecnologias promovem na escola.

Na formação para o uso das novas tecnologias neste âmbito visa-se, ainda, capacitar para a interação com especialistas que estão a distância e, aqui, remete-se aos Cursos a Distância e aos programas da Tevé Escola. No discurso da formação a distância surgem enunciados que apontam para a emergência de sujeitos autônomos frente às novas ferramentas, e à transformação da prática pedagógica. Este é outro aspecto que se faz presente no discurso aqui descrito. Emerge, assim, o sujeito interativo e o/a docente do século XXI. Este, além de ser autônomo, interativo, dinâmico e moderno, assume outra postura diante da profissão e na vida privada.

A docência passará pelo uso do computador no espaço privado e na sala de aula. Assim, estão colocadas as condições de existência para que o discurso sobre novas tecnologias se propaguem através da mídia, incluindo-se aí a revista *Nova Escola*. Como se vê, não há um início preciso e nem um único espaço onde esta emergência se localize. Os enunciados são descritos em sua dispersão, no entanto, há uma rede de ações e de saberes que se forma em universidades, empresas, Ministérios, Centros, Núcleos e salas de aula.

*Nova Escola*, por ser um dos artefatos da mídia e que chega à maioria das escolas brasileiras, é um espaço de superfície de emergência que condensa o discurso sobre novas tecnologias. Na revista, ele aparece de modo mais sistemático a partir do ano de 1998, e a publicação se vale do saber da comunicação, recorrendo a técnicas e procedimentos próprios desse campo do saber e ao discurso pedagógico, alicerçando seus enunciados na Ciência Pedagogia e no saber pedagógico. A publicação se proclama como um serviço de informação para os/as professores/as, com a finalidade de qualificar os/as docentes e melhorar a educação brasileira. Assim, no discurso de *Nova Escola*, encontramos enunciados comuns aos localizados nos discursos anteriores.

Trata-se de material elaborado para as professoras, como afirmado por Victor Civita, no editorial da primeira edição. O objetivo principal era o de fornecer informações para melhorar o desempenho das professoras, valorizá-las e integrá-las ao processo de mudança em curso no país. Enuncia-se, então, que a educação brasileira “ia mal”, que o país atravessava um processo de mudança e que as professoras eram pouco informadas e desvalorizadas. Estes enunciados retomam alguns outros explicitados no texto de Niskier. Antes, afirmava-se que o Brasil precisava mudar, melhorando a educação. Na revista, o Brasil estava mudando e novamente a educação teria que melhorar. Nos dois textos, esta melhoria depende da qualificação docente.

Civita, ao elaborar uma revista para as professoras, retoma as representações do feminino que, como vimos anteriormente, estão incorporados aos saberes da profissionalização dos sujeitos atuantes no magistério do Ensino Fundamental, principalmente nas primeiras séries. Esses aspectos associam-se à forma como a/o profissional do ensino das primeiras

séries era visto pelos produtores da revista, conforme constatamos na entrevista concedida a Marzola (2000). O editor de *Nova Escola* mencionava que o material era produzido para um/a professor/a que sabia muito pouco de sua profissão. Em relação à temática das novas tecnologias, esses modos de “ver” e representar o/a docente estão “lincados”, pois as mesmas técnicas ainda são utilizadas e nos textos sempre se recorre ao saber pedagógico, tais ligações podem ser percebidas nos editoriais e nas seções aqui descritas e analisadas.

Na seção *Navegar é Preciso*, observa-se que uma das técnicas pedagógicas sugeridas para o aprendizado do uso do computador é o passo-a-passo que remete à receita e também a um discurso da psicologia da educação alicerçado na teoria Behaviorista em que o aprendizado ocorre no movimento que vai do simples para ao complexo. Tal forma de organizar as matérias remete ao dispositivo da gradualidade. O leitor/a da revista apreende os conteúdos em pequenas doses. A receita remete à cozinha, idéia que reforça o papel da mulher na cultura ocidental hegemônica.

Numa reportagem, aprende-se a configurar o outlook; noutra, a comprar um computador; em seguida, há informações sobre o modo de compreender o computadorês, ou ainda sobre a maneira apropriada de enviar e receber e-mails e, assim por diante. Após um período de tempo, apresentando esses tipos de matérias aparecem sugestões para pesquisar em Sites, elaborar planos de aula, participar de blogs e construir o próprio Site. Essa maneira de apresentar as reportagens serve como um dispositivo que remete ao enunciado do despreparo e da pouca informação que, no dizer de Civita, a docente possui. Nessa seção, o tema das novas tecnologias adquire visibilidade, ao mesmo tempo em que se constrói o/a docente.

Nos enunciados que circularam nessa seção emergem, ainda, duas formas de se exercer a docência. A primeira centrada na prática tradicional. O/a docente aparece como sujeito controlador/a. As atividades na sala de aula são todas conduzidas pelo/a professor/a; os/as alunos/as são seres passivos. Na segunda forma, está o/a docente da era digital que é apresentado como sujeito interativo/a que exerce a docência socializando experiências, relaciona-se bem com os alunos, abre a sala de aula para a comunidade, para outros/as docentes, comunica-se via e-mail com docentes de outros pontos do país e do

mundo e sabe disciplinar até mesmo um aluno/a hacker. O sujeito que emerge no discurso da era tecnológica é representado como interativo/a, moderno/a eficiente, possui muitas informações, e por isso, não tem medo da inovação. É mais democrático e ensina a democracia. O/a professor/a aqui pode ser associado ao/a docente que se projetava no discurso do PROINFO e com a professora Cida nas pesquisas de Gilvan L.M.Costa. Observa-se que *Nova Escola* reafirma concepções que aparecem em outros discursos.

Nas reportagens-capas, nota-se que os enunciados modificaram-se, na matéria do ano de 1998, é relatada a chegada dos computadores nas escolas e a tônica do discurso gira em torno da prática do/a professor/a. Novamente, se defende a tese de que as novas ferramentas não podem conviver com a prática tradicional e se menciona que há resistência por parte dos/as docentes. No entanto, os resistentes são representados como aqueles/as que se dispõem a aprender, que estão abandonando seus medos. Porém, os enunciados dos que se recusam a aprender informática não aparecem nos textos. Assim, pode-se dizer que está em ação o princípio da exclusão, pois na revista e nos outros textos só há dois modos de se exercer a docência: o tradicional e o moderno, que faz uso da tecnologia.

Na segunda reportagem, enfatiza-se a importância de estudar e alerta-se para o fato de que aquele/a que não tiver capacitação em informática será carta fora do baralho. O argumento forte desta matéria são os novos hábitos que as pessoas adquirem quando já dominam bem o computador e a internet, nessa reportagem uma professora aproveita as madrugadas para estudar.

Na terceira reportagem que descrevi, comenta-se como agem alunos/as e professores/as quando a escola possui o laboratório de informática. Cada escola foi classificada de acordo com a fase em que se encontra em relação ao uso do computador e da internet. Assim temos a escola apresentada como aquela que está na fase inicial, outra, na intermediária e por fim, aquela que é está na fase final. No discurso da revista ativa-se, novamente, o dispositivo da gradualidade e as escolas e os/as usuários dos laboratórios são classificados de acordo com o nível de atividades que desenvolvem em cada fase. Por fim, as seções *Mural*, *On-Line* e as propagandas aparecem como espaços complementares ao discurso sobre novas tecnologias. Nas propagandas, desenha-se a sala de aula do futuro na qual o material didático é a tecnologia.

Este enunciado pode ser associado ao enunciado da matéria veiculada pelo Jornal Nacional em que se fala da “*sala de aula do futuro – sem canetas, lápis, nem borracha...*” Aparecem ainda o computador montado especialmente para os/as professores/as, os cursos a distância e a Tevê Escola. Todos esses textos adquirem efeitos de verdade porque, além de fazerem parte de uma rede discursiva, na revista *Nova Escola* utilizam-se algumas técnicas que têm a finalidade de “capturar” seu leitor, essas se explicitam no modo como a revista é organizada, na maneira como se concebem os leitores da publicação. Neste discurso futurista, conforme a regra da exclusão, a escola não tecnologizada desaparece com o lápis, a borracha e o caderno.

Os editoriais funcionam como espaço onde o editor trava uma espécie de “diálogo” com o leitor, mencionando a maneira como foram escolhidos alguns temas. Anunciam-se os prêmios que a revista recebe, a troca de editores e repórteres, as novidades implantadas, o número de páginas, o aumento de preços e assim por diante. É também aqui que aparecem os canais de comunicação que a publicação disponibiliza para os/as leitores/as, como vemos nas seguintes passagens: “*entrevistamos mensalmente 20 professores da Educação Básica para conhecer de perto suas necessidades, interesses e preocupações [...]*”, “*temos um serviço permanente de Atendimento ao Leitor [...]*”, “*as sugestões que chegam vão diretamente para as páginas da revista [...]*”, “*toda a equipe repórteres, redatores, pessoal de Marketing saía para conversar com ‘seu’ leitor [...]*”<sup>245</sup>.

Como vimos, enuncia-se que a revista é feita por e para os/as professores/as, pois a utilização de entrevistas, a escuta de opiniões, a montagem de grupo de estudo e observação do real resultam em matérias que visam atender aos interesses e necessidades dos/as professores/as brasileiros e, ainda propiciar a troca de experiências entre docentes dos diversos pontos do Brasil. O tema da valorização do/a docente aparece constantemente no discurso desde a primeira edição. Para valorizar os/as docentes, aponta-se a criação de algumas matérias que trazem relatos de experiências bem

---

<sup>245</sup> GROSSI, Gabriel Pillar. Caro professor. *Nova Escola*, São Paulo, ano XVIII, n.165. Disponível em [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br). Acesso em 20/06/2006.



sucedidas em sala de aula. Esses relatos servem como uma espécie de modelo que pode ser experimentado também por outros/as docentes.

Neles também está presente uma outra técnica utilizada pelos editores e que, de certo modo, dá veracidade ao texto. Na matéria, além da experiência relatada aparece o nome do/a docente, o local onde atua e o tempo de experiência em sala de aula. No entanto, não é o/a professor/a que narra sua experiência, isso é feito pelo repórter e intermediado pelo/a professor/a, seguido geralmente do depoimento de um especialista no assunto. Pode-se dizer que a fala desse profissional está alicerçada no status que ele possui. Conforme Foucault, por exemplo “[...] o *status do médico compreende os critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes fixar limites – à prática e à experimentação do saber [...]*”<sup>246</sup>. O especialista, assim como o médico, possui um status não porque ele/a é a pessoa tal, mas porque há um conjunto de relações que lhe dão este status. A começar pelo título de especialista. Quando um sujeito recebe esta denominação é porque se supõe que ele/a tenha um domínio aprofundado do assunto, possua experiência prática, ocupe posições diferenciadas, como, por exemplo, trata-se da opinião do coordenador do laboratório de informática da Universidade de São Paulo e professor/a da disciplina “X” no Curso de Jornalismo da USP. Tal conjunto de relações conferem valor de verdade à fala do especialista. Assim, quando *Nova Escola* faz referência ao profissional especializado, está acionando esse feixe de relações.

Os relatos de experiência possuem ainda outra característica, normalmente, a atividade apresentada se desdobra em várias outras, como pôde ser visto no relato sobre a utilização do Site de Sebastião Salgado.

Nas seções como *Navegar é Preciso* e nas reportagens-capa algumas técnicas se repetem, mas com algumas variações, pois como a revista pressupõe que escreve para um/a professor/a despreparado/a e pouco informado/a, utiliza-se, novamente da técnica do passo-a-passo, ou da gradação dos conteúdos, que apresentam níveis de evolução que, geralmente,

---

<sup>246</sup> FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 56.

vão do simples para o complexo, como pôde ser notado na reportagem sobre as escolas que utilizam o computador em três níveis diferentes.

A revista recorre ainda a imagens que, em alguns casos, direcionam o texto, como vimos na reportagem-capa de 1998, onde o monitor aparece querendo devorar um boneco.

O discurso sobre novas tecnologias na revista *Nova Escola* foi possibilitado por várias iniciativas, que antecederam os programas de informatização das escolas públicas, pelos projetos de educação a distância, pelos projetos e programas que antecederam a implantação do PROINFO, por outras mídias. Como já mencionei, a revista faz parte de uma rede de saberes e de discursos remetendo o/a leitor/a para outros espaços, como programas de tevê, livros, Sites de outros/as professores/as, vídeos e CDROMS.

O/a docente e a docência adquirem visibilidade nos enunciados que aparecem nas diversas seções e nas reportagens e, para isso *Nova Escola* utiliza a lógica binária. Assim, ao lado do professor/a despreparado/a, aparece aquele/a que pode e deve se informar, continuar estudando e avançar. Esses argumentos sempre são reforçados por depoimentos de docentes que superaram suas deficiências. Ao lado do/ desinformado/a, emerge o/a informado/a; do/a antiquado/a, o/a moderno/a; do/a dependente, o/a autônomo/a; do/a tradicional, o/a interativo/a e assim por diante. As posições sujeito que emergem nesse discurso representam os/as docentes ou como aqueles/as que não estão capacitados para usar o computador e a internet, mas que se desafiam para aprender e, geralmente são apresentados como exemplos de superação, esforço e dedicação, ou aqueles/as que já sabem fazer uso destes instrumentos, apresentando-se relatos de práticas bem sucedidas que são mostradas também como exemplos.

No entanto, no discurso da revista, o sujeito que diz não às novas tecnologias, que resiste e não adere ao novo não é mostrado, há um princípio de exclusão nas regras do discurso de *Nova Escola*, no qual as vozes daqueles/as que discordam ou resistem às novas tecnologias não são apresentadas.

As práticas subjetivadoras explicitam-se na lógica binária, uma vez que o discurso efetuado sobre as novas tecnologias é aliado ao discurso de que a inserção do computador e da internet podem transformar a prática pedagógica

e as escolas. Os que estão inseridos no processo de capacitação ou já estejam capacitados e os que estão fora deste processo acabam automaticamente classificados, rotulados e nomeados. Como vimos, isso produz efeitos porque nesta lógica os/as professores/as são posicionados como sujeitos.

Os efeitos de verdade desse discurso é produzido na medida em que a Revista recorre a saberes da Ciência Pedagogia e saberes da área da comunicação, a práticas institucionais, às práticas locais, aos especialistas, às publicações da área, às estatísticas e a outros discursos que circulam próximos do saber pedagógico e que reforçam os ditos da revista.

O/a professor/a, no discurso que perpassou todo este trabalho perante as novas tecnologias, é um imigrante diante do mundo dos nativos (alunos). Estes lêem, pesquisam, divertem-se, fazem amigos, trocam informações de uma maneira bem diferente da que “nós imigrantes” estamos acostumados. Os/as professores/as do mundo dos imigrantes, assim como os pais e mães, sentem-se inseguros diante das possibilidades que os nativos têm. Por isso, as famílias e as escolas se sentem ameaçadas.

O imigrante (professor/a) geralmente é do gênero feminino e é representado como um sujeito despreparado para desempenhar sua função. Na era da tecnologia, é aquele/a que tem toda a informação do mundo a disposição em seu quarto e é, também aquele/a que atuará na sala de aula do futuro, na qual o material didático é a tecnologia, sem lápis, borracha ou cadernos.

Para finalizar quero dizer que se este trabalho servir para nos interrogarmos sobre o modo como somos constituídos e subjetivados como sujeitos professores/as ele já terá cumprido o propósito para o qual foi realizado.

## Referências bibliográficas

ACCÁCIO, Liete Oliveira. **Formando o professor primário: A escola normal e o instituto de educação do Rio de Janeiro.** Disponível em [www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_055.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_055.html). Acesso em 12/02/2008

COSTA, Gilvan Luiz Machado. **A mudança da cultura docente em um contexto de trabalho colaborativo de introdução das tecnologias de informação e comunicação na prática escolar.** Disponível em [www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt08/gt091260int.rtf](http://www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt08/gt091260int.rtf). Acesso em 15/02/2008.

COSTA, Marisa Vorraber. **Mídia, magistério e política cultural:** In COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Estudos culturais em educação,** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

DINIS, Nilson Fernandes. Apresentação. Revista EDUCAR, Dossiê: **Mídia e educação: novos sujeitos e novas pedagogias.** Curitiba. n. 26, dez/2005.

FABRIS, Eli T. Henn. **Em cartaz o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente.** 254 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FERNANDES, Natal Lânia Roque. **Professores e computadores navegar é preciso!** Porto Alegre: Mediação, 2004.

FERNANDES, Olívia Paiva. **O computador na formação de pedagogos: um diálogo possível?** Disponível em [www.anped.org.br/anpedgt16/16640int.rtf](http://www.anped.org.br/anpedgt16/16640int.rtf). Acesso em 15/02/2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, – n.20, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.

\_\_\_\_\_. **Adolescência em discurso. Mídia e produção de subjetividade.** 297 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996. Disponível em [www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000188015&doc=2007&!c6aa88775056c559](http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000188015&doc=2007&!c6aa88775056c559).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder,** 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e da história dos sistemas de pensamento**. 2. ed. Col. Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir história da violência nas prisões**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade a vontade de saber vol. I**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCIA, Maria M. A. HYPOLITO, Jarbas S. V. **As identidades docentes como fabricação da docência**. Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_artex&pid=s1517-97022005000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artex&pid=s1517-97022005000100004). Acesso em 13/02/2008.

GENTIL, Mônica Salles. **Revistas da área da educação e professores – interlocuções**. 160 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 2006. Disponível em [libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000378392](http://libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000378392).

GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Discurso e Mídia a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, S.P.: EDUSC, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber a trajetória da arqueologia de Foucault**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MARZOLA, Norma. **Os sentidos da alfabetização na revista nova escola**. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Estudos culturais em educação**, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2000.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder: conformação da pedagogia moderna**, mimeo.

NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PEREIRA, Maria José de Moraes. **A escola normal e a formação da professora primária em Minas Gerais: de normalista linda e guardiã dos princípios morais e dos bons costumes**. Disponível em [www.anped.org.br/reunioes/28textos/gt08/gt08126int.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/28textos/gt08/gt08126int.rtf). Acesso em 12/02/2008.

PEDROSO, Leda Aparecida. **A revista Nova Escola: Política educacional na 'nova república'**. 277 f. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 1999. Disponível em [libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000189649](http://libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000189649)

ROCHA, Cristianne Famer. **O espaço escolar em revista**. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org). **Estudos culturais em educação**, mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: editora da UFRGS.

SCHIMIDT, Saraí. **Discutindo relações entre escola e o currículo do jornal**. Disponível em [www.alb.com.br/anaisjornal/CD\\_seminário/Textos/Conferência\\_Dia30/SaraíSchmidt.htm](http://www.alb.com.br/anaisjornal/CD_seminário/Textos/Conferência_Dia30/SaraíSchmidt.htm). Acesso em 14/03/2007.

SILVEIRA, Fernanda, R. da. **Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004**. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas S.P., 2006. Disponível em [www.libdig.unicamp.br/document/?code=vtls=000380842](http://www.libdig.unicamp.br/document/?code=vtls=000380842).

VALLE, Ione Ribeiro. **Da 'identidade vocacional' à 'identidade profissional': a constituição de um corpo docente unificado**. Disponível em [www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2002\\_especial/12\\_valle.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/12_valle.pdf). Acesso em 13/02/2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

### **Bibliografia consultada**

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso um estudo sobre a revista Realidade**. (1966-1976). 146 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas/IEL, Campinas, 1998.

CASTRO, Gilberto de. **Algumas aproximações entre o pensamento de Michel Foucault e o círculo de Bakhtin**. In: Conferência internacional sobre Bakhtin, XI, 2003. Curitiba Pr. Proceedings of the eleventh international Bakhtin conference. Universidade Federal do Paraná, p.p.159-164, CDROM.

COSTA, Marisa Vorraber e SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas**. In: BRUSCHINI, Cristina e HOLLANDA, Heloísa Buarque. (Orgs). **Horizontes Plurais**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. Editora 34, 1998.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de babel políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **A conexão planetária o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

LIMA, Homero Luís Alves. **Do corpo-máquina ao corpo-informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico**. 2004. 317 f. Tese (Doutorado) em Sociologia – Centro de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em [www.boletimef.org/?Canal=12&file=757](http://www.boletimef.org/?Canal=12&file=757). Acesso em 20/09/2006.

FISCHER, Rosa M. B. **Televisão & educação fruir e pensar a TV**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação**. Revista brasileira de educação. Mai/jun/jul/ago, n.20,2002.

\_\_\_\_\_. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de pesquisa, novembro, n. 114, p.p. 197-223, 2001.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Discurso e mídia a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros a prática dos estudos culturais**. São Paulo: ARTMED, 2003.

GHILARDI, Maria Inês e BARZOTTO, Valdir Heitor. (Orgs.). **Nas telas da mídia**. Campinas: Alínea, 2002.

GONDRA, José e KOHAN, Walter. (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revista. A segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho D' Água/ Fapesp, 2001.

MORAIS, Fernando. **Chatô o rei do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, n.01 v.29, jan./jun, 2004. **Dossiê Michel Foucault**.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Desregulagens educação, planejamento e tecnologia como ferramenta social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **O sujeito da educação estudos foucaultianos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHMIDT, Saraí P. **Ter atitude: escolhas da juventude líquida um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global**. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em [www.ufrgs.br/neccso/tesesconcluidas.html](http://www.ufrgs.br/neccso/tesesconcluidas.html). Acesso em 15/04/2007.

RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz B. L. e VEIGA-NET, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VARELA, Julia e ALVAREZ-URIA, Fernando. **Arqueologia de la escuela**. Madrid: Las ediciones de La Piqueta, 1991.

### **Revista nova escola (seções analisadas)**

#### **Seção Navegar é preciso**

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Só falta você. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIV, n.130, mar, 2000.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: É seu e-mail até a China. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.132, mai, 2000.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: CDecifre o “computadorês”. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.133, jun/jul, 2000.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Don't worry! **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.131, abril, 2000.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: Imagens Que ajudam a ensinar. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n.134, ago, 2000.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VAcerta na primeira compra. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.141, abril, 2001.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: DComo domar um hacker . **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.144, ago, 2001.

FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: D Como domar um hacker. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n.144, ago, 2001.



FALZETTA, Ricardo. Navegar é preciso: VA revolução dos inconformáticos. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVII, n.149, jan/fev, 2002.

### **Reportagens-capa**

Nova Escola. Reportagem capa. Professor tem dificuldade em mudar estilo de aula. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIII, n.111, mar, 1998.

FERRARI, Márcio. Estudar faz bem para a sua carreira. **Nova Escola**. São Paulo, ano XVIII, n. 166, out, 2003.

MENEZES, Débora. Tecnologia ao alcance de todos. **Nova Escola**, ano XXI, n. 195, set, 2006.

### **Editoriais**

CIVITA, Victor. Carta do editor. **Nova Escola**, São Paulo, ano I n. 01, mar, 1986.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro educador. **Nova Escola**, São Paulo, ano XXII, n.199, jan/fev, 2007.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVIII, n.165, 2003.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n. 132, mai, 2000.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n. 148, dez, 2001.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XVIII, n. 164, ago, 2001.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV, n. 146, out, 2001.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro Professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIV n.134, 2000.

MOURÃO, Leonardo. Carta ao leitor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIII n. 127, nov, 1999.

GROSSI, Gabriel Pillar. Caro professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XV n.137, nov, 2000.

NOGUEIRA, Nilcéa. Caro professor. **Nova Escola**. São Paulo, ano XX, n. 179, jan/fev, 2005.

NOGUEIRA, Nilcéia. Caro professor. **Nova Escola**, São Paulo, ano XIX, n.169, jan/fev, 2004.

SANCHEZ, Ana. Amigos. **Nova Escola**, São Paulo, ano III, n. 27, dez, 1988.

SANCHEZ, Ana. Amigos. **Nova Escola**, São Paulo, ano V, n. 45, dez, 1990.

### Sites visitados

<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/educa%C3%A7%C3%A3o.html>. Acesso em 12/03/2008.

[http://www.abril.com.br/br/conhecendo/conteudo\\_43899.shtml](http://www.abril.com.br/br/conhecendo/conteudo_43899.shtml). Acesso em 12/03/2008.

<http://www.abril.com.br/homes.php?MARCA=34>. Acesso em 12/03/2008.

[www.abril.com.br](http://www.abril.com.br).

### Material consultado

NISKIER, Arnaldo. **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971.

SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições da história**. In: Em Aberto, ano 16, n.70. abr./jun. Brasília, 1996. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br). Acesso em 17/07/2007.

MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas**, abril, 1997. Disponível em [www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html](http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/m1/mariacandida.html). Acesso em 02/2007.

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED Departamento de Informática na Educação a Distância – DIED. **Relatório de atividades 1996-2002**, Brasília dezembro, 2002. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br). Acesso em novembro 2006.

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE – MEC, Secretaria de Educação a Distância – SEED. **Programa nacional de informática na educação PROINFO – Diretrizes**. Brasília, julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br) , acesso em 05/2007.

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE - MEC, Secretaria de Educação a Distância. **Recomendações gerais para a preparação dos núcleos de tecnologia educacional**. Brasília, versão julho de 1997. Disponível em [www.proinfo.mec.gov.br](http://www.proinfo.mec.gov.br). Acesso em maio de 2006.

